

# O Bem-Estar Financeiro em Portugal:

## Uma Perspetiva Comportamental

Maio de 2024



# Prefácio.

“A felicidade é o significado e o propósito da vida, a finalidade última da existência humana” (Aristóteles, n.d.).

Quando falamos de finanças, números, dinheiro, tendemos a colocar uma ênfase negativa nesta componente das nossas vidas. Em Portugal, falar de finanças ainda é um tabu para grande parte da população. Por exemplo, no presente estudo, 1 em cada 3 portugueses reportou que discutir as suas finanças com outras pessoas é uma fonte de ansiedade.

No contexto atual, após uma pandemia que impactou diretamente a vida financeira dos portugueses e em que o número de portugueses em risco de pobreza aumentou (INE, 2023), em que os custos de habitação estão elevados (Alfredo AI, 2024), e que 30% dos jovens nascidos em Portugal vive fora do país, em busca de melhores condições financeiras (Expresso, 2024), é premente perceber o estado do **bem-estar financeiro dos portugueses**.

Mas bem-estar financeiro não é apenas um construto aritmético. Ganhar  $x$ , ter  $y$  despesas e  $z$  poupanças, não é suficiente para determinar o nível de bem-estar financeiro experienciado por cada pessoa.

Este estudo tem como ponto de partida entender o bem-estar financeiro dos portugueses de uma perspetiva que vai para além de um mero cálculo aritmético do seu estado financeiro, mas que tenha em conta as perceções subjetivas dos mesmos sobre o seu estado financeiro; a sua ansiedade em relação às suas finanças; como estas lhes permitem, entre outros aspetos, perseguir as suas paixões, fazer frente às suas despesas atuais, e precipitar um futuro de acordo com as suas expectativas.

Desde 2012, que as Nações Unidas defendem que a promoção da Felicidade (Bem-estar) das pessoas deve ser o objetivo central da atividade das nações. Sabemos também que a perceção subjetiva de bem-estar financeiro é mais preditiva do bem-estar/felicidade das pessoas do que o seu estado financeiro objetivo (Netemeyer et al., 2018).

O presente estudo apresenta uma descrição do estado atual do bem-estar financeiro subjetivo dos portugueses e dos seus determinantes. Nele, respondemos a algumas questões, nomeadamente:

- Quais os grupos demográficos com menor bem-estar financeiro em Portugal?
- Em Portugal, quais as variáveis que estão associadas a um maior bem-estar financeiro?
- Qual a relação entre bem-estar financeiro e bem-estar geral dos portugueses?
- O que podemos fazer para aumentar o bem-estar financeiro em Portugal?

Ao longo deste estudo iremos apresentar os principais resultados do estudo “**Bem-Estar Financeiro em Portugal: Uma perspetiva Comportamental**“, com foco na variável de bem-estar financeiro subjetivo e a sua relação com variáveis demográficas e outras variáveis psicológicas relevantes neste contexto, nomeadamente conhecimento, atitudes e comportamentos financeiros e viéses cognitivos. Ao longo do estudo serão apresentadas explicações dos conceitos estudados, de forma clara e simples para facilitar a compreensão da pessoa leitora.

# Índice.

1	<b>Prefácio</b>
4	<b>Sumário Executivo</b>
5	Principais Resultados
6	Principais Conclusões
7	<b>Comentário de Sérgio Cardoso - Chief Education Officer, Doutor Finanças</b>
8	<b>Ficha Técnica</b>
10	<b>Caracterização Demográfica</b>
11	<b>Introdução</b>
12	<b>Bem-Estar Financeiro</b>
21	<b>Literacia Financeira</b>
22	Conhecimento Financeiro
28	Atitudes Financeiras
29	Ansiedade Financeira
33	<b>Heurísticas e Viéses</b>
36	CRT
37	Desconto Hiperbólico
38	<b>Comportamentos Financeiros</b>
42	Planeamento
45	Gestão e Monitorização
49	Endividamento
53	Poupança
57	Investimento
61	Comportamentos Financeiros
64	<b>Comentário Professor Diego Costa Pinto - Diretor NOVA Marketing Analytics Lab</b>
65	<b>Predizer Bem-Estar Financeiro</b>
71	<b>Bem-Estar Geral</b>
77	<b>Conclusões</b>
78	<b>Comentário Professor Mário Ferreira - Presidente Conselho de Escola da FPUL</b>
83	<b>Referências Bibliográficas</b>
89	<b>Apêndices</b>
90	Apêndice A - Nota Metodológica
92	Apêndice B - Nota Estatística
95	Apêndice C - Caracterização Demográfica

# Sumário Executivo.

A população portuguesa apresenta um nível de literacia financeira baixa, o que está a afetar o seu bem-estar financeiro e, conseqüentemente, o seu bem-estar geral:

- **1 em cada 4 portugueses tem dificuldades em pagar as suas contas;**
- **53% da população sente-se insatisfeita com a sua vida financeira;**
- **Quase metade refere que experiencia stress devido à sua condição financeira.**

Se olharmos para um panorama global, o conhecimento financeiro dos portugueses é inferior ao dos alemães há 15 anos. Estes números reforçam a necessidade de uma investigação profunda e a definição de planos de ação capazes de dar resposta a este cenário.

O estudo “Bem-Estar Financeiro em Portugal: Uma Perspetiva Comportamental” foi desenvolvido pelo **Doutor Finanças**, em parceria com a **Laicos – Behavioural Change**, e conta com a chancela da **Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL)** e da **NOVA Information Management School (Nova IMS)**, que garantem o rigor científico desde a sua conceção à análise e interpretação dos resultados.

Esta investigação pretende compreender o estado atual do bem-estar financeiro dos portugueses, analisando os comportamentos financeiros e as componentes psicológicas de uma amostra demograficamente representativa da população portuguesa.

## Amostra:

De forma a garantir uma amostra demograficamente representativa de Portugal, utilizou-se o método de recolha de amostragem por quotas, comumente utilizado em sondagens de opinião em Portugal, utilizando os seguintes parâmetros para definir as quotas amostrais: **Sexo, Idade, Zona Geográfica e Nível de Rendimento por Adulto Equivalente**. O cálculo da amostra do estudo teve em conta um intervalo de confiança equivalente de 95%, com uma margem de erro de 3,5%.

Assim, em janeiro de 2024, foram recolhidas respostas de 800 pessoas entre os 18 e os 75 anos com naturalidade portuguesa e a residir em Portugal à data de participação do estudo.\*

\*A caracterização demográfica dos inquiridos pode ser consultada no Apêndice C.

# Principais Resultados.

- **64% dos portugueses têm um baixo conhecimento financeiro:**

Foram colocadas três grandes questões no estudo, relacionadas com taxas de juro, inflação e diversificação/risco para avaliar o nível de conhecimento financeiro e apenas 36% das pessoas responderam corretamente às três questões.

- **O nível de conhecimento financeiro atual em Portugal está atrás do nível da Alemanha de há 15 anos:**

No estudo foi comparado o conhecimento financeiro dos portugueses com outros países europeus com PIB per capita e literacia financeira acima da média europeia. Portugal está atrás dos níveis de Alemanha e Países Baixos de há 15 anos atrás.

- **Metade dos portugueses sentem-se ansiosos com as suas finanças pessoais:**

Os inquiridos revelam que as questões financeiras contribuem para os seus níveis de ansiedade, existindo uma percentagem significativa que apresenta sentimentos de culpa quando pensa sobre as suas finanças pessoais.

- **1 em cada 4 portugueses tem dificuldades em pagar as contas e cumprir as suas obrigações financeiras:**

O sobreendividamento está associado a comportamentos de consumo descuidados e imprudência financeira, sendo também uma fonte frequente de estigma social e preconceito, o que coloca mais pressão sobre as condições de vida das pessoas. Mais de metade dos inquiridos assume ter demasiadas dívidas, com valores muito altos face aos seus rendimentos.

- **Quase metade dos portugueses não tem um fundo de emergência:**

A maioria dos portugueses tem alguma poupança, contudo, quase metade não tem o suficiente para cobrir despesas durante três meses em caso de emergência. Significa isto que em caso de perda de rendimento, as famílias portuguesas têm desafios adicionais.

- **Dos 45% dos portugueses que nunca investiram, apenas 38% refere que já considerou fazê-lo:**

A maioria dos portugueses já investiu algum dinheiro, sendo que a fatia mais considerável das poupanças das famílias é direcionada para produtos com menor risco, como Certificados de Aforro e Planos Poupança Reforma.

# Principais Conclusões.

## 1. O bem-estar financeiro assume um papel central no bem-estar geral das pessoas:

- Portugueses com menor bem-estar financeiro têm uma probabilidade três vezes maior de experienciar tristeza;
- O bem-estar financeiro subjetivo é mais importante para o bem-estar geral dos portugueses do que os seus rendimentos.

## 2. Em Portugal, pessoas que sejam do sexo feminino, que apresentem rendimentos baixos ou que tenham um nível de escolaridade até ao ensino secundário têm mais probabilidade de:

- Experienciar um nível de bem-estar financeiro baixo;
- Ter baixos níveis de conhecimento financeiro;
- Sentir mais ansiedade financeira.

## 3. Quem tem mais rendimentos, sabe mais, adota melhores comportamentos e sente-se melhor com a sua vida financeira.

## 4. O conhecimento é uma condição necessária, mas não suficiente para alcançar um maior bem-estar financeiro. É o ecossistema de comportamentos, atitudes, conhecimento e rendimento que levam ao nível de bem-estar experienciado pelas pessoas.

- Os comportamentos mais conducentes a bem-estar financeiro são comportamentos de não-endividamento e de poupança.

# Comentário.

“No Doutor Finanças, acreditamos que o bem-estar se conquista com o equilíbrio de três elementos fundamentais: mente, corpo e carteira.”

Acordamos de manhã para sermos mais felizes. Ainda que seja um conceito subjetivo e a felicidade possa ter significados distintos para todos, é nisso que investimos grande parte da nossa energia. No Doutor Finanças, acreditamos que esse bem-estar apenas se conquista com o equilíbrio de três elementos fundamentais: **mente, corpo e carteira.**

No cenário em constante evolução da economia global, o bem-estar financeiro emergiu como um elemento crucial de discussão entre investigadores, instituições e sociedade civil. Este estudo visa explorar a natureza multifacetada do bem-estar financeiro, investigando os seus determinantes, impactos e as diferentes perceções que o moldam.

O bem-estar financeiro não se limita apenas à medida do rendimento ou da riqueza de cada um; abrange, antes, um espectro mais amplo de segurança financeira, liberdade de escolha e capacidade de cumprir obrigações financeiras atuais e futuras. Está intrinsecamente ligado à paz mental, satisfação e resiliência face a adversidades económicas.

A importância do bem-estar financeiro é sublinhada pela sua influência profunda na nossa qualidade de vida, na saúde mental e na capacidade de participar na sociedade com dignidade e confiança. Como tal, este estudo aborda as dimensões psicológica, social e económica que contribuem para o estado financeiro de um indivíduo.

Através de uma revisão abrangente da literatura e análise empírica, o estudo investiga o papel da educação financeira, da estabilidade do rendimento, do comportamento de poupança e do acesso a serviços financeiros no fomento do bem-estar financeiro. Além disso, avalia o impacto de fatores socioeconómicos, como idade, género, situação profissional e contexto cultural.

O objetivo final desta investigação é fornecer insights acionáveis que possam informar o desenvolvimento de políticas, o planeamento financeiro e os processos de tomada de decisão individuais. Ao aprofundarmos a nossa compreensão do bem-estar financeiro, podemos abrir caminho para sociedades mais inclusivas e prósperas.

Desde a sua criação que o Doutor Finanças tem como missão a promoção da literacia financeira, enquanto motor de um maior bem-estar geral.

Ajudar os portugueses a tomar melhores decisões financeiras é algo que está presente em todas as ações que desenvolvemos. O portal, os conteúdos desenvolvidos e a Academia Doutor Finanças são apenas alguns exemplos. Já lançámos livros e uma peça de teatro infantil. Tudo isto, alinhado com o mesmo propósito.

**Em 2024, ano em que celebramos o 10.º aniversário, o lançamento deste estudo pretende contribuir para uma discussão produtiva e consequente sobre a importância da literacia financeira em Portugal. Para o Doutor Finanças são 10 anos a aprender, a ensinar e a ajudar. As conclusões deste exercício de reflexão e análise serão fundamentais para desenhar o caminho para os próximos 10 anos. E queremos ir mais longe.**

Não queremos apenas melhorar a posição nos rankings de literacia financeira. Acreditamos que a literacia não é uma finalidade em si, mas sim uma ferramenta para algo muito maior do que apenas uma vida financeira mais equilibrada. É crucial para o nosso bem-estar e felicidade.

**Sérgio Cardoso**  
**Chief Education Officer, Doutor Finanças**

# Ficha Técnica.

## Bem-Estar Financeiro em Portugal: Uma Perspetiva Comportamental.

### Resumo:

O conceito de bem-estar é central para descrever a experiência humana. Apesar da sua importância, a aplicação deste conceito à vertente financeira da vida das pessoas é relativamente recente. Investigação científica sobre o tema cresceu acentuadamente após a crise financeira global de 2008 (Sorgente & Lanz, 2017). Este tema assume ainda mais importância no contexto português quando se verifica que, comparativamente à média Europeia, Portugal apresenta consistentemente níveis baixos de literacia financeira (Comissão Europeia, 2023).

Considerando o aspeto financeiro das nossas vidas como central para o desenrolar das mesmas, é imprescindível saber o que é realmente "bem-estar financeiro" e as suas consequências, bem como criar intervenções e serviços capazes de dar resposta às necessidades das pessoas nesta área das suas vidas.

**Assim, o presente estudo procura compreender o estado atual do bem-estar financeiro dos portugueses, com incidência em comportamentos financeiros e componentes psicológicas, de uma amostra demograficamente representativa da população portuguesa.**

Em Janeiro de 2024 foram recolhidas respostas de 800 pessoas entre os 18 e os 75 anos com naturalidade Portuguesa e a residir em Portugal à data de participação do estudo. A recolha de dados foi realizada pela Pontis - Ponte de Informação e Serviços Lda, uma empresa parceira com vasta experiência neste tipo de metodologias.

### Palavras-chave

Bem-estar financeiro, Ciência comportamental, Bem-estar subjetivo, Literacia financeira; Psicologia

Este estudo é parte de um projeto de maior escala que visa produzir e apresentar conhecimento científico acerca do bem-estar financeiro em Portugal e quais as variáveis mais críticas a ter em conta neste âmbito, por exemplo: consequentes - variáveis influenciadas pelo bem-estar financeiro como consequência do mesmo ou falta dele (e.g., satisfação com a vida); antecedentes - variáveis que influenciam o bem-estar financeiro e nas quais se pode atuar para o aumentar (e.g., literacia financeira); e variáveis cognitivas que influenciam a tomada de decisão de forma menos ou mais deliberada (e.g., desconto hiperbólico).

O projeto conta com a chancela científica de duas instituições de ensino superior - Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e NOVA Information Management School (NOVA IMS) - garantindo rigor científico desde a sua conceção à análise e interpretação dos resultados.

Em suma, este estudo pretende retratar cientificamente a realidade do bem-estar financeiro em Portugal, com o intuito de aprofundar o conhecimento acerca do contexto financeiro português e dos portugueses, o que o influencia, tal como divulgar os resultados de forma acessível a qualquer leitor, tendo partido de uma missão em comum da Laicos - Behavioural Change e do Doutor Finanças: **Promover o bem-estar financeiro dos portugueses.**

## Bem-Estar Financeiro em Portugal: Uma Perspetiva Comportamental.

### Entidades Protocoladas:

#### **Doutor Finanças, Unipessoal Lda**

O Doutor Finanças desenvolve a sua atividade no mercado português na área da intermediação de crédito a título vinculado. Em concreto, a sua atividade comercial consiste na prestação de serviços de intermediação de crédito à habitação (novos e já em vigor com instituições de crédito), crédito ao consumo, designadamente crédito pessoal, crédito consolidado e crédito automóvel (os “Serviços”), utilizando para o efeito o know-how acumulado ao longo do seu tempo de atividade e, um conjunto de ferramentas informáticas, designadamente a Clínica Online Doutor Finanças. Enquanto especialista em finanças pessoais e soluções de crédito e poupança, tem como missão ajudar as pessoas a tomar melhores decisões financeiras. Sabendo que informação é poder, disponibiliza no portal diversos artigos e dicas de poupança, ferramentas, simuladores e outras soluções que permitem fazer uma gestão equilibrada da carteira, sempre com o objetivo de elevar a literacia financeira.

#### **Laicos - Behavioural Change Lda**

Na Laicos, somos especialistas em crenças, atitudes e comportamento humano e temos como missão melhorar o bem-estar na sociedade, aplicando ferramentas da psicologia e das ciências comportamentais, através de métodos rigorosos de investigação científica com insights baseados em evidência, sempre com foco na promoção da qualidade de vida das pessoas. Através de uma abordagem assente no estabelecimento de relações próximas com os nossos parceiros, focamo-nos em gerar mudança e trazer melhorias tangíveis ao mundo.

#### **Associação para o Desenvolvimento da NOVA Information Management School**

A NOVA IMS enquanto unidade orgânica da Universidade NOVA de Lisboa tem como missão, entre outras matérias, o desenvolvimento e expansão dos projetos académicos e científicos em curso, mantendo simultaneamente os seus valores e linhas de orientação estratégica. O conjunto de componentes estratégicos combina a excelência do ensino, aprendizagem e investigação, o reforço das parcerias com a sociedade e o mundo empresarial, criando um legado de excelência e afirmando a NOVA IMS como uma referência na área da ciência de dados e gestão da informação.

#### **Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa**

A FPUL tem como missão, entre outras matérias, oferecer formação e investigação de classe mundial no âmbito da psicologia e da ciência cognitiva, assim como a disseminação da psicologia enquanto ciência e enquanto intervenção cientificamente fundamentada. Forma futuros psicólogos para intervir com rigor científico e espírito crítico nos domínios da saúde, da educação, do ambiente e do trabalho. Quer no campo da investigação como da intervenção, tem como linhas-guia os grandes desafios sociais da atualidade.

# Caracterização Demográfica.

## Amostra demograficamente representativa da população portuguesa.

Começamos por apresentar a caracterização da amostra deste estudo. Variáveis demográficas são as características dos participantes que permitiram recolher uma amostra representativa da população portuguesa, seguindo 4 quotas amostrais: **Sexo; Idade; Zona Geográfica;** e **Rendimento**. Incluímos também o **Nível de Escolaridade Completa** nesta caracterização, apesar de não terem sido critério na seleção da amostra por quotas. Este estudo foi realizado considerando a população residente em Portugal, entre os 18 e 75 anos de idade.

### Como medimos?

A formulação das questões acerca do sexo, idade, zona geográfica e nível de escolaridade completa foi retirada dos Censos de 2021 (INE, 2021), de forma a assegurar uma comparação válida com os mesmos.

Para este estudo, em linha com o supramencionado, foi recolhida a variável “Sexo” e não “Género”, pela necessidade de utilizar a mesma medida utilizada nos Censos (INE, 2021), que utiliza uma variável de sexo, binária (Masculino, Feminino). Desta forma, por razões de comparação e constituição da amostra representativa da população portuguesa, utilizámos a definição presente nos Censos.

O Nível de Escolaridade Completa também foi transformado para representar apenas 2 níveis. De forma a manter uma estrutura de dados comparável com outros estudos e, neste caso, com o estudo da OCDE (2023), dividimos a amostra em termos de nível de escolaridade completa em: Até Ensino Secundário e Ensino Superior.

A Zona Geográfica segue uma adaptação da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos 2 (NUTS II), constituída por sete unidades, das quais cinco no continente - Região Norte, Região Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo e Algarve - e os territórios da Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira.

A Idade, inicialmente com 6 níveis de acordo com os censos, foi transformada para 3 níveis, de acordo com intervalos da OCDE (18-34; 35-59; mais de 60 anos).

Os rendimentos foram transformados em **Nível de Rendimento Equivalente**, utilizando o método da OCDE (nível de rendimento por adulto equivalente). Representa uma medida de rendimento que tem em conta as diferenças na dimensão e composição dos agregados, sendo por isso mais adequada para representar a realidade de rendimentos de cada pessoa/agregado, e, por isso, escolhida para utilizar neste estudo. Foram contemplados 4 níveis de rendimento equivalente, de acordo com a distribuição de rendimentos presente do Inquérito às Condições de Vida e Rendimento (INE, 2023): 0€ a 8.287€; 8.288€ a 11.824€; 11.825€ a 17.092€; e mais de 17.092€.

A Caracterização demográfica mais detalhada do presente estudo pode ser consultada em anexo.

# Introdução.

O bem-estar financeiro é um elemento crucial para um maior bem-estar geral.

O bem-estar financeiro pode ser definido como uma condição financeira positiva, que inclui um lado objetivo e um lado subjetivo. A dimensão objetiva refere-se a recursos económicos pessoais, tal como rendimento e bens, enquanto a dimensão subjetiva corresponde a uma avaliação pessoal, de cada pessoa, da sua condição financeira - isto é, a sua experiência subjetiva da sua condição financeira (Sorgente et al., 2024).

**Desta forma, o bem-estar financeiro subjetivo, apesar de informado pelas condições objetivas das pessoas, não é completamente determinado por essas condições.**

A importância dada ao bem-estar financeiro subjetivo tem vindo a crescer, especialmente após a grande crise económica global de 2008. E, este conceito, é cada vez mais visto como uma parte integrante e central do bem-estar geral das pessoas. Essencialmente, é um elemento crucial da felicidade (Ianello et al., 2021).

A relevância do conceito de bem-estar financeiro é absolutamente evidente quando consideramos as consequências de ter um bem-estar financeiro menos ou mais elevado. Investigação anterior mostra que o bem-estar financeiro está significativamente correlacionado com medidas de bem-estar psicológico, satisfação com a vida e sentimentos positivos, e inversamente relacionado com sentimentos negativos (Ianello et al., 2021).

Adicionalmente, jovens com maiores níveis de bem-estar financeiro, apresentam também mais sucesso académico, melhor saúde física e menos humores depressivos (Shim et al, 2009). Mais ainda, dificuldades financeiras, tais como a acumulação de dívidas elevadas, baixos rendimentos ou desemprego, estão associadas a maiores problemas de saúde mental e um aumento da taxa de tentativas de suicídio (Elbogen et al., 2020). Estas são apenas algumas das consequências já estudadas do bem-estar financeiro.

Considerando que quem apresenta níveis mais elevados de bem-estar financeiro, é mais feliz, está mais satisfeito com a sua vida e é menos propenso a problemas de saúde mental, a necessidade de compreender o estado atual do bem-estar financeiro em Portugal e a criação de mecanismos para o aumentar é clara, evidente e urgente.

# Bem-Estar Financeiro.

Em 2023, 1 em cada 5 portugueses não tinha capacidade financeira para manter a sua casa devidamente aquecida (INE, 2023).

Estudos que investigam diretamente o bem-estar financeiro subjetivo dos portugueses são raros. No entanto, existe um conjunto de métricas que pintam uma realidade desencorajadora das condições materiais dos portugueses.

O ICOR, realizado pelo INE, em 2022-2023, mostra que a mediana do rendimento líquido por adulto equivalente foi de 11.824 euros. O que corresponde a um rendimento líquido médio por adulto equivalente inferior a 1.000 euros mensais (INE, 2023).

Adicionalmente segundo o ICOR (INE, 2023), 40% dos portugueses vivem em agregados sem capacidade para substituir mobiliário usado; 21% das pessoas vive em agregados sem capacidade para manter a casa devidamente aquecida; e 11% das pessoas não podem participar regularmente numa atividade de lazer por motivos económicos.

Concorrentemente, em 2022 verificou-se uma deterioração das condições económicas dos portugueses, que se manifestou, entre outros indicadores, num aumento do número de portugueses em risco de pobreza, estando este indicador agora nos 17% da população.

Esta realidade é também afetada por diferentes condições sociais. Conflitos bélicos, como a Guerra da Ucrânia e a crise inflacionária resultante, são fatores que pressionam as condições financeiras das famílias portuguesas.

**Figura 1.** Dados ICOR 2023 (INE, 2023).

Agregados sem possibilidade de substituição do mobiliário usado.

40%

Sem capacidade financeira para manter a casa adequadamente aquecida.

21%

Sem possibilidade de participação regular numa atividade de lazer.

11%

## Como avaliamos Bem-Estar Financeiro Subjetivo?

### Como medimos?

No presente estudo, medimos o bem-estar financeiro dos portugueses através da aplicação de 3 subescalas da Escala Multidimensional de Bem-Estar Financeiro Subjetivo (Sorgente et al., 2024; Sorgente & Lanz, 2019). Até à data, é a única escala que mede este construto validada para Portugal. Apesar deste instrumento ter 5 subescalas, apenas 3 foram aplicadas no presente estudo (apresentadas de seguida) devido à sua relação validada com medidas de bem-estar geral (Sorgente & Lanz, 2019). Os participantes reportam, para cada afirmação, quanto é que esta é verdade para si, numa escala de 5 pontos, de absolutamente falso a absolutamente verdadeiro.

A partir dos resultados destas subescalas foi criado um valor de bem-estar financeiro subjetivo normalizado para valores de 0-100, utilizando uma metodologia baseada na OCDE (2023). Cada subescala correspondendo a um terço do valor da escala total. Este valor permite ter uma visão geral do bem-estar financeiro dos portugueses, tendo em conta a multidimensionalidade do conceito.

**Subescala Geral.** Esta subescala incide numa avaliação geral da satisfação das pessoas em relação à sua condição financeira.

“Sinto-me satisfeito/a com a forma como a minha vida está a correr de um ponto de vista financeiro.”

“Tenho dinheiro suficiente para seguir as minhas paixões.”

“Tenho menos dinheiro do que necessito.”

“Não me posso queixar da minha situação financeira.”

“Sinto stress diariamente devido à minha condição financeira.”

“Estou sereno/a com a minha situação financeira.”

“Tenho dinheiro suficiente para tudo o que preciso.”

**Subescala “Ter dinheiro”.** Esta subescala incide numa componente materialista, que envolve uma avaliação das pessoas acerca da suficiência dos seus recursos materiais.

“Às vezes falta-me dinheiro para comprar o que eu preciso.”

“Eu não posso fazer algumas coisas com os meus amigos porque eu não tenho dinheiro para fazê-las.”

“Há momentos em que eu não tenho dinheiro para comprar o que eu preciso.”

**Subescala “Futuro Financeiro”.** Esta subescala incide numa componente temporal, que envolve as expectativas das pessoas acerca da sua situação financeira futura.

“Em pouco tempo vou ter dinheiro suficiente para prosseguir com os meus planos para o futuro.”

“Estou satisfeito/a com a maneira como estou a preparar os meus objectivos financeiros a longo prazo (por exemplo comprar um carro).”

“Estou no caminho certo para atingir os meus objectivos financeiros.”

Em todas as escalas, para cada afirmação, os participantes respondem uma das seguintes opções:

- 1 = Absolutamente Falso
- 2 = Mais Falso do que Verdadeiro
- 3 = Nem Falso nem Verdadeiro
- 4 = Mais Verdadeiro do que Falso
- 5 = Absolutamente Verdadeiro.

Por questões de apresentação, os valores “1” e “2”, são considerados como discordância, o valor “3”, como não concordância nem discordância e os valores “4” e “5” como concordância.

## 6 em cada 10 portugueses considera que não tem dinheiro suficiente para seguir as suas paixões.

De seguida, apresentamos algumas respostas à Subescala Geral da Escala Multidimensional de bem-estar financeiro subjetivo (Sorgente & Lanz, 2019). É possível observar que apenas 19% dos portugueses considera que tem dinheiro suficiente para seguir as suas paixões.

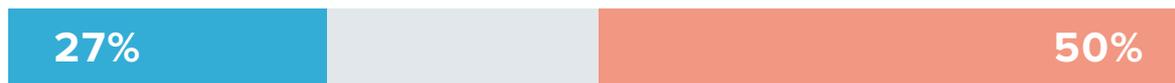
Verificou-se que 27% dos portugueses considera que tem menos dinheiro do que necessita, e mais de metade (53%) não está satisfeita com a forma como a sua vida está a correr de um ponto de vista financeiro. Por fim, 43% dos portugueses sente stress diariamente, devido à sua condição financeira.

**Figura 2.** Percentagem de respostas a questões da subescala “Geral” de bem-estar financeiro subjetivo.

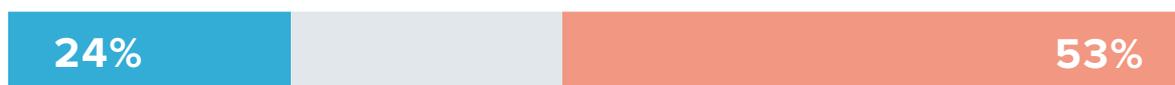
Q: “Tenho dinheiro suficiente para seguir as minhas paixões.”



Q: “Tenho menos dinheiro do que necessito.”



Q: “Sinto-me satisfeito/a com a forma como a minha vida está a correr de um ponto de vista financeiro.”



Q: “Sinto stress diariamente devido à minha condição financeira.”



- Concorda em questões que indicam maior bem-estar financeiro ou discorda nas que indicam menor.
- Discorda em questões que indicam maior bem-estar financeiro ou concorda nas que indicam menor.
- Não concorda nem discorda.

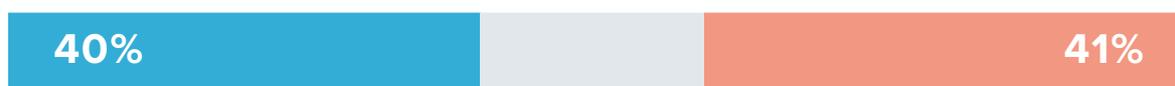
## Cerca de metade dos portugueses não pode fazer algumas coisas com os seus amigos por não ter dinheiro para as fazer.

Aqui, no que diz respeito à Subescala “Ter dinheiro” da escala de bem-estar financeiro subjetivo, é possível ver que 40% dos portugueses concorda com a afirmação “Às vezes falta-me dinheiro para comprar o que eu preciso” e que 41% concorda com a afirmação “Há momentos em que eu não tenho dinheiro para comprar o que eu preciso.”

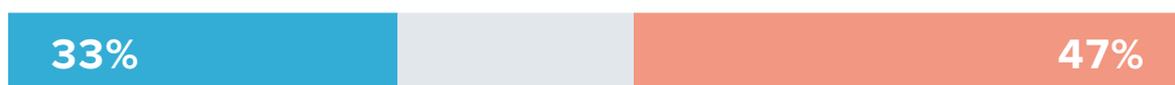
Adicionalmente, quase metade (47%) dos portugueses refere que não pode fazer algumas coisas com os seus amigos porque não tem dinheiro para as fazer. Estes resultados indicam que existe uma grande fatia da população portuguesa que experiencia dificuldades económicas.

**Figura 3.** Percentagem de respostas a questões da subescala “Ter dinheiro” de bem-estar financeiro subjetivo.

Q: “Às vezes falta-me dinheiro para comprar o que eu preciso.”



Q: “Eu não posso fazer algumas coisas com os meus amigos porque eu não tenho dinheiro para fazê-las.”



Q: “Há momentos em que eu não tenho dinheiro para comprar o que eu preciso.”



- Discorda da afirmação, o que indica maior bem-estar financeiro.
- Concorda com a afirmação, o que indica menor bem-estar financeiro.
- Não concorda nem discorda.

## Apenas 3 em cada 10 portugueses consideram que estão no caminho certo para atingir os seus objetivos financeiros.

No que diz respeito à Subescala de “Futuro Financeiro” utilizada, é possível observar que apenas 19% dos portugueses considera que “em pouco tempo vai ter dinheiro suficiente para prosseguir com os seus planos para o futuro”. Adicionalmente, 48% dos portugueses não estão satisfeitos com a maneira como estão a preparar os seus objetivos a longo prazo.

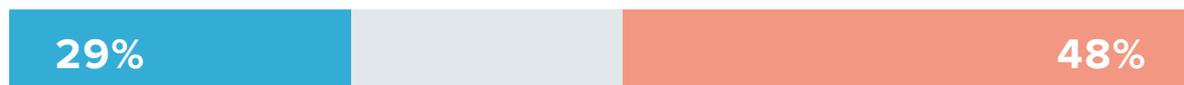
Para além disso, menos de 1/3 dos portugueses considera que está no caminho certo para atingir os seus objetivos financeiros. Consistentemente, mais de 1/3 dos portugueses não olha para o seu futuro financeiro com “bons olhos”.

**Figura 4.** Percentagem de respostas a questões da subescala “Futuro Financeiro” de bem-estar financeiro subjetivo.

Q: “Em pouco tempo vou ter dinheiro suficiente para prosseguir com os meus planos para o futuro.”



Q: “Estou satisfeito/a com a maneira como estou a preparar os meus objetivos financeiros a longo prazo.”



Q: “Estou no caminho certo para atingir os meus objetivos financeiros.”



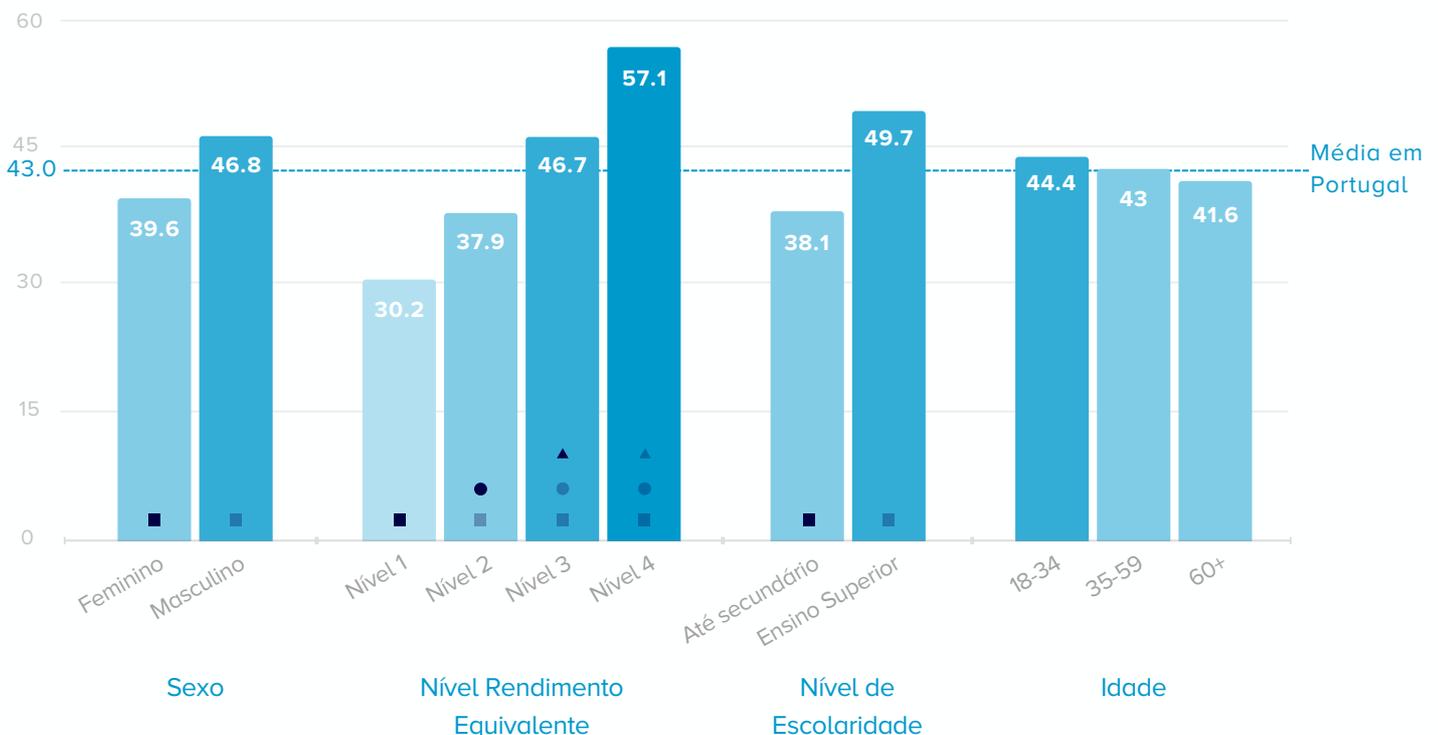
- Concorda com a afirmação, o que indica maior bem-estar financeiro.
- Discorda da afirmação, o que indica menor bem-estar financeiro.
- Não concorda nem discorda.

## Pessoas do sexo masculino, com mais rendimentos e maior escolaridade, têm níveis superiores de bem-estar financeiro.

Como referido anteriormente, foi criado um valor de 0-100 a partir das respostas a cada subescala do instrumento utilizado. Os resultados médios desse valor para Portugal e para cada variável demográfica, são apresentados aqui. Como é possível observar, a média em Portugal é de 43 pontos em 100, evidenciando um nível de bem-estar financeiro abaixo do ponto médio da escala. Para além disso, os portugueses de sexo masculino apresentam níveis de bem-estar financeiro significativamente superiores às pessoas do sexo feminino, com uma diferença de 7.2 pontos no valor de bem-estar financeiro

Adicionalmente, verificam-se diferenças significativas entre os portugueses com níveis de rendimento mais e menos elevados, apresentando uma diferença de 26.9 pontos nesta escala. Para além disso, portugueses com maiores níveis de escolaridade, apresentam níveis mais elevados de bem-estar financeiro. Não foram encontradas diferenças significativas relativas a bem-estar financeiro para diferentes faixas etárias (18-34; 35-59; 60+), rondando todas estas o valor da média portuguesa na escala de bem-estar financeiro subjetivo.

**Figura 5.** Resultados no valor composto de Bem-Estar Financeiro Subjetivo.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

## Existem diferenças claras e significativas no bem-estar financeiro entre diferentes grupos demográficos em Portugal.

A realidade portuguesa encontrada no presente estudo indica um padrão de níveis baixos de bem-estar financeiro subjetivo, mas também de diferenças significativas entre diferentes grupos demográficos.

Quando verificamos que apenas 24% dos portugueses se sente “satisfeito com a forma como a sua vida está a decorrer de um ponto de vista financeiro”, que 41% referem que “por vezes lhe falta dinheiro para comprar o que necessita” e que apenas 19% considera que “em pouco tempo terá dinheiro suficiente para prosseguir com os seus planos para o futuro”, emerge um claro padrão de dificuldades sentidas pelos portugueses relativamente às suas vidas financeiras. No entanto, essas dificuldades não são iguais para todos.

### Diferenças entre sexos

Identifica-se uma diferença significativa entre sexos no que diz respeito ao seu bem-estar financeiro experienciado, evidenciado por uma diferença de 7.2 pontos na escala. Diferenças entre homens e mulheres em variáveis financeiras são extremamente consistentes na literatura (Lusardi & Wallace, 2013; Potrich et al., 2015). Apesar da presença constante e global destas diferenças, estas não parecem refletir diferenças biológicas entre sexos, mas sim aspetos derivados de uma socialização diferenciada entre estes grupos. De facto, estudos evidenciam que as expectativas dos pais em relação aos seus filhos no que diz respeito a finanças difere significativamente entre sexos, levando a que existam mais conversas abertas com filhos do sexo masculino acerca de finanças, do que com as filhas (Edwards et al., 2007), levando assim a diferenças significativas na forma como estes grupos se relacionam com as suas finanças.

### Diferenças entre níveis de rendimento

As diferenças mais acentuadas entre grupos demográficos, no que diz respeito ao bem-estar financeiro verificam-se entre níveis de rendimento equivalente distintos. Como se pode observar, as diferenças entre os 2 níveis de rendimento mais baixos e os 2 níveis mais elevados são extremamente elevadas. Este resultado é congruente com estudos anteriores, que identificam uma relação forte entre rendimentos e bem-estar financeiro (Riitsalu et al., 2019).

### Diferenças entre níveis de escolaridade

Foi possível também identificar diferenças significativas entre as pessoas cujo grau de escolaridade mais elevado é o ensino secundário (ou inferior) e aqueles com ensino superior. Esta evidência é congruente com evidências anteriores que indicam que não só o grau de escolaridade dos participantes, mas mesmo o grau de escolaridade dos seus pais está relacionado com o bem-estar financeiro experienciado (Philippas & Avdoulas, 2021).

É importante salientar que estas diferenças encontradas entre grupos são meramente descritivas da situação atual em Portugal. É necessário considerar que as razões causais que levam à existência destas diferenças não ficam espelhadas nestes resultados. Ou seja, não podemos afirmar que pessoas do sexo feminino têm menores níveis de bem-estar financeiro porque são do sexo feminino, tal como não o podemos afirmar para as variáveis do rendimento e grau de escolaridade.

Ao longo das próximas páginas descobriremos quais são as variáveis que explicam diferenças ao nível de bem-estar financeiro.

## O que leva a maior bem-estar financeiro?

Se pretendemos melhorar o bem-estar financeiro em Portugal é determinante entender quais as variáveis que o influenciam direta e indiretamente. Assim, este estudo visa estabelecer as relações entre as principais variáveis que têm vindo a demonstrar-se como as mais preditivas de bem-estar financeiro em estudos anteriores e verificar como estas se manifestam atualmente no contexto português. De seguida, apresentamos brevemente estas variáveis:

### Literacia Financeira

A Literacia Financeira é uma combinação de 3 componentes - conhecimento, atitudes e comportamentos - necessárias para tomar decisões financeiras informadas e de qualidade, com a finalidade última de alcançar bem-estar financeiro (OCDE, 2023). Este estudo visa estudar, como estas componentes estão relacionadas com o bem-estar financeiro dos portugueses.

### Conhecimento Financeiro

Este conceito descreve o conhecimento objetivo que as pessoas possuem acerca de conceitos financeiros. As 'Grandes 3' são um conjunto de 3 questões criadas para avaliar o conhecimento em tópicos financeiros cruciais: inflação; taxas de juro; e diversificação/risco de investimentos. Estudos anteriores indicam que melhores resultados nas respostas a estas questões se relacionam com o bem-estar financeiro (Beckmann & Kiesel-Reiter, 2023; Lusardi & Streecher, 2023), maiores níveis de riqueza e melhores retornos de investimento (Lusardi & Mitchell, 2023).

### Atitudes Financeiras

Atitudes financeiras, ao contrário da gíria popular, não se referem a comportamentos financeiros, mas indicam sim, disposições das pessoas face a questões financeiras, isto é, consistem numa avaliação favorável ou desfavorável em relação a questões financeiras. Uma das componentes principais das atitudes é a sua componente afetiva - ou seja, como nos sentimos em relação a olhar para a nossa conta, falar sobre dinheiro, se é uma fonte de ansiedade, entre outros aspetos. Num estudo recente realizado em Portugal pela Laicos-Behavioural Change (2023), mais de 50% dos participantes reportam experienciar ansiedade regularmente na sua vida financeira, 25% reportam experienciar medo e 20% reportam experienciar tristeza.

### Comportamentos Financeiros

A outra componente da literacia financeira em estudo são os comportamentos financeiros. De facto, é expectável que sejam os comportamentos adotados pelas pessoas a produzir um efeito tangível no seu bem-estar financeiro. Algumas dimensões de comportamento que se têm vindo a demonstrar como cruciais para o bem-estar financeiro são os seguintes: Planeamento (Lusardi & Mitchell, 2011b); Gestão e Monitorização (Grable & Kruger, 2017); Endividamento (Ferreira et al., 2021); Poupança (Sabri et al., 2020) e Investimento equilibrado e diversificado (Heo et al., 2017).

## O que leva a maior bem-estar financeiro?

### Viéses Cognitivos e Heurísticas

Para além das componentes tradicionais da literacia financeira, neste estudo vamos averiguar também o papel dos viéses e heurísticas cognitivas no contexto português. Estes conceitos descrevem a tendência que todos os seres humanos têm de realizar julgamentos e tomar decisões sistematicamente desviadas da racionalidade. Estas decisões derivam da necessidade que temos de poupar recursos cognitivos, e podem fazer com que não tomemos decisões financeiras de forma racional e objetiva. Um exemplo de um viés (desconto hiperbólico) é que tendemos a preferir 100 euros agora do que 115 euros daqui a 1 ano.

### Características Sociodemográficas

Para além destas variáveis, diferenças significativas entre pessoas com diferentes características demográficas, como educação, género, idade são comumente reportadas na literatura. Adicionalmente, uma variável importante a considerar é o contexto familiar. Desde cedo que as pessoas aprendem de forma implícita e explícita com os seus familiares como se devem relacionar com “dinheiro” (Sorgente & Lanz, 2017). Apresentaremos, de seguida, como algumas destas diferenças se verificam no contexto português.

### Nível de Rendimento por Adulto Equivalente

Por muito que exista a necessidade de expandir o conceito de bem-estar financeiro para além de componentes meramente aritméticas, sabemos que um dos maiores preditores de bem-estar financeiro é o nível de rendimento existente. Maior rendimento tendencialmente ajuda a melhorar o bem-estar financeiro. Assim, vamos também perceber como o Nível de Rendimento Equivalente de cada agregado contribui para o seu bem-estar financeiro.

O Nível de Rendimento Equivalente foi retirado da aplicação da escala da OCDE (nível de rendimento por adulto equivalente) e representa uma medida de rendimento que tem em conta as diferenças na dimensão e composição dos agregados, sendo por isso mais adequada para utilizar neste estudo. Foram contemplados 4 níveis de rendimento baseados nas distribuições de rendimento presentes no ICOR (2023):

Nível 1: 0€ a 8.287€;

Nível 2: 8.288€ a 11.824€;

Nível 3: 11.825€ a 17.092€;

Nível 4: Mais de 17.092€.

Uma vez que os resultados serão apresentados com recurso a esta transformação, **convidamos a pessoa leitora a calcular o seu valor de rendimento equivalente com a seguinte fórmula**, para que possa mais facilmente perceber em que nível se encontra enquanto acompanha os dados deste relatório:

$$a / (1 + (n-b-1) \times 0,5 + b \times 0,3)$$

**a** - Qual o rendimento líquido anual aproximado do seu agregado familiar (em euros)?

**n** - Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar, contando consigo?

**b** - Quantos elementos têm 13 anos ou menos?

Esta fórmula atribui um peso de 1 ao primeiro adulto de um agregado, 0,5 aos restantes adultos e 0,3 a cada criança, dentro de cada agregado.

# Literacia Financeira.

A maior parte dos programas de literacia financeira não são eficazes a mudar comportamentos financeiros.

O conceito de literacia financeira descreve a capacidade que as pessoas apresentam de processar informação económica e tomar decisões informadas acerca de diversos tópicos relacionados com finanças (Lusardi & Mitchell, 2014). Por vezes o conceito de literacia financeira é utilizado como um sinónimo de conhecimento financeiro. No presente estudo, o conceito de literacia financeira engloba uma combinação de conhecimento, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras informadas e de qualidade, com a finalidade última de alcançar bem-estar financeiro (OCDE, 2023). Mas como está a literacia financeira em Portugal?

**Em 2023, um relatório da OCDE acerca de literacia financeira, coloca Portugal exatamente com um valor de literacia financeira igual à média da OCDE. Este resultado contrasta com outros valores que colocam Portugal na última posição do ranking de literacia financeira de 19 países da zona euro (Banco Central Europeu, 2022) em 2020.**

No entanto, é importante ressaltar que esta última medida de literacia financeira, dizia respeito apenas à sua componente de conhecimento, excluindo as componentes comportamental e atitudinal - também importantes neste contexto.

Nesse contexto, apenas 25% dos portugueses responderam corretamente a pelo menos três de cinco perguntas relacionadas a temas como diversificação de risco, inflação, aritmética e juros compostos - comparativamente baixo a, por exemplo, 65% em países como Alemanha e Holanda.

Diversos estudos apontam para uma relação importante entre literacia financeira e bem-estar financeiro (Beckmann & Kiesel-Reiter, 2023; Lusardi & Streeper, 2023). Maiores níveis de literacia financeira estão associados a maiores níveis de riqueza e melhores retornos de investimento (Lusardi & Mitchell, 2023).

Considerando a importância clara da literacia financeira e as evidências de que Portugal não ocupa um lugar cimeiro no que diz respeito a este conceito, é importante desenvolver programas de promoção de literacia financeira. Infelizmente, apesar da sua clara importância, diversos programas que visam aumentar a literacia financeira por todo o mundo, apresentam efeitos muito reduzidos no que diz respeito à criação e manutenção de mudanças de comportamento significativas e duradouras (Fernandes et al., 2014). Estes programas tendem a incidir quase exclusivamente na componente do conhecimento, descurando as restantes (atitudes e comportamentos), o que pode explicar a falta de resultados impactantes e duradouros dos mesmos.

É assim, absolutamente crucial entender mais aprofundadamente o conceito de literacia financeira, as suas diferentes manifestações, a sua complexidade e realizar intervenções informadas por evidências robustas. Neste estudo, adotámos uma visão holística do conceito de literacia financeira que inclui as suas 3 componentes: **Conhecimento**; **Atitudes**; e **Comportamento**.

# Conhecimento Financeiro.

Segundo o Eurobarómetro, Portugal é o penúltimo país com pior conhecimento financeiro dos membros da UE (Comissão Europeia, 2023).

O facto de Portugal ser o penúltimo país com pior conhecimento financeiro dos membros da União Europeia, segundo dados do Eurobarómetro de 2023, é potencialmente preocupante quando consideramos que o conhecimento financeiro é comumente associado com métricas importantes para a realidade financeira das pessoas.

Estudos demonstram que maiores níveis de conhecimento financeiro estão associados a maiores níveis de acumulação de riqueza ao longo da vida (Lusardi & Mitchell, 2014), maiores retornos de investimento, maior resiliência face a despesas inesperadas (Hasler et al., 2018) e comportamentos geralmente considerados mais financeiramente saudáveis - como planejar e pagar as dívidas a tempo (Lusardi & Tufano, 2015; Lusardi, 2019; Mitchell & Lusardi, 2015).

Adicionalmente, estudos relatam uma relação complexa entre conhecimento financeiro e bem-estar financeiro. Por exemplo, alguns relatam que maior conhecimento financeiro contribui para um maior bem-estar financeiro (Riitsalu et al., 2019). No entanto, o nível de confiança que cada indivíduo tem no seu conhecimento financeiro está ainda mais relacionado com o seu bem-estar financeiro (Riitsalu et al., 2019). Por outras palavras, estar confiante no que sabemos é mais importante para o bem-estar financeiro do que aquilo que realmente sabemos.

Por outro lado, outros estudos reportam evidências de que pessoas com níveis mais elevados de conhecimento financeiro demonstram níveis de bem-estar financeiro menores, apresentando uma relação inversa ao que se poderia esperar intuitivamente (Mahdzan et al., 2019). Estes dados podem resultar do facto de que conhecimento não se traduz automaticamente em comportamentos que precipitem melhor bem-estar financeiro.

**Estas evidências apontam para uma relação complexa do conhecimento financeiro com bem-estar financeiro e realçam ainda mais a necessidade de entender profundamente como é que estas variáveis se relacionam no contexto português.**

## Como avaliar Conhecimento Financeiro?

### Como medimos?

No presente estudo foram utilizadas as “3 Grandes” questões de conhecimento financeiro utilizadas por todo o mundo. Estas questões avaliam o conhecimento dos participantes relativamente a 3 conceitos centrais das suas vidas financeiras: taxas de juro; inflação; e risco/diversificação.

Estas questões foram criadas por Lusardi e Mitchell (2008) - duas das maiores referências mundiais na área da literacia financeira - e têm sido aplicadas em estudos em todo o mundo (Lusardi, 2019). A origem destas questões alicerçou-se em quatro pilares:

**Simplicidade**, medindo conceitos fundamentais da tomada de decisão financeira;

**Relevância**, considerando que as questões deveriam relacionar-se com conceitos pertinentes para o dia-a-dia das pessoas, tentando capturar ideias gerais, ao invés de conceitos demasiado específicos.

**Brevidade**, de forma a assegurar a aplicabilidade das mesmas em diversos contextos;

**Capacidade de diferenciação**, ou seja, a capacidade de distinguir entre diferentes pessoas, permitindo comparações entre os mesmos.

Perante as 3 Grandes questões colocadas neste estudo e apresentadas de seguida, convidamos a pessoa leitora a responder - podendo consultar as respostas certas no final desta página.

**Questão sobre taxas de juro:** “Imagine que tinha 100€ na sua conta poupança, com uma taxa de juro de 2% por ano. Após 5 anos, quanto acha que terá na sua conta se não retirar dinheiro?”

- Mais de 102€
- Exatamente 102€
- Menos de 102€
- Não sei

**Questão sobre inflação:** “Imagine que a taxa de juro na sua conta poupança era de 1% ao ano e que a taxa de inflação era de 2% ao ano. Passado 1 ano, o que poderia comprar com esse dinheiro?”

- Mais do que hoje
- Exatamente o mesmo
- Menos do que hoje
- Não sei

**Questão sobre diversificação/risco:** Indique se a afirmação seguinte é verdadeira ou falsa:

“Normalmente, comprar uma ação de uma empresa trará um retorno mais seguro do que comprar uma ação de um fundo de investimento”.

- Verdadeira
- Falsa
- Não sei

Tendo em conta o caráter basilar destas questões, os indivíduos que acertam a resposta às 3 questões são considerados como tendo um bom conhecimento financeiro (Lusardi, 2019).

Chave de respostas: Questão taxas de juro: **“Mais de 102€”**; Questão inflação: **“Menos do que hoje”**; Questão diversificação/risco: **“Falsa”**.

## Apenas 36% dos portugueses apresenta um bom nível de conhecimento financeiro.

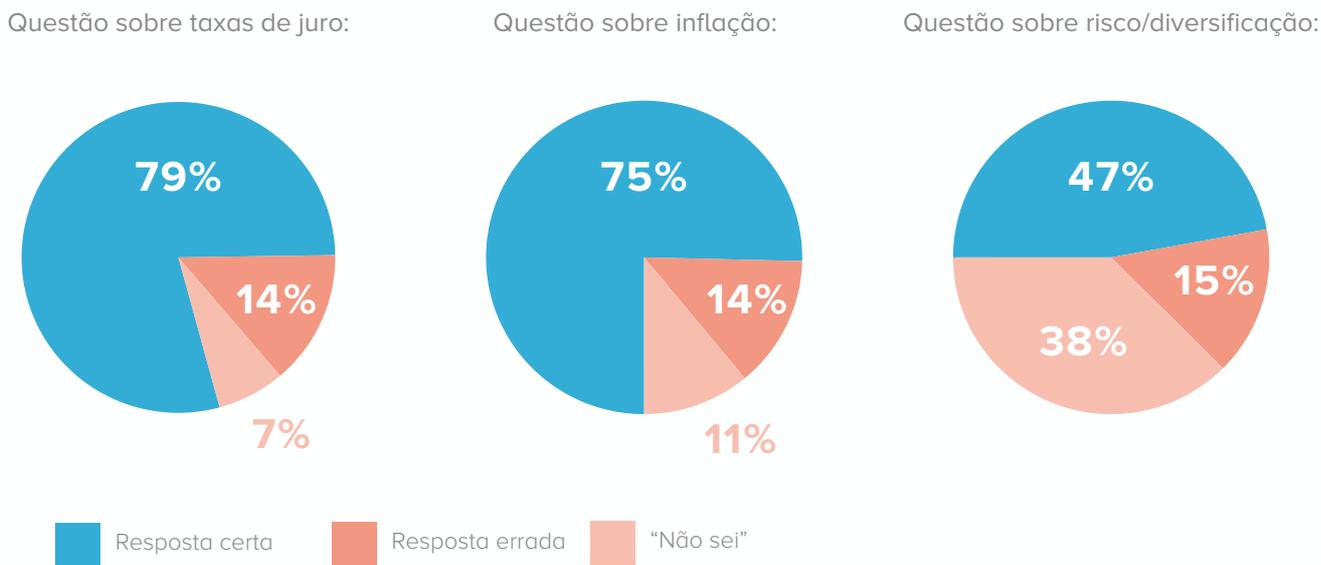
De seguida, apresentamos os resultados obtidos para o conhecimento financeiro dos portugueses neste estudo, utilizando as Grandes 3 questões (Lusardi & Mitchell, 2008) descritas anteriormente. Considera-se uma pessoa como tendo um bom nível de conhecimento financeiro quando acerta às 3 questões apresentadas (Lusardi, 2019).

Apenas 36% dos portugueses apresenta um bom nível de conhecimento financeiro (Lusardi, 2019), tendo respondido às 3 questões acertadamente.

A grande maioria (79%) dos portugueses responderam acertadamente à questão relativa a taxas de juro, 14% respondeu erradamente e 7% não sabe responder. Adicionalmente, 75% dos portugueses responderam acertadamente à questão relativa a inflação, 14% respondeu erradamente e 11% não sabe responder.

A menor taxa de acerto foi nos conceitos de risco/diversificação, em que apenas 47% dos participantes respondeu acertadamente, 15% erradamente e 38% referiu não saber a resposta.

**Figura 6.** Taxas de resposta a questões de conhecimento financeiro.



**Figura 7.** Taxas de resposta acertada às 3 questões de conhecimento financeiro.

% de portugueses por número de respostas certas às 3 questões de conhecimento financeiro:

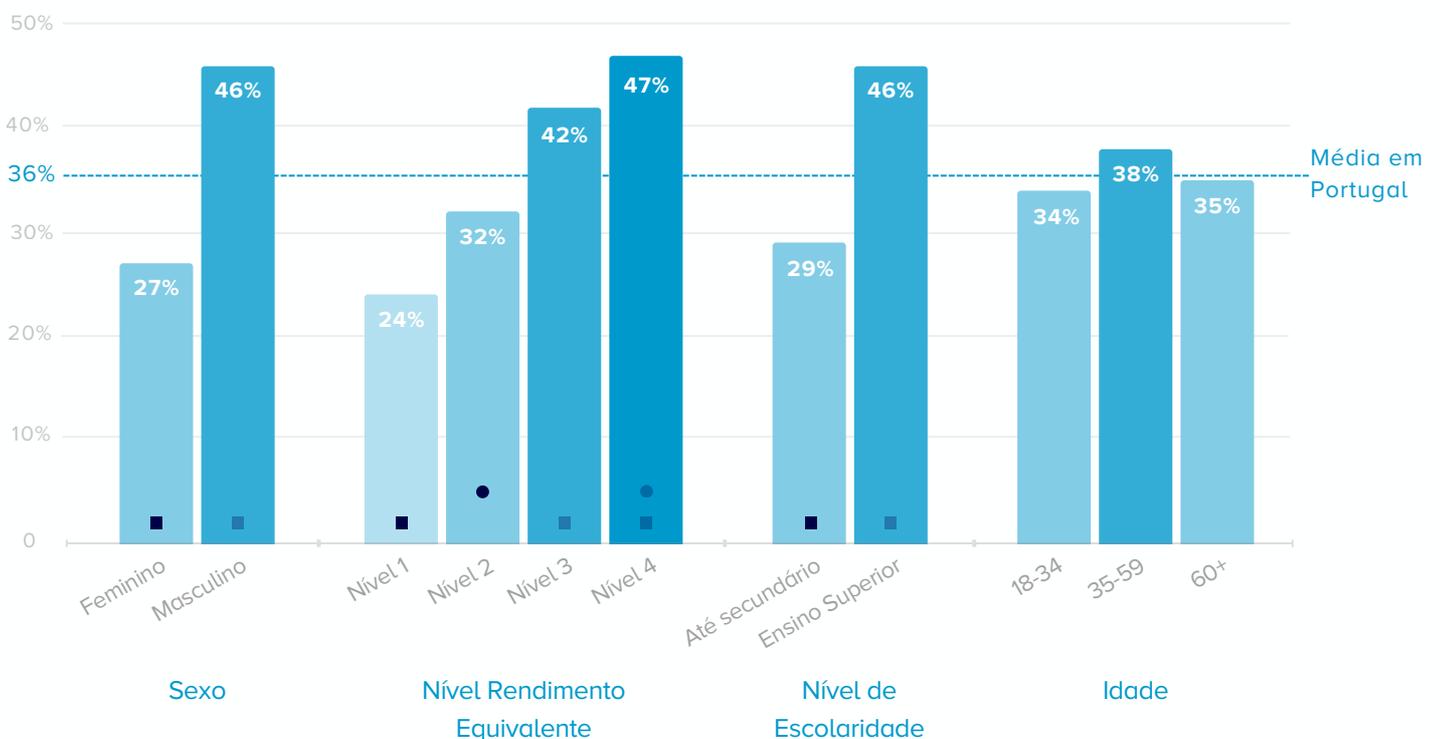


## O conhecimento financeiro é influenciado pela realidade socioeconómica da população portuguesa.

No que diz respeito a diferenças demográficas relativas ao conhecimento financeiro, verificamos diferenças acentuadas, sendo que 46% das pessoas do sexo masculino responderam acertadamente às 3 questões, em comparação a apenas 27% das pessoas do sexo feminino. Adicionalmente, verifica-se uma diferença de 17% de acerto nas 3 questões entre pessoas que completaram o ensino superior, quando comparadas com pessoas que não completaram o ensino superior.

Verificam-se também diferenças acentuadas entre níveis de rendimento equivalente, considerando que apenas 24% das pessoas do nível de rendimento equivalente mais baixo acertam às 3 questões, enquanto 47% das pessoas do nível de rendimento mais elevado conseguem fazê-lo. Não se verificaram diferenças significativas relativamente à idade dos inquiridos.

**Figura 8.** Percentagem de portugueses com um bom nível de conhecimento financeiro, indicado por responder acertadamente às 3 Grandes questões.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

## O nível atual de conhecimento financeiro em Portugal é inferior ao nível de conhecimento na Alemanha há 15 anos atrás.

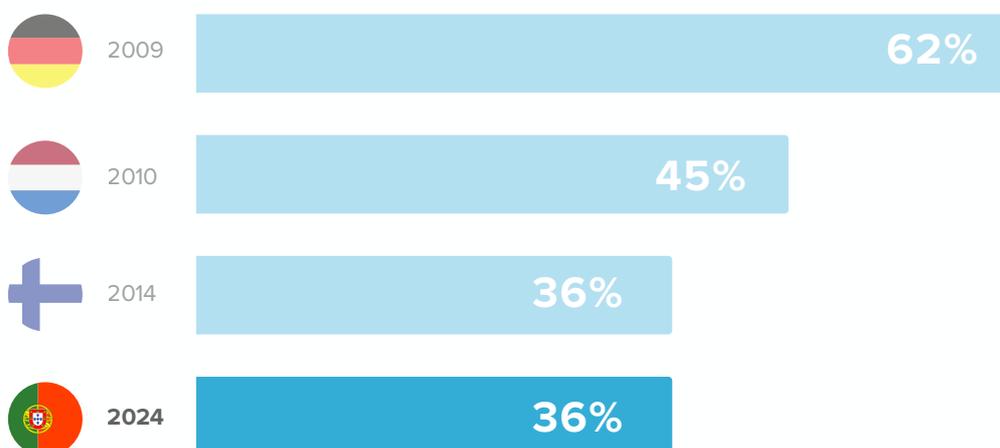
Como vimos, apenas 36% dos portugueses consegue acertar às 3 Grandes questões que medem o conhecimento financeiro. É comum, em estudos que medem conhecimento financeiro, comparar Portugal a outros países, de forma a contextualizar estes resultados. Nós próprios, citámos, no início deste estudo, dados que colocam o conhecimento financeiro dos portugueses na cauda da Europa. No entanto, mais do que comparar, este estudo pretende estudar e descrever a realidade portuguesa. Dessa forma, ao longo do mesmo, decidimos abstermo-nos dessas comparações. Isto deve-se primariamente ao facto da diversidade de medidas aplicadas dificultar uma comparação metodologicamente válida. Apesar disto, decidimos fazer uma comparação ligeiramente diferente das que são usualmente realizadas.

Decidimos comparar o conhecimento financeiro dos portugueses com outros países europeus com PIB per capita e literacia financeira acima da média europeia. Por outras palavras, países num patamar ao qual aspiramos chegar.

**À primeira vista, esta comparação parece positiva para Portugal. No entanto, esta está a ser feita com o nível de conhecimento financeiro que estes países apresentavam há 10-15 anos atrás.**

Esta comparação, ao contrário dos rankings usuais, identifica uma métrica um pouco diferente. Mostra quanto tempo de “atraso” temos em relação ao patamar onde queremos chegar. Como se pode ver, estamos 10 anos atrasados em relação à Finlândia, que apresentava o mesmo nível de conhecimento financeiro em 2014, que nós apresentamos em 2024. E, mesmo quando comparados com o estado do conhecimento financeiro na Alemanha e nos países baixos há 15 anos, evidenciamos níveis particularmente inferiores.

**Figura 9.** Comparação da percentagem de pessoas em cada país que acertaram as 3 questões de conhecimento financeiro, em diferentes momentos.



## Reduzir diferenças entre grupos etários é igualmente importante a reduzir a diferenças relativas a outros países.

Não é novidade que os portugueses apresentam níveis de conhecimento financeiro abaixo da média europeia, sendo comum aparecerem nos últimos lugares do ranking (Comissão Europeia, 2023). Podemos ver também que estamos "atrasados" nesta métrica, em relação a países como a Alemanha, Países Baixos e Finlândia. Sabemos também que os níveis de conhecimento financeiro tendem a aumentar ao longo do tempo (Comissão Europeia, 2023).

Estas evidências indicam que, mais do que considerar Portugal como um país cronicamente com baixos níveis de conhecimento financeiro, podemos olhar para este padrão como um indicador no qual é necessário intervir para melhorar esses níveis.

É necessário também considerar que se verificam diferenças significativas de conhecimento financeiro para as diferentes variáveis demográficas. Assim, é igualmente importante uniformizar os níveis de conhecimento em diferentes grupos demográficos. Quando observamos diferenças tão marcadas entre grupos com rendimentos diferentes, vemos que este é um mecanismo de perpetuação cíclica de diferenças sociais.

Se os mais "ricos", pessoas do sexo masculino e pessoas com maior escolaridade têm mais conhecimento sobre o funcionamento do dinheiro, sobre como o gerir e sobre conceitos basilares do mesmo, as diferenças destes grupos em comparação com os restantes tenderão a crescer ao longo do tempo.

**Quando educamos para conceitos financeiros temos de assegurar que essa educação é uniforme e que assegura a não-exclusão de grupos tendencialmente mais desfavorecidos socialmente.**

Finalmente, é também relevante considerar que o conhecimento financeiro tem vindo a assumir uma ponderação elevada quando se discute bem-estar financeiro. Assume-se que ensinar conceitos é suficiente para melhorar as condições financeiras das pessoas. No entanto, isto nem sempre é o caso.

Por isso mesmo, no presente estudo vamos tentar perceber o impacto relativo do conhecimento financeiro quando comparado com todas as restantes variáveis estudadas. Passamos agora a apresentar os resultados para as restantes variáveis estudadas, começando pelas atitudes financeiras.

# Atitudes Financeiras.

As atitudes de jovens adultos face ao dinheiro têm um impacto significativo no seu comportamento de gestão financeira.

Atitudes financeiras, ao contrário da gíria popular, não se referem a comportamentos financeiros, mas indicam sim, disposições das pessoas face a questões financeiras. Isto é, consistem numa avaliação favorável ou desfavorável em relação às mesmas. Por exemplo, avaliar a contração de um novo crédito como uma boa ou má ideia representa uma atitude em relação ao crédito (Rutherford & Fox, 2010; Sorgente & Lanz, 2017).

Existem evidências robustas sobre o impacto das atitudes face ao dinheiro no comportamento financeiro dos consumidores (de Almeida et al., 2021). As atitudes face ao dinheiro têm demonstrado um impacto significativo no comportamento de gestão financeira de jovens adultos. Um estudo demonstrou que aproximadamente 21% do comportamento de gestão financeira pessoal foi explicado pelas atitudes em relação ao dinheiro (Qamar et al., 2016). Outro estudo demonstrou que práticas de gestão financeira e atitudes face ao dinheiro, em conjunto, foram preditores de problemas financeiros entre jovens do sexo masculino (Dowling et al., 2009).

Adicionalmente, num estudo recente realizado em Portugal pela Laicos - Behavioural Change (2023), mais de 50% dos participantes reportaram experienciar ansiedade regularmente na sua vida financeira, 25% reportaram experienciar medo e 20% reportaram experienciar tristeza.

**Neste contexto, em que as atividades financeiras estão associadas a uma avaliação emocional predominantemente negativa (e.g., ansiedade) por parte dos portugueses, torna-se mais difícil que estes adquiram comportamentos “saudáveis” no que diz respeito à sua vida financeira.**

De facto, como é que se pode esperar que pessoas com elevados níveis de ansiedade relativa à sua vida financeira consigam aplicar os seus conhecimentos e agir de forma conducente ao seu bem-estar financeiro? Recorrentemente, a variável das atitudes é descurada na área das finanças pessoais. É comum considerar-se que simplesmente educar as pessoas irá levar a uma mudança comportamental, no entanto isto não corresponde à realidade. É absolutamente necessário considerar a variável das atitudes quando falamos da vida financeira das pessoas.

# Ansiedade Financeira.

A forma como os pais agem com questões financeiras, influencia diretamente a ansiedade financeira dos seus filhos (Britt, 2016).

Evidências a nível mundial indicam que níveis de ansiedade financeira elevados levam a menos intenções de comportamento e menos comportamentos concretos de planeamento financeiro para o futuro, bem como a menos comportamentos de poupança (Trkulja & Tadic, 2021). Pessoas com altos níveis de ansiedade financeira, apresentam um padrão comportamental similar ao desamparo aprendido, ao não acreditarem que a sua situação financeira poderá melhorar (Gable et al., 2015).

Adicionalmente, pessoas que reportam maiores níveis de ansiedade financeira, apresentam maiores dificuldades no processamento de informação relativa a produtos financeiros (Shapiro & Burchell, 2012). No entanto, maiores níveis de ansiedade financeira parecem levar a mais comportamentos de gestão e monitorização diária da situação financeira do agregado (Hasler et al., 2021).

**A ansiedade financeira, tal como outras atitudes financeiras apresenta uma forte componente intergeracional. Um dos mecanismos que leva à criação destas atitudes é a forma como as pessoas observam os outros a interagir, falar e a comportar-se relativamente a questões financeiras.**

Os principais influenciadores destas atitudes são os cuidadores primários (e.g.: pais) que, quando falam, discutem e abordam temas financeiros estão a moldar a forma como os seus filhos se vão relacionar com o mesmo (Balhorn, 2013). De facto, a evidência de que pessoas do sexo feminino experienciam maiores níveis de ansiedade financeira (Hasler et al., 2021) pode derivar de evidências de que os pais tendem a abordar temas financeiros de forma diferente com os seus filhos em relação às suas filhas (Britt, 2016).

## Como avaliar Ansiedade Financeira?

### Como medimos?

No presente estudo, utilizámos questões da versão traduzida para Portugal da Escala de Ansiedade Financeira (Financial Anxiety Scale; Shapiro & Burchell, 2012), traduzida por uma equipa de investigação composta por membros do CICPSI da Faculdade de Psicologia da ULisboa e do laboratório Nova IMS, presente no estudo de Ferreira e colaboradores (2021),

Esta escala consiste em apresentar algumas frases acerca da situação financeira dos participantes (apresentadas de seguida) e pedir para que estes indiquem em que medida concordam ou discordam com determinadas afirmações numa escala de 5 pontos.

Os resultados da aplicação da escala de ansiedade financeira foram normalizados para uma escala de 0 a 100, de forma a facilitar o entendimento dos mesmos, utilizando uma abordagem similar à utilizada pela OECD (2023) nos seus relatórios sobre literacia financeira.

**Indique em que medida concorda com cada uma das seguintes afirmações relativamente à forma como aborda as suas questões financeiras:**

“Pensar sobre as minhas finanças pessoais, faz-me sentir ansioso(a).“

“Acho aborrecido controlar as minhas contas do banco e/ou cartão de crédito.“

“Prefiro não pensar sobre o estado das minhas finanças pessoais.“

“Pensar sobre as minhas finanças pessoais faz-me sentir culpado(a).“

“Discutir as minhas finanças com outras pessoas, faz-me sentir ansioso(a).“

“Não consigo ser tão bem sucedido(a) profissionalmente quanto poderia porque me preocupo com dinheiro.“

Para todas as afirmações, os participantes responderam através da seguinte escala:

- 1 = Discordo Totalmente
- 2 = Discordo
- 3 = Não Concordo Nem Discordo
- 4 = Concordo
- 5 = Concordo Totalmente

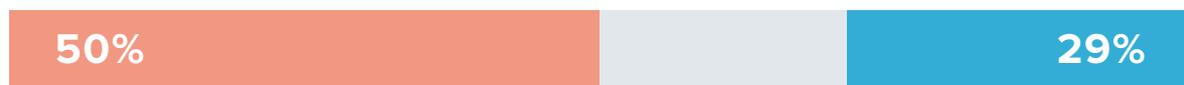
## Metade dos portugueses sente-se ansioso quando pensa sobre as suas finanças pessoais.

Metade (50%) dos inquiridos reportou sentir-se ansioso quando pensa sobre as suas finanças pessoais. Adicionalmente, 22% dos portugueses reportaram que a preocupação com o dinheiro contribui para que não sejam tão bem-sucedidos profissionalmente como poderiam ser.

Para além disso, 18% dos participantes reportou preferir não pensar no estado das suas finanças pessoais, demonstrando um padrão de evitamento relacionado com as suas finanças pessoais. Por fim, 23% dos portugueses refere sentir-se culpado quando pensa sobre as suas finanças pessoais.

**Figura 10.** Taxas de resposta a questões de ansiedade financeira.

Q: “Pensar sobre as minhas finanças pessoais, faz-me sentir ansioso(a).”



Q: “Não consigo ser tão bem sucedido(a) profissionalmente quanto poderia porque me preocupo com dinheiro.”



Q: “Prefiro não pensar sobre o estado das minhas finanças pessoais.”



Q: “Pensar sobre as minhas finanças pessoais faz-me sentir culpado(a).”



 Concorda ou concorda totalmente da afirmação, o que indica menor bem-estar financeiro.

 Discorda ou discorda totalmente da afirmação, o que indica maior bem-estar financeiro.

 Não concorda nem discorda.

## Pessoas do sexo feminino, com rendimentos mais baixos e menor escolaridade apresentam maior ansiedade financeira.

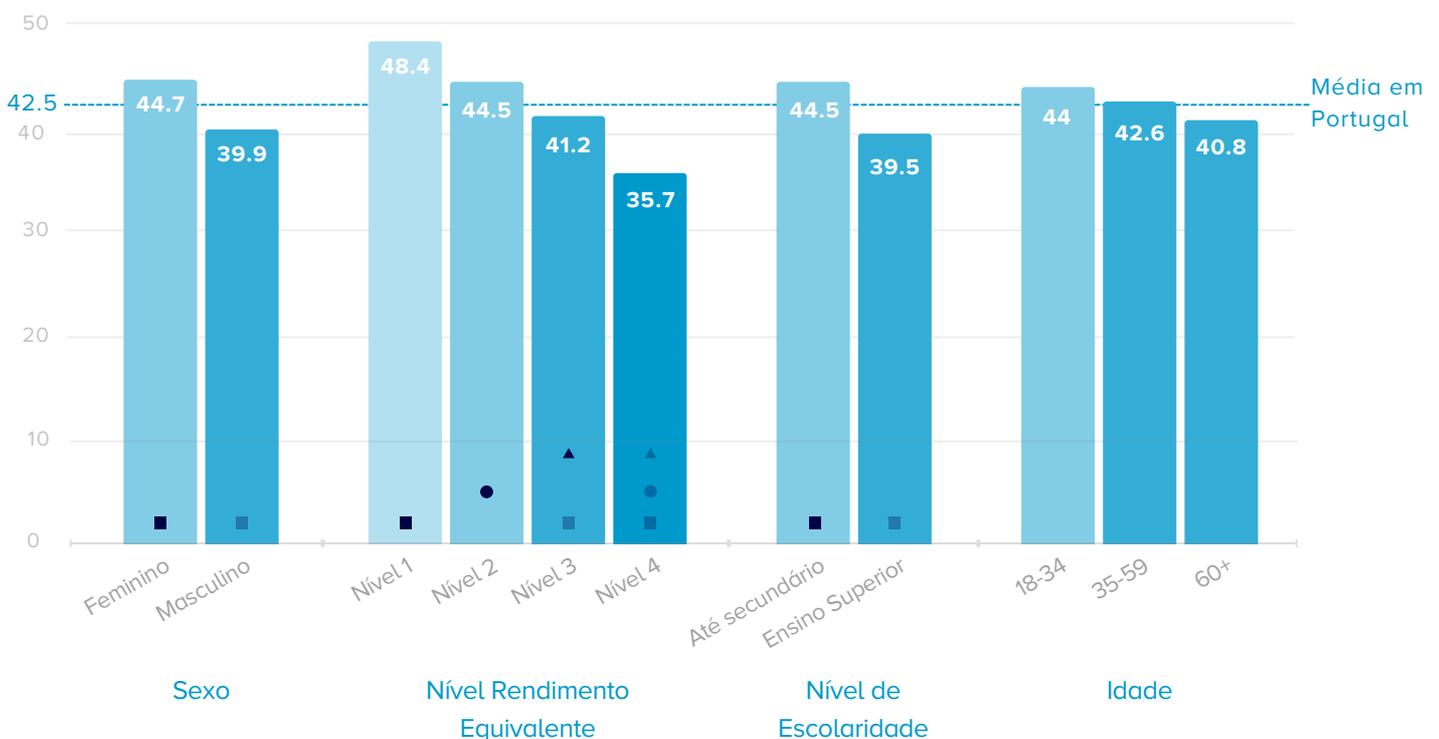
Aqui apresentamos os resultados da aplicação da escala de ansiedade financeira normalizados para uma escala de 0 a 100. Valores mais altos, indicam maiores níveis de ansiedade.

Como se pode observar, existem diferenças significativas no que diz respeito ao sexo dos portugueses, sendo que pessoas do sexo feminino apresentam maiores níveis de ansiedade financeira quando comparadas com pessoas do sexo masculino.

Adicionalmente, é possível observar que níveis de rendimento equivalente mais reduzidos estão associados a níveis significativamente mais elevados de ansiedade financeira.

O mesmo se verifica relativamente ao nível de escolaridade. Pessoas que completaram o ensino superior, apresentam níveis de ansiedade financeira significativamente mais baixos do que aqueles que terminaram, no máximo, o ensino secundário.

**Figura 11.** Resultados de 0 a 100 na escala de Ansiedade Financeira. Valores mais altos indicam níveis de ansiedade financeira mais altos.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Heurísticas e Viéses.

Questionar intuições, calcular riscos e tomar decisões mais informadas, mais deliberadas e mais adequadas à nossa realidade.

Heurísticas cognitivas são atalhos mentais que simplificam o processo de tomada de decisão dos seres humanos, ao seguir regras simples, porém não são necessariamente precisas. Embora sejam muitas vezes úteis, por pouparem recursos cognitivos e permitirem respostas mais rápidas. Estes atalhos mentais - heurísticas - que parecem facilitar a nossa tomada de decisão, podem levar a erros sistemáticos nessas decisões - conhecidos como viéses cognitivos.

No presente estudo, utilizamos o instrumento CRT - *cognitive reflection test* - e medimos o viés cognitivo de “desconto hiperbólico”, de forma a avaliar o conceito heurísticas e viéses cognitivos.

## Cognitive Reflection Test (CRT)

O *Cognitive Reflection Test* (CRT) mede a tendência das pessoas para superar respostas intuitivas imediatas e refletir mais profundamente para chegar a respostas mais deliberadas e corretas (Frederick, 2005). Ajuda também a medir como as pessoas avaliam risco, probabilidade e a propensão para identificar e corrigir erros do seu próprio pensamento.

Evidências recentes sublinham o papel significativo de capacidades cognitivas mais elevadas na aquisição de conhecimento financeiro (Muñoz-Murillo et al., 2019).

No contexto financeiro, é particularmente relevante considerar esta variável, uma vez que investigação anterior indica que pessoas que dão a resposta correta a determinado problema relatam estar cientes da resposta intuitiva (Mata et al., 2013). Em contexto financeiro sabemos que, por exemplo: investimentos e poupanças requerem a capacidade de questionar intuições iniciais e avaliar opções de forma mais detalhada; compreender, calcular riscos e retornos potenciais é fundamental para tomar decisões de investimento informadas.

## Desconto Hiperbólico

O desconto hiperbólico (DH) refere-se à tendência das pessoas em sobrevalorizar as recompensas imediatas quando comparadas com as recompensas futuras (Frederick et al., 2002). Para além disso, populações com estatuto socioeconómico mais reduzido apresentam níveis de desconto hiperbólico mais elevados (Gomez-Arias, 2012).

Uma vez que o desconto hiperbólico implica uma taxa de desconto mental do valor do dinheiro à medida que o tempo avança, superior ao expectável em modelos económicos, este conceito pode ajudar a explicar comportamentos como: a falta de poupança para a reforma ou a dificuldade em manter planos de investimento de longo prazo.

## A persistência de viéses cognitivos em decisões financeiras é transversal a diferentes grupos económicos.

Pessoas com níveis de desconto hiperbólico mais elevado são mais propensas a fazer escolhas que levam a menores níveis de poupança e a apresentar maiores dificuldades financeiras (Simon et al., 2015), nomeadamente tendem a contrair dívidas de cartão de crédito significativamente mais elevadas (Meier & Sprenger, 2010).

Mais ainda, pessoas com pontuações mais elevadas no CRT podem ser mais capazes de controlar impulsos imediatos (como os encorajados pelo desconto hiperbólico) e considerar os benefícios de longo prazo nas suas decisões financeiras (Frederick, 2005). Assim, a capacidade de reflexão e análise é crucial para moderar a tendência humana para preferir recompensas imediatas na tomada de decisões financeiras.

Investigação demonstra que a persistência de viéses cognitivos em decisões financeiras é transversal a diferentes grupos económicos, e que variações nos sistemas económicos podem influenciar a maior ou menor presença de viéses cognitivos (Ruggeri et al., 2023), apesar de se verificar uma maior tendência de pessoas de grupos económicos mais pobres a apresentar níveis mais elevados de desconto hiperbólico (Gomez-Arias, 2012).

**No presente estudo utilizamos as medidas de CRT e Desconto Hiperbólico, de forma a criar uma visão mais completa de como as pessoas tomam decisões financeiras.**

Espera-se que o CRT e o DH sirvam como indicadores úteis da tomada de decisão financeira das pessoas, estando diretamente relacionados com o bem-estar financeiro subjetivo experienciado.

## Como avaliar a forma como as pessoas tomam decisões?

### Como medimos?

Relativamente ao CRT, foi utilizada a versão curta de 3 problemas cognitivos adaptados do teste CRT de Frederick (2005) providenciada pelo Professor Mário Ferreira, representante da chancela académica por parte da FPUL, tendo já sido utilizada em diversos estudos com participantes portugueses. Os participantes respondem no formato resposta aberta ou selecionam a opção “Não sei”.

Perante estas questões colocadas neste estudo e apresentadas de seguida, convidamos a pessoa leitora a responder - podendo consultar as respostas certas do CRT, no final desta página.

**Questão taco e bola:** “Um taco e uma bola juntos custam 110 cêntimos. O taco custa 100 cêntimos mais que a bola. Quanto custa a bola?”

**Questão nenúfares:** “Num lago, existe um manto de nenúfares. Cada dia, o manto duplica de tamanho. Se demora 48 dias para o manto de nenúfares cobrir o lago inteiro, quanto tempo demoraria para o manto de nenúfares cobrir metade do lago?”

**Questão máquinas:** “Se 5 máquinas demoram 5 minutos a fazer 5 peças, quanto tempo demorariam 100 máquinas a fazer 100 peças?”

Relativamente ao DH, foram aplicadas 2 questões, tipicamente mais utilizadas em estudos acerca destes conceitos, adaptadas de Frederick e colaboradores (2002), providenciadas pelo Professor Mário Ferreira, representante da chancela académica por parte da FPUL, tendo já sido utilizadas em diversos estudos com participantes portugueses. Os participantes respondem uma de duas opções.

**Questão hoje vs. 1 ano:** “Preferia receber 100€ hoje ou 115€ daqui a 1 ano?”

- 100€ hoje
- 115€ daqui a 1 ano

**Questão 1 ano vs. 2 anos:** “Preferia receber 100€ daqui a 1 ano ou 115€ daqui a 2 anos?”

- 100€ daqui a 1 ano
- 115€ daqui a 2 anos

Chave de respostas CRT: Questão taco e bola: “**5 cêntimos**”; Questão nenúfares: “**47 dias**”; Questão máquinas: “**5 minutos**”.

# CRT.

Os portugueses deram respostas mais intuitivas e incorretas em vez de respostas mais deliberadas e corretas.

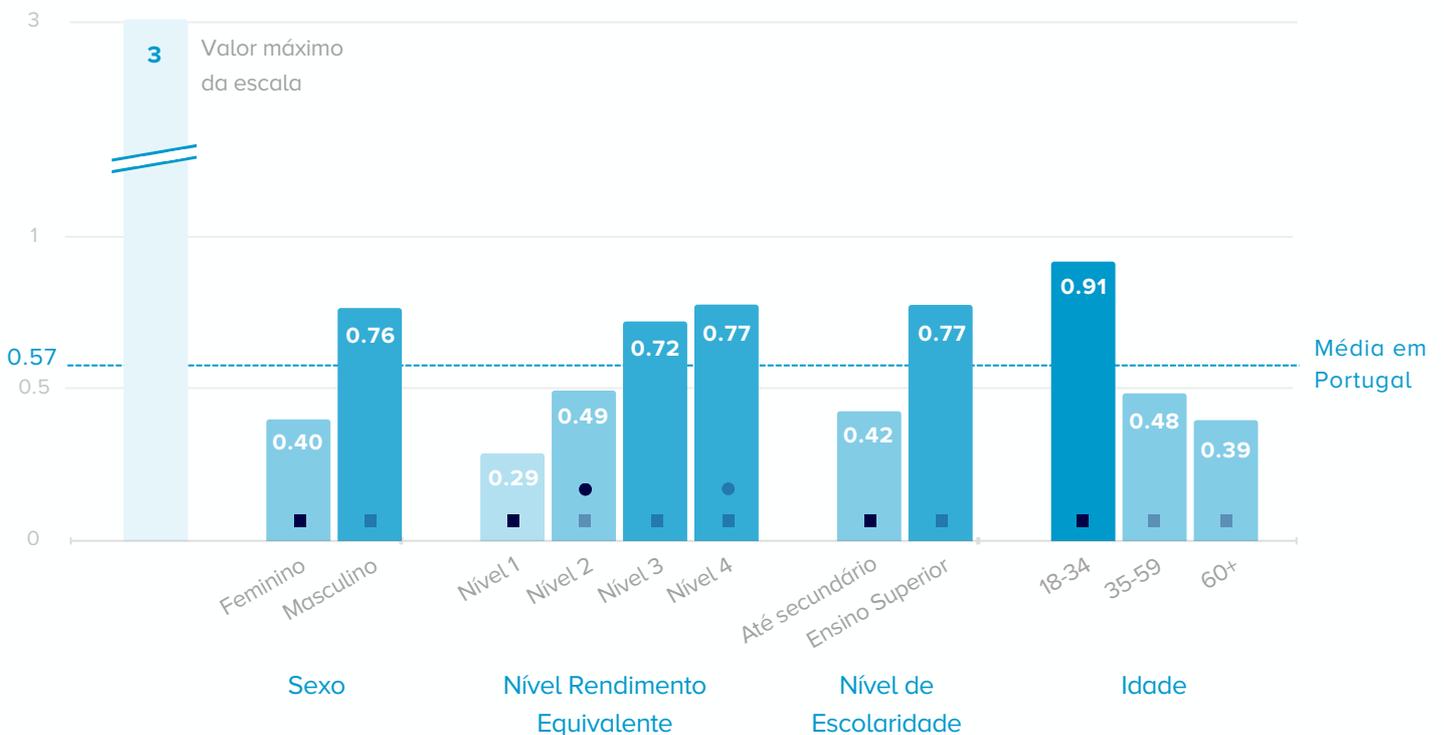
O gráfico abaixo representa o número médio de respostas certas da nossa amostra às perguntas do CRT, sendo o valor máximo igual a 3. Como podemos ver, os participantes acertam em menos de 1 resposta em 3 questões.

Pessoas do sexo masculino acertaram em significativamente mais respostas que pessoas do sexo feminino.

Por outro lado, pessoas com rendimento mais elevado tenderam a acertar mais respostas do que pessoas com rendimento mais baixo. Contudo, essa diferença não é significativa entre os níveis 3 e 4 e entre os níveis 2 e 3.

Mais ainda, pessoas com ensino superior acertaram significativamente mais respostas do que pessoas sem ensino superior. Por último, pessoas da faixa etária mais nova (18-34), acertaram significativamente mais respostas quando comparadas com outras faixas etárias.

**Figura 12.** Número médio de respostas certas no CRT.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Desconto Hiperbólico.

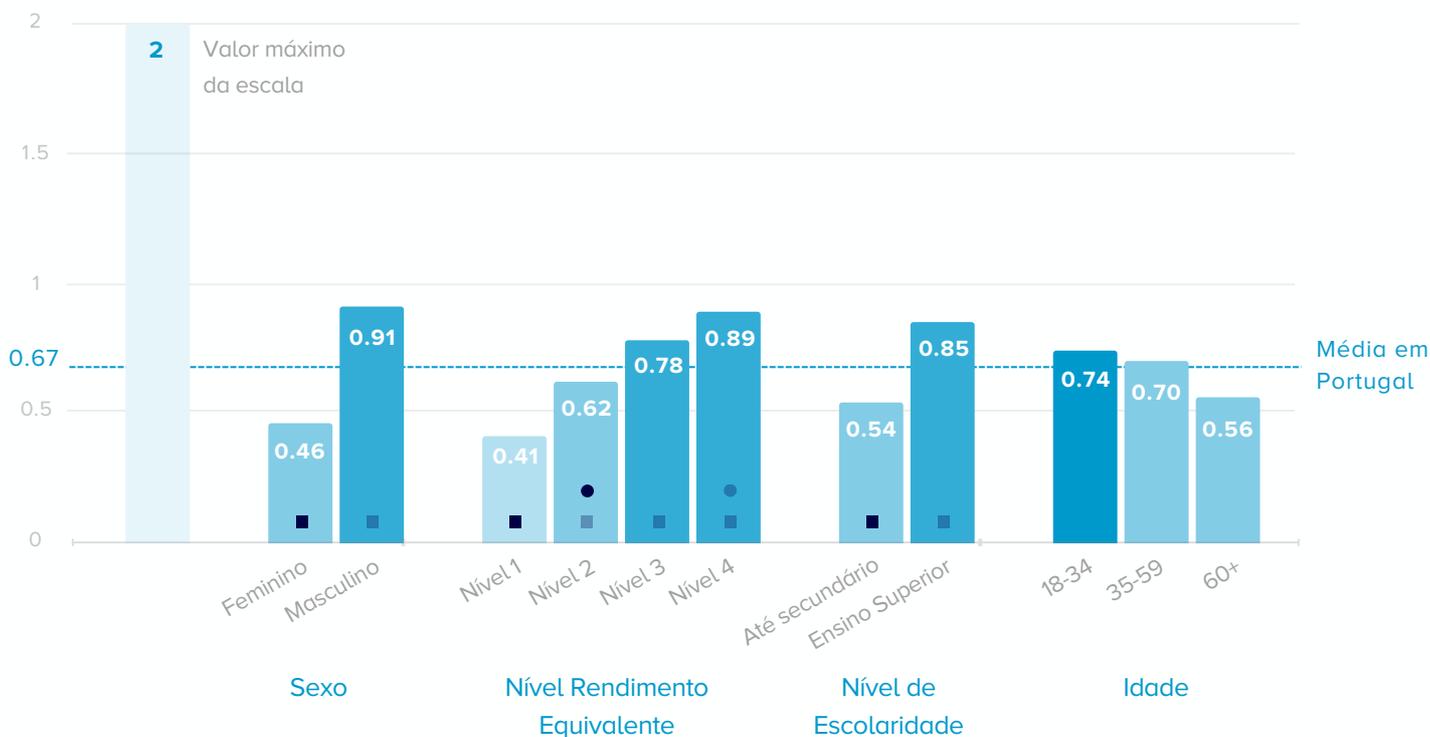
Pessoas do sexo feminino, com menos rendimento e níveis de escolaridade, sobrevalorizam mais recompensas imediatas.

O gráfico abaixo representa as respostas dadas às perguntas do DH sendo o valor máximo igual a 2. O DH, descreve a tendência dos seres humanos a sobrevalorizar recompensas imediatas quando comparadas com recompensas futuras. Por exemplo, preferir receber 100 euros agora, do que 115 euros daqui a um ano. No fundo, quanto maior o valor, menor é a tendência para sobrevalorizar recompensas no presente.

Pessoas do sexo feminino sobrevalorizam mais recompensas no presente do que pessoas do sexo masculino. Para além disto, pessoas com rendimentos mais baixo sobrevalorizam mais recompensas no presente do que pessoas com rendimentos mais elevados.

O mesmo acontece relativamente ao nível de escolaridade. Pessoas sem ensino superior sobrevalorizam mais recompensas no presente do que pessoas com ensino superior. Não se verificaram diferenças significativas, relativamente à idade.

**Figura 13.** Valor médio relativo às respostas dadas ao DH.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Comportamentos Financeiros.

O melhor preditor de comportamento é comportamento anterior.

A importância do conhecimento e atitudes financeiras é evidente quando falamos de finanças pessoais. No entanto, é esperado que o mecanismo principal através do qual as pessoas conseguem influenciar o seu bem-estar financeiro seja através dos comportamentos financeiros propriamente ditos (Kempson et al., 2017).

**Por muito conhecimento que uma pessoa possua sobre conceitos financeiros, se estes não forem aplicados em comportamentos concretos, então a sua situação financeira dificilmente irá melhorar.**

Os modelos de capacidade financeira e de bem-estar financeiro descrevem exatamente este mecanismo (Kempson et al., 2017).

Estes modelos postulam que é o conjunto de características demográficas, conhecimento financeiro e atitudes que irão culminar em comportamentos concretos por parte das pessoas. Esses comportamentos, por sua vez, contribuem para influenciar diretamente o bem-estar financeiro objetivo e subjetivo das pessoas.

Uma das melhores formas de prevermos comportamento no futuro, é estudá-lo como ele está agora (Ouellette & Wood, 1998). Assim, é fulcral estudar o comportamento financeiro dos portugueses agora para que possamos antecipá-lo no futuro. No entanto, é essencial também ter em conta a forte influência do contexto no processo de adoção de comportamentos.

**Figura 14.** Modelo de Bem-estar Financeiro retirado de Kempson e colaboradores (2017), que evidencia a importância dos comportamentos financeiros.



## O conhecimento financeiro é uma condição necessária, mas não suficiente para maior bem-estar financeiro.

Agir, tomar ações é mais complexo do que parece à partida. Muitas pessoas já experienciaram situações em que, por muito que quisessem realizar um comportamento, isso simplesmente não aconteceu. É fácil apontar para o exemplo das resoluções de ano novo que teimam em não se realizar. Este fenómeno é comumente chamado de “fosso intenção-comportamento” (“intention-behaviour gap”; Conner & Norman, 2022).

**Este “fosso” entre o que queremos fazer e o que realmente fazemos é um dos maiores desafios a enfrentar quando queremos mudar comportamentos.**

Existem diversos modelos que tentam prever o comportamento humano, apesar da sua inerente complexidade. Um destes modelos é o COM-B (West & Michie, 2020), que define 3 variáveis centrais para que exista um comportamento: Capacidade, Oportunidade e Motivação.

Quando falamos de comportamentos financeiros, não é difícil observar que a grande maioria das pessoas apresenta níveis de motivação elevados para adotar comportamentos que levem a um maior bem-estar financeiro. No entanto, muitas das vezes pode não existir capacidade para o fazer a diversos níveis. Por um lado, como vimos, os níveis de conhecimento financeiro acerca de conceitos financeiros básicos são reduzidos, em Portugal, quando comparada a outros países. Por outro lado, saber quais são de facto os comportamentos mais conducentes a bem-estar financeiro, para cada pessoa, é uma informação difícil de obter.

Para além disto, é necessário considerar as oportunidades existentes para que as pessoas consigam agir. Em que momentos das nossas vidas, muitas vezes agitadas e repletas de responsabilidades, temos oportunidade para agir de forma congruente com o nosso bem-estar financeiro?

Este modelo - COM-B - ajuda-nos a entender que, de forma a promover comportamentos financeiramente sustentáveis, existe um conjunto de pressupostos que têm de se verificar.

Aliás, estudos demonstram que a grande maioria de programas de educação financeira não são eficazes a mudar comportamentos a longo prazo, tendo, por isso, um impacto reduzido no bem-estar financeiro dos participantes destes programas (Fernandes et al., 2014). Isto não quer dizer que o conhecimento financeiro é irrelevante, mas sim que:

**O conhecimento financeiro é uma condição necessária, mas não suficiente para levar a um maior bem-estar financeiro (Ferreira, 2024).**

De seguida, apresentamos o conjunto de comportamentos que se têm demonstrado mais eficazes a promover maiores níveis de bem-estar financeiro por todo o mundo e vemos como estes se manifestam em Portugal.

## Quais os comportamentos que levam a um maior bem-estar financeiro?

Aqui, apresentamos resumidamente um conjunto de “categorias de comportamentos” que se têm vindo a evidenciar como preditoras de bem-estar financeiro objetivo e subjetivo em diferentes investigações anteriores. Apesar de evidências acerca da importância destes comportamentos, o presente estudo é inovador ao avaliar a relação destes comportamentos com bem-estar financeiro em Portugal, numa amostra demograficamente representativa da população. Esse carácter inovador é reforçado pela criação de indicadores comportamentais e do estudo da relação preditiva dos mesmos com o bem-estar financeiro subjetivo dos portugueses.

### Planeamento

Evidências vindas especialmente dos Estados Unidos, onde existe um menor apoio estatal para a reforma, mostram uma relação significativa entre a propensão para planear a vida financeira futura, nomeadamente a reforma, e a acumulação de riqueza ao longo da vida. Ou seja, pessoas e agregados familiares que formulam planos e objetivos financeiros, tendem a acumular maior riqueza ao longo da vida (e.g., Lusardi & Mitchell, 2011b).

### Gestão e Monitorização

Gerir a vida financeira, nomeadamente através da monitorização e adequação das despesas e gastos aos rendimentos, apresenta uma relação complexa com acumulação de riqueza. De facto, em estudos correlacionais, são as pessoas com menos bem-estar financeiro que apresentam uma perspetiva de gestão mais ativa (Ameriks et al., 2003). Este padrão pode ser causado por uma maior necessidade de gestão de gastos, de forma a fazer face às necessidades básicas destes agregados. No entanto, estudos mostram que as pessoas que adotam hábitos de gestão e monitorização financeira, são as que conseguem acumular maior riqueza ao longo das suas vidas (Grable & Kruger, 2017). Ou seja, é possível que se verifique apenas um efeito a longo-prazo destes comportamentos no bem-estar financeiro. Ou seja, parecem existir diferentes motivações no que leva uma pessoa a adotar estes comportamentos. Por um lado, alguns podem fazê-lo por necessidade imediata de fazer face a dificuldades no presente. Por outro lado, outras pessoas podem adotar uma perspetiva de gestão e monitorização mais focada no futuro, com o objetivo de acumular riqueza ao longo da vida.

## Quais os comportamentos que levam a um maior-bem-estar financeiro?

### Endividamento

Estudos demonstram de forma clara que o excesso de endividamento tem diversas consequências negativas a longo prazo para a vida das famílias, incluindo: pior saúde, diminuição do bem-estar geral, aumento de sentimentos de fracasso, conflito familiar e divórcio (Ferreira et al., 2021). Comportamentos relacionados com a aquisição de dívidas excessivas para o rendimento disponível parecem ser extremamente relevantes a prever o bem-estar financeiro das famílias.

### Poupança

Comportamentos de poupança são dos mais relevantes para o bem-estar financeiro das pessoas. A ausência de poupanças ou de um fundo de emergência é vista como um indicador de fragilidade financeira (Lusardi & Streeter, 2023), pois a capacidade de alocar uma parte dos rendimentos disponíveis a poupanças permite resistir a choques económico-financeiros inesperados. Desta forma, os comportamentos de poupança parecem estar inevitavelmente ligados ao bem-estar financeiro (Sabri et al., 2020).

### Investimento

Comportamentos de poupança e investimento equilibrados e diversificados estão associados a maior bem-estar financeiro, dado que protegem contra riscos inesperados (Heo et al., 2017), especialmente em países com sistemas de segurança social menos robustos que em Portugal. Desta forma, conhecer quais os diferentes instrumentos financeiros, e, consequentemente, os que mais se adaptam às características de cada pessoa, é um passo importante para a fomentação de bem-estar financeiro. No entanto, estes comportamentos apenas são possíveis quando existe algum rendimento que não é imediatamente necessário para cobrir despesas, isto é, quando há poupanças. Talvez por isso apenas 30% dos portugueses reportem investir em ativos financeiros (ECO, 2021). Para além disso, a relação entre investir e bem-estar financeiro é difícil de avaliar, considerando que cerca de 70% de investidores a título individual perdem dinheiro nos seus investimentos na bolsa de ações (Financial Times, 2020).

De seguida, iremos apresentar os resultados descritivos para cada uma destas “categorias de comportamento” contempladas neste estudo.

# Planeamento.

Planos e objetivos financeiros podem contribuir para a acumulação de riqueza ao longo da vida.

Comportamentos de planeamento, tais como, preparar a reforma e estabelecer orçamentos para o agregado familiar, demonstram um efeito consistente e robusto com a acumulação de riqueza ao longo da vida (Ameriks et al., 2003; Lusardi & Mitchell, 2011a). Para além disso, um estudo com pessoas reformadas, mostra que o seu bem-estar financeiro é maior nesta fase da vida, quando estas adotaram mais comportamentos de planeamento financeiro durante o resto da sua vida e, mais ainda, que este efeito é mais significativo do que o mero conhecimento financeiro (Adam et al., 2017).

No entanto, o impacto de comportamentos de planeamento de longo-prazo no bem-estar financeiro imediato das pessoas durante o curso da sua vida não é completamente claro. Por um lado, Xiao e O'Neill (2018) reportam que maior propensão para planear está associado a satisfação financeira mais elevada, um indicador de bem-estar financeiro subjetivo. Por outro lado, Fan e Henager (2022) reportam que comportamentos de planeamento a longo prazo, como calcular o valor necessário para a reforma, estão associados a valores mais baixos de bem-estar financeiro no presente. Estes autores propõem que esta evidência se pode dever ao facto de comportamentos de planeamento a longo-prazo apenas apresentarem um impacto significativo no futuro, não sendo possível colher os seus benefícios no presente.

## Como medimos?

No presente estudo, foi aplicada uma versão traduzida para Portugal de perguntas utilizadas por Lusardi e Mitchell (2011), acerca da propensão das pessoas para planear a sua vida financeira.

Estas perguntas (apresentadas de seguida) permitem avaliar dimensões distintas do conceito de planeamento: Componente geral da propensão para planear; comportamento de planeamento a curto prazo das famílias; e comportamento de planeamento a longo prazo, nomeadamente para os anos de reforma.

Para cada uma das questões, os participantes responderam uma das seguintes opções: “Sim” ou “Não”.

“No geral planeia a sua vida financeira?”

“Já fez, ou faz orçamento familiar?”

“Já desenvolveu um plano financeiro para a reforma?”

Estas diferentes questões foram computadas e normalizadas para uma escala de 0 a 25, que reflete a propensão global das pessoas para adotar comportamentos de planeamento.

## 4 em cada 5 portugueses planeia, de forma geral, a sua vida financeira.

Grande parte dos portugueses (79%) reporta que, no geral, planeia a sua vida financeira.

No entanto, quando interrogados acerca de aspetos mais concretos desse planeamento, nomeadamente a realização de orçamentos, calcular o valor do seu património e planear para a reforma, a percentagem é mais baixa.

Enquanto 63% reporta que “já fez ou faz orçamento familiar”, apenas 38% calcularam o valor do seu património nos últimos 12 meses - sendo que 11% dos portugueses afirma não saber como calcular o valor do seu património.

Por fim, apenas 28% dos portugueses já desenvolveu algum tipo de plano financeiro para a reforma.

**Figura 15.** Taxas de resposta a questões sobre comportamentos de planeamento.

Q: “No geral, planeia a sua vida financeira?”



Q: “Já fez ou faz orçamento familiar?”



Q: “Nos últimos 12 meses, calculou o valor do seu património?”



Q: “Já desenvolveu um plano financeiro para a reforma?”



 Resposta afirmativa.

 Resposta negativa.

 Não sabe calcular o valor do seu património.

## Pessoas que mais planeiam a vida financeira têm rendimentos mais elevados, maior escolaridade e são mais velhas.

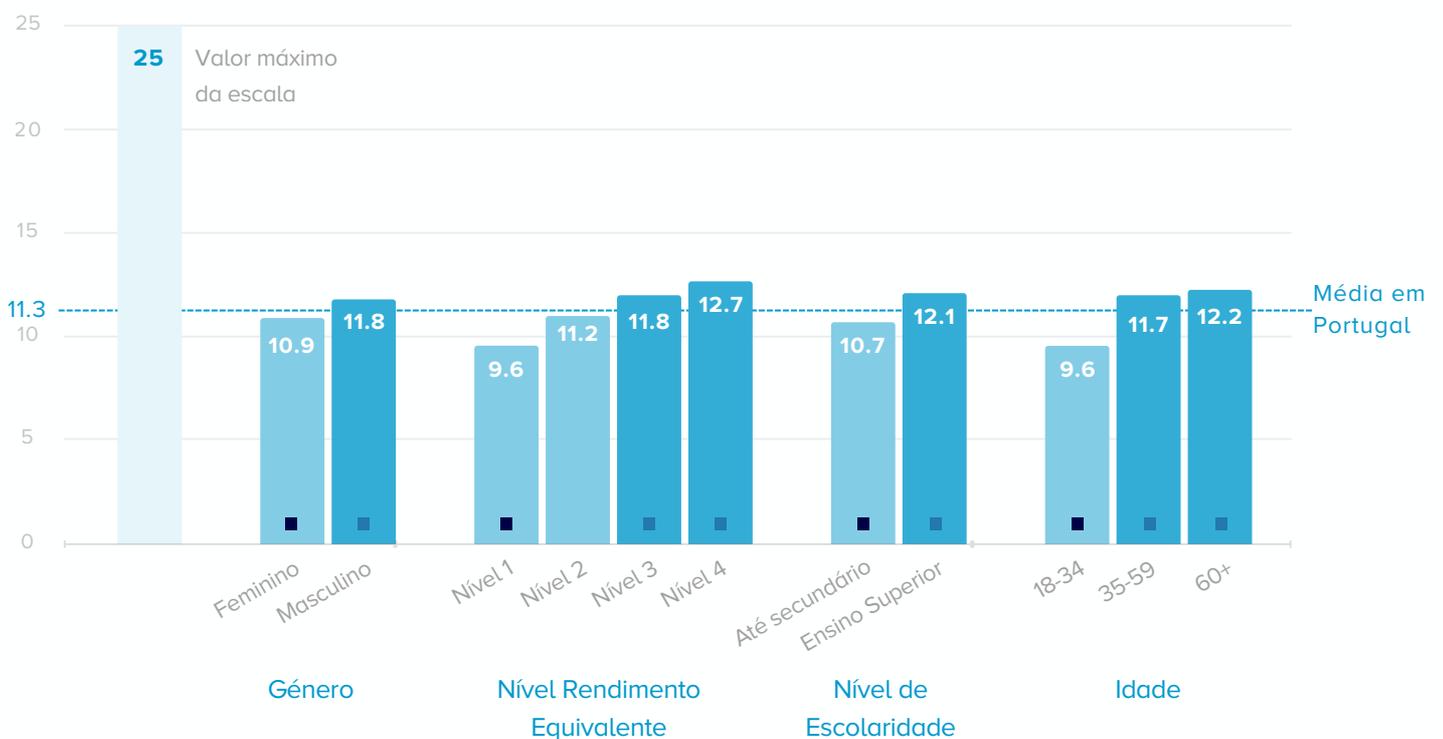
Os resultados na escala de comportamentos de planeamento evidenciam uma diferença estatisticamente significativa entre sexos, mas de apenas 0.9 pontos, sendo que pessoas do sexo masculino apresentam uma tendência ligeira para planejar mais.

Portugueses com rendimentos mais altos (níveis 3 e 4) planeiam significativamente mais em comparação com pessoas com rendimentos mais baixos (nível 1).

Adicionalmente, os portugueses com um nível de escolaridade superior planeiam mais a sua vida financeira quando comparadas com pessoas com menor escolaridade.

Por fim, a faixa etária com idades compreendidas entre os 18 e 34 anos, apresenta significativamente menos comportamentos de planeamento quando comparada com as restantes faixas etárias.

**Figura 16.** Valores na escala de comportamentos de planeamento - 0 a 25.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Gestão e Monitorização.

Pessoas com mais dificuldades financeiras tendem a apresentar mais comportamentos de gestão e monitorização.

Comportamentos de gestão e monitorização são conceptualizados como comportamentos de: registo de receitas e despesas, ajustes aos gastos do agregado e monitorização ativa da situação financeira do agregado.

Esta categoria de comportamentos assume um papel interessante devido a algumas nuances de evidências anteriores. Por um lado, a sua importância não pode ser negada, pois é apenas com uma gestão e monitorização ativa que os agregados podem estar conscientes da sua situação financeira e fazer os ajustes necessários. De facto, estudos mostram que são aqueles que adotam hábitos de gestão e monitorização financeira que conseguem acumular maior riqueza ao longo das suas vidas (Grable & Kruger, 2017).

No entanto, são as pessoas com mais dificuldades financeiras que tendem a manter níveis mais elevados de comportamentos de gestão e monitorização (Ameriks et al., 2003). Adicionalmente, existem 2 componentes desta categoria de comportamentos - o registo e o ajuste financeiro - que estão associadas a maiores níveis de sobre-endividamento. Por outro lado, pessoas mais sobre-endividadas exibem menores níveis de comportamentos de monitorização (Ferreira et al., 2021).

A longo prazo, quem apresenta mais destes comportamentos, tenderá a apresentar níveis mais elevados de riqueza. No entanto, a curto prazo, é possível que os comportamentos de gestão e monitorização não estejam associados a maiores níveis de bem-estar financeiro.

**Este padrão de evidências, parece indicar que dificuldades financeiras, despesas demasiado elevadas para o rendimento do agregado ou sobre-endividamento, podem levar à necessidade de uma gestão e monitorização mais ativa. Esta gestão e monitorização mais ativa parece ocorrer por a única forma de fazer face às necessidades financeiras do agregado.**

## Como avaliar Comportamentos de Gestão e Monitorização?

### Como medimos?

Para esta categoria de comportamento, foi utilizada a versão traduzida para Português da escala “Cash Flow Management Scale” (Goodwin & Koonce, 1992), traduzida por uma equipa de investigação composta por membros do CICPSI e do laboratório da NOVA-IMS.

Consiste em perguntar com que frequência as pessoas realizam determinados comportamentos relacionados com Gestão Financeira individual ou do seu agregado.

Esta escala permite avaliar 3 componentes diferentes de comportamentos de gestão e monitorização, tais como: o registo de receitas e despesas, ajustes aos gastos e monitorização ativa da situação financeira do agregado. Para cada uma das questões (apresentadas de seguida), os participantes responderam numa escala de frequências de “Nunca” a “Sempre”.

Adicionalmente, foi criado um valor de comportamentos normalizado, das respostas dadas pelos participantes, tendo sido estas normalizadas para uma escala de 0 a 25, de forma a facilitar a análise destas respostas, utilizando um método informado pelos métodos utilizados pela OCDE (2023).

### Para cada uma das seguintes frases, indique com que frequência você as realiza:

“Avalia o dinheiro gasto em despesas fixas (habitação, carro, faturas mensais, etc.).”

“Procura formas de reduzir as despesas, de forma a adequá-las ao seu rendimento.”

“Regista por escrito as suas despesas.”

“Regista por escrito os seus rendimentos.”

“Avalia o valor total das suas despesas.”

“Avalia o dinheiro gasto em despesas variáveis (alimentação, vestuário, lazer, etc.).”

“Salvaguarda que dispõe de dinheiro, caso lhe surja alguma situação de emergência.”

“Estabelece metas orçamentais para os seus gastos.”

Para cada uma das afirmações, os participantes responderam uma das seguintes opções, numa escala de frequência:

- 1 (Nunca)
- 2
- 3
- 4
- 5 (Sempre)

## Os portugueses apresentam uma frequência elevada de comportamentos financeiros de gestão e monitorização.

No que diz respeito a comportamentos de Gestão e Monitorização das suas vidas financeiras, 74% dos portugueses reporta avaliar o dinheiro gasto em despesas fixas com uma frequência elevada, sendo que este número passa a 60% para despesas variáveis, como alimentação e vestuário.

Adicionalmente, apenas 74% indicam que procuram formas de reduzir as suas despesas, de forma a adequá-las ao seu rendimento, com uma frequência elevada. Por fim, 22% dos portugueses referem estabelecer metas orçamentais para os seus gastos, com uma frequência reduzida. Parece existir uma incidência elevada de comportamentos de gestão e monitorização na população portuguesa.

**Figura 17.** Taxas de resposta a algumas questões acerca de comportamentos de Gestão e Monitorização.

Q: “Avalia o dinheiro gasto em despesas fixas (habitação, carro, faturas mensais...)?”



Q: “Avalia o dinheiro gasto em despesas variáveis (alimentação, vestuário, lazer...)?”



Q: “Procura formas de reduzir as despesas, de forma a adequá-las ao seu rendimento?”



Q: “Estabelece metas orçamentais para os seus gastos?”



- Respostas que incluem os valores 4 e 5 (Sempre) da escala de frequência.
- Respostas que incluem os valores 1 (Nunca) e 2 da escala de frequência.
- Respostas “3” da escala de frequência.

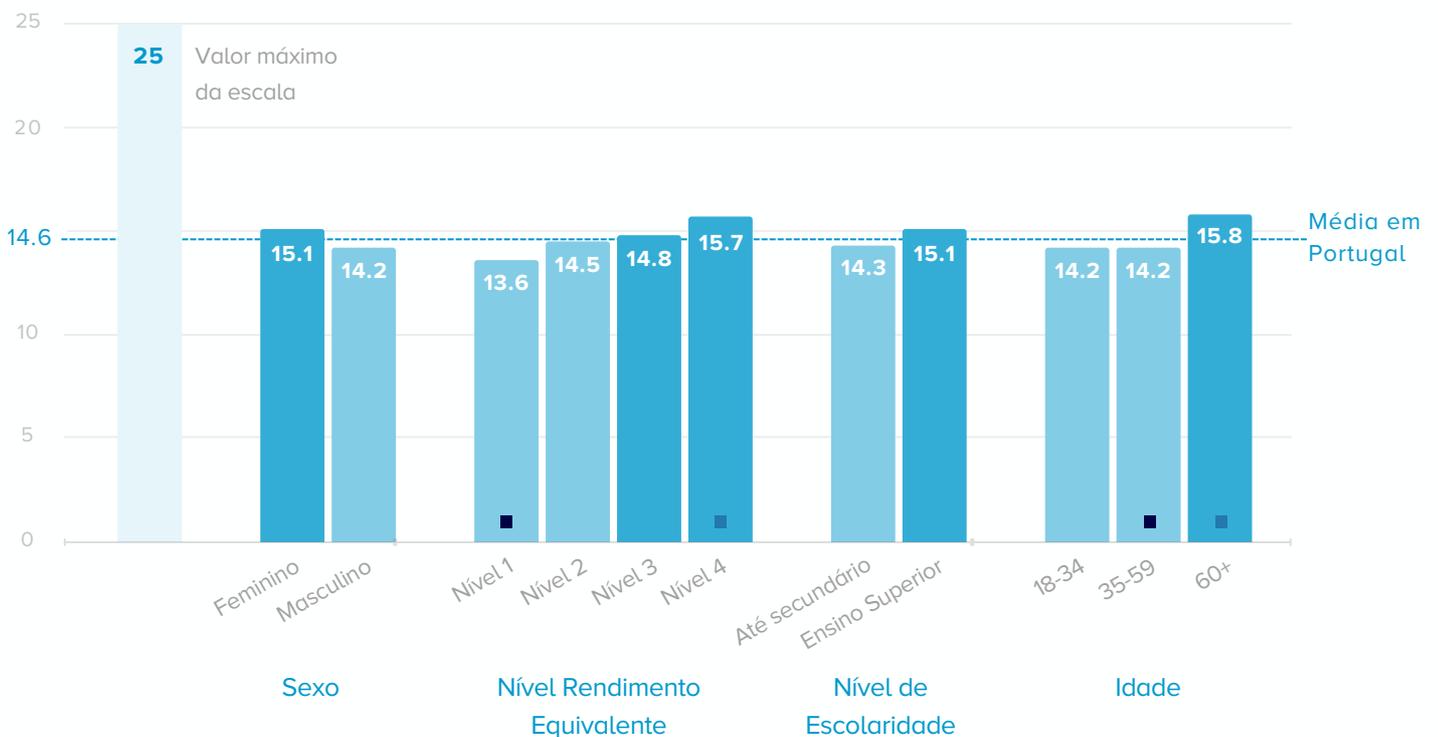
## Pessoas com mais de 60 anos apresentam níveis mais elevados de comportamentos de gestão e monitorização, acima da média portuguesa.

Relativamente aos comportamentos de gestão e monitorização, não se encontraram diferenças significativas entre sexos. Para além disso, verificou-se uma diferença significativa apenas entre o nível de rendimento mais elevado e o mais baixo - sendo que as pessoas com o nível de rendimento mais elevado apresentam níveis mais altos de gestão e monitorização do que pessoas com o nível de rendimento mais baixo.

Não foi identificada uma diferença significativa entre os dois níveis de escolaridade em termos de comportamentos de gestão e monitorização. Relativamente à idade, verificaram-se valores mais elevados de comportamentos de gestão e monitorização para pessoas com idade superior a 60 anos.

As diferenças encontradas na realização de comportamentos de gestão e monitorização entre grupos demográficos não foram muito acentuadas.

**Figura 18.** Valores na escala de comportamentos de gestão e monitorização - 0 a 25.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Endividamento.

## Pessoas sobre-endividadadas apresentam menor satisfação com a vida.

Comportamentos de endividamento prendem-se essencialmente com a contração de créditos e dívidas. É importante notar que a dívida se torna mais problemática quanto mais levar a sobre-endividamento, isto é, quando excede os recursos do agregado, prejudicando o pagamento de obrigações financeiras e custos de vida durante períodos de tempo prolongados (Ferreira et al., 2021).

**Investigação anterior demonstra como o sobre-endividamento tem impactos negativos em vários indicadores de saúde psicológica e física (Ferreira et al., 2021), nomeadamente ao nível da qualidade do sono (Warth et al., 2019), bem-estar subjetivo, bem-estar emocional e satisfação com a vida.**

Pessoas com pagamentos de empréstimos em atraso demonstram maior ideação suicida e estão sujeitas a um maior risco de depressão do que pessoas sem dificuldades financeiras (Turunen & Hiilamo, 2014).

Estudos recentes e pioneiros no contexto português revelam que pessoas sobre-endividadadas apresentam menor satisfação com a vida e bem-estar emocional em comparação com pessoas não sobre-endividadadas (Ferreira et al., 2021).

Neste estudo, os agregados familiares sobre-endividadados foram definidos como consumidores que procuraram voluntariamente a ajuda de especialistas em aconselhamento de dívidas (e.g., DECO), reportando uma incapacidade de cobrir despesas recorrentes e que, em geral, gastaram mais de 30% do seu rendimento mensal bruto em pagamentos totais de empréstimos.

Estudos anteriores no contexto português corroboram outras investigações ao nível do bem-estar financeiro: Níveis mais baixos de bem-estar financeiro em pessoas sobre-endividadadas contribuíram para explicar níveis mais baixos de satisfação com a vida em comparação com pessoas não sobre-endividadadas.

**Mais ainda, pessoas sobre-endividadadas apresentaram atitudes mais negativas em relação ao dinheiro quando as causas eram internas (e.g., má gestão financeira) do que quando as causas eram externas (e.g., desemprego).**

Por outro lado, pessoas não sobre-endividadadas apresentaram atitudes mais positivas face ao dinheiro e relataram monitorizar mais frequentemente o seu balanço financeiro do que as sobre-endividadadas (Ferreira et al., 2021).

## Como avaliar Comportamentos de Endividamento?

O sobre-endividamento muitas vezes está associado a comportamentos de consumo descuidados e imprudência financeira (Anderloni & Vandone, 2010; Disney et al., 2008). Mais ainda, estar sobre-endividado é uma fonte frequente de estigma social e preconceito, o que coloca mais pressão sobre as condições de vida (que já são difíceis) desses consumidores (Ferreira et al., 2021).

### Como medimos?

Os participantes responderam a 3 questões acerca de comportamentos de endividamento (apresentadas de seguida). As questões foram providenciadas pelo Professor Mário Ferreira, representante da chancela académica por parte da FPUL, tendo sido previamente utilizadas num protocolo experimental que culminou na publicação de diversos estudos acerca de endividamento.

### Em que medida concorda ou discorda com as seguintes afirmações?

“Tenho demasiadas dívidas neste momento.”

“Os meus encargos mensais associados a prestações a créditos (habitação, automóvel, pessoal, cartão de crédito, outros) são demasiado altas para os rendimentos do meu agregado.”

“Tenho dificuldades em pagar as minhas contas e cumprir as minhas obrigações financeiras quando elas são devidas.”

Para cada afirmação, os participantes responderam uma das seguintes opções:

- 1 = Discordo Totalmente
- 2 = Discordo
- 3 = Discordo um Pouco
- 4 = Não concordo Nem Discordo
- 5 = Concordo um Pouco
- 6 = Concordo
- 7 = Concordo Totalmente
- Prefiro não responder

Por questões de apresentação, os valores “1”, “2” e “3” são considerados como discordância, o valor “4”, como não concordância nem discordância e os valores “5”, “6” e “7” como concordância.

## 1 em cada 4 portugueses tem dificuldades em pagar a suas contas e cumprir as suas obrigações financeiras.

Apenas 22% dos portugueses tem a perceção subjetiva que tem demasiadas dívidas neste momento. Para além disto, 33% dos portugueses considera que os seus encargos mensais associados a prestações de crédito são demasiado altos para os rendimentos dos seus agregados.

Mais ainda, 27% dos portugueses reporta que tem dificuldades em pagar a suas contas e cumprir as suas obrigações financeiras quando estas são devidas.

Este padrão de resultados evidencia que a maior parte dos portugueses percebe que não tem um nível de endividamento demasiado elevado. No entanto, existe uma percentagem significativa da população que experiencia uma pressão elevada dos seus encargos com dívidas.

**Figura 19.** Taxas de resposta a algumas questões da escala de comportamentos de endividamento.

Q: “Tenho demasiadas dívidas neste momento.”



Q: “Os encargos mensais associados a prestações a créditos (habitação, automóvel, cartão de crédito, outros) são demasiado altas para os rendimentos do meu agregado.”



Q: “Tenho dificuldades em pagar as minhas contas e cumprir as minhas obrigações financeiras quando elas são devidas.”



- Discorda total ou parcialmente, indicando níveis de endividamento menores.
- Concorda total ou parcialmente, indicando níveis de endividamento maiores.
- Não concorda nem discorda.

## Portugueses com menor rendimento e menor escolaridade têm menos comportamentos de endividamento saudáveis.

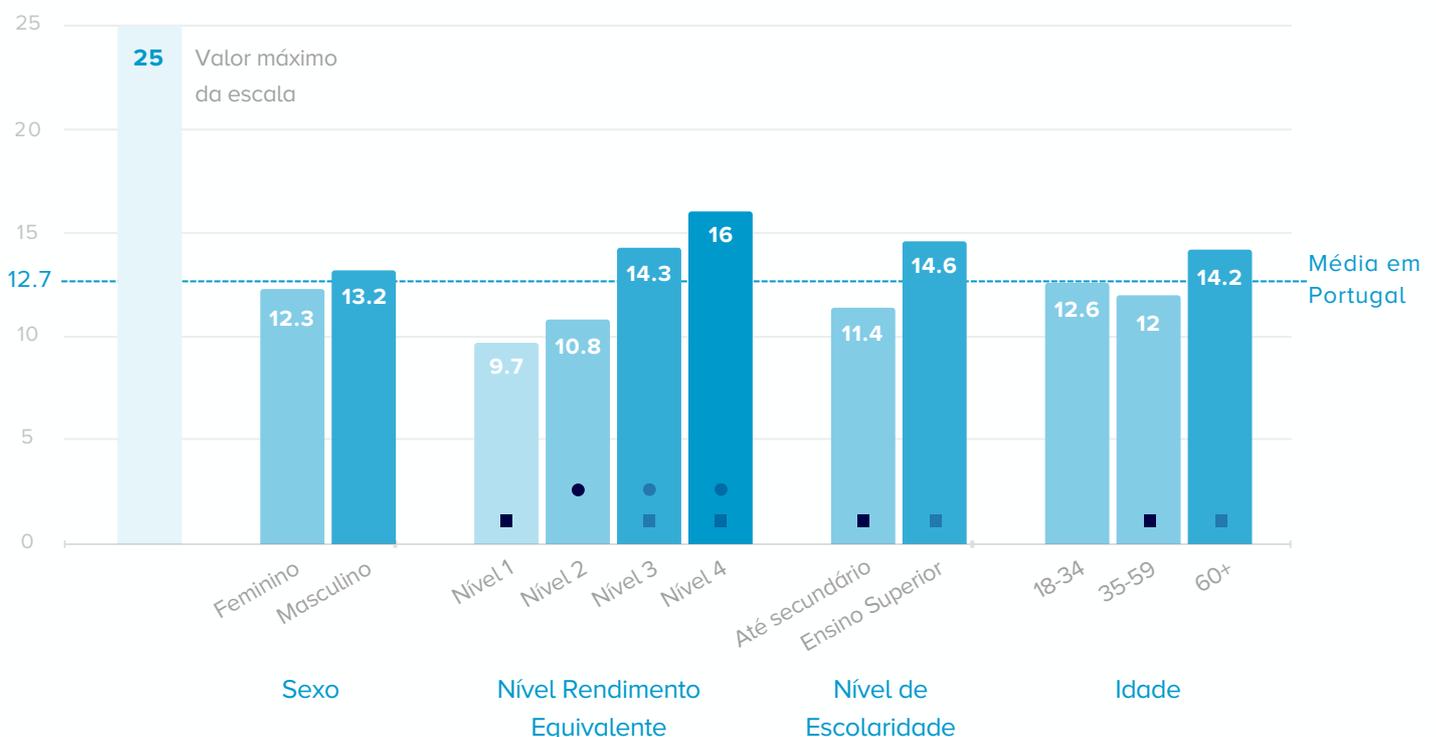
Aqui, podemos observar os resultados da escala de endividamento, considerando que valores mais elevados, implicam comportamentos mais saudáveis em relação a endividamento. Ou seja, valores mais altos, menos endividamento experienciado.

Não foram observadas diferenças significativas entre sexos. Verificam-se, no entanto, diferenças significativas entre os 2 níveis de rendimento mais baixos e os 2 níveis de rendimento mais elevados - sendo que pessoas com níveis de rendimento mais elevados apresentam melhores resultados.

Relativamente à escolaridade, os portugueses com ensino superior têm comportamentos mais saudáveis relativamente a endividamento. Quando olhamos para os resultados relativos à idade, existe uma diferença estatisticamente significativa entre a população com mais de 60 anos e aqueles que estão entre os 35 e 59 anos.

Este padrão denota uma diferença acentuada para diferentes níveis de rendimento equivalente, sendo visível um resultado baixo para indivíduos com rendimentos reduzidos.

**Figura 20.** Valores na escala de comportamentos de endividamento - 0 a 25.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Poupança.

A ausência de poupanças ou de um fundo de emergência é um indicador importante de fragilidade financeira.

Comportamentos de poupança, definidos como o adiamento do gasto de rendimentos atuais para consumo futuro, são uma das categorias de comportamentos financeiros avaliados no presente estudo.

Estudos indicam que maiores níveis de poupança estão relacionados com maiores níveis de bem-estar financeiro (Riitsalu & van Raaij, 2020; Sabri et al., 2020). Isto pode dever-se ao facto de que ter poupanças permite resistir a choques económico-financeiros inesperados e que a ausência de poupanças ou de um fundo de emergência é vista como um indicador importante de fragilidade financeira (Lusardi & Streeter, 2023).

**Para além disto, estudos indicam que comportamentos de poupança apresentam uma relação mais forte com bem-estar financeiro do que choques financeiros e volatilidade nas receitas dos agregados, enfatizando a importância dos comportamentos de poupança propriamente ditos (Anvari-Clark & Ansong, 2022).**

Enquanto que, por um lado, ter rendimentos mais elevados facilita o ato de poupar (Mauldin et al., 2016), existe uma variedade de antecedentes que influenciam a adoção de comportamentos de poupança.

As normas sociais dos grupos onde estamos inseridos são um antecedente importante. Isto é, a percepção de que poupar é um comportamento desejado pelos amigos e família contribui para que as pessoas tenham uma maior probabilidade de tomar essas ações (Ismail et al., 2013; Vasudeva, 2021). Para além disso, as heurísticas e viéses cognitivos parecem influenciar significativamente decisões de poupança para a reforma (Benartzi & Thaler, 2007).

Isto indica que existem mecanismos através do qual é possível influenciar um aumento do nível de poupanças mesmo que os rendimentos dos agregados não aumentem.

## Como avaliar Comportamentos de Poupança?

### Como medimos?

No presente estudo, utilizou-se uma versão traduzida para português, pela Laicos - Behavioural Change, de perguntas utilizadas em estudos científicos acerca de comportamentos de poupança (Brown & Taylor, 2016; de Bassa Scheresberg, 2013).

As perguntas utilizadas no presente estudo incidem na realização de comportamentos de poupança e acerca da existência de poupanças no geral. Permitem discernir diferentes componentes do comportamento de poupança, sendo que se considerou poupanças individuais ou com um/a parceiro/a.

À semelhança dos restantes comportamentos foi criado um valor de comportamentos de poupança normalizado e transformado para uma escala de 0 a 25, a partir das respostas dadas pelos participantes, utilizando um método informado pela OCDE (2023).

### Nesta secção, irá responder acerca de poupanças e situações hipotéticas.

“Quão confiante está de que conseguiria arranjar 2.000 euros se surgisse uma necessidade inesperada no próximo mês?”

- Tenho a certeza que conseguiria arranjar 2000 euros
- Provavelmente conseguiria arranjar 2000 euros
- Provavelmente não conseguiria arranjar 2000 euros
- Tenho a certeza que não conseguiria arranjar 2000 euros

“Existem várias formas de ter poupanças. Por exemplo, pode-se guardar dinheiro físico, usar contas bancárias, ter seguros de vida, possuir fundos mútuos, fundos de pensão, entre outros. Atualmente, possui alguma poupança?”

“Reservou um fundo de emergência que cobriria as suas despesas durante três meses em caso de doença, perda de emprego, recessão económica ou outras emergências?”

“Nos últimos 12 meses, poupou ou poupa alguma parte do seu rendimento, por exemplo, colocando de vez em quando algum dinheiro numa conta bancária, além do necessário para pagar as contas regulares?”

Os participantes responderam a estas 3 questões com uma das seguintes opções:

- Sim
- Não
- Não sei
- Prefiro não responder

## 1 em cada 3 portugueses não conseguiria fazer face a uma despesa inesperada de 2.000 euros no próximo mês.

Ainda que uma minoria, 22% dos portugueses referiram não ter qualquer tipo de poupança atualmente e 42% afirmou não ter um fundo de emergência que cobriria as suas despesas durante 3 meses em caso de emergência. Adicionalmente, 32% reportaram não conseguir poupar durante os últimos 12 meses.

Para além disto, 17% dos portugueses tem a certeza que não conseguiria fazer face a uma despesa de 2.000 euros no mês seguinte e 19% referiram que provavelmente não conseguiriam.

Apenas 39% dos portugueses têm a certeza que conseguiriam fazer face a uma despesa inesperada desta dimensão.

**Figura 21.** Taxas de resposta a questões acerca dos comportamentos de poupança realizados.

Q: “Atualmente, possui alguma poupança?”



Q: “Nos últimos 12 meses, poupou alguma parte do seu rendimento?”



Q: “Reservou um fundo de emergência que cobriria as suas despesas durante três meses em caso de doença, perda de emprego, recessão económica ou outras emergências?”



■ “Sim.” ■ “Não.” ■ “Não sei” ou “prefiro não responder.”

Q: “Quão confiante está de que conseguiria arranjar 2.000 euros se surgisse uma necessidade inesperada no próximo mês?”



■ Certeza que conseguiria. ■ Certeza que não conseguiria.  
 ■ Provavelmente conseguiria. ■ Provavelmente não conseguiria.

## Portugueses com maior rendimento e maior escolaridade têm mais comportamentos de poupança.

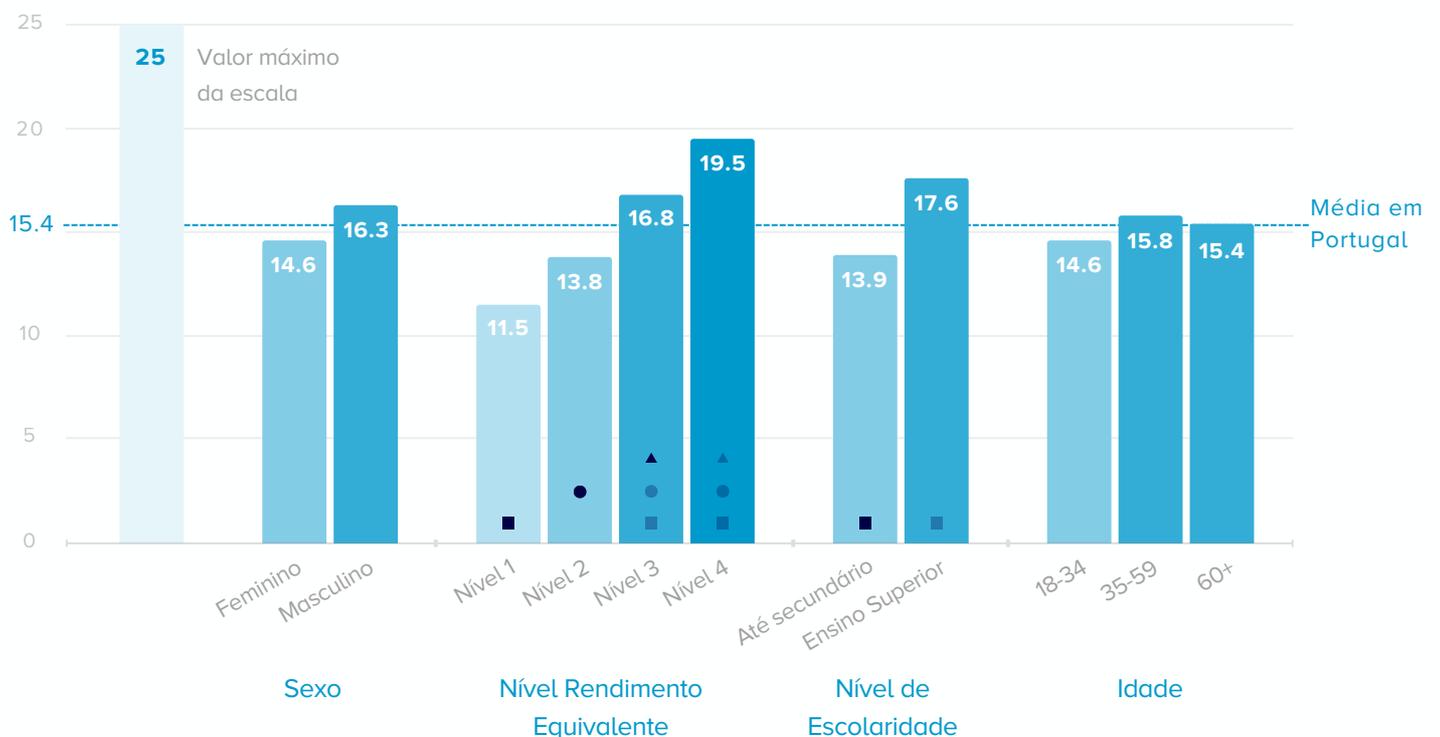
No que diz respeito à escala de comportamentos de poupança, não se verificaram diferenças significativas entre sexos. Existem diferenças significativas entre os níveis de rendimento mais baixos e os níveis de rendimento mais elevados.

Ou seja, no geral, os portugueses com rendimentos mais elevados apresentam mais comportamentos de poupança, bastante acima da média portuguesa.

Verificou-se também que os portugueses com níveis de escolaridade mais elevados, apresentam mais comportamentos de poupança, com valores acima da média portuguesa.

Por último, não se verificaram diferenças de comportamentos de poupança entre faixas etárias. Novamente, verifica-se um padrão consistente de diferenças significativas a nível de rendimentos e escolaridade.

**Figura 22.** Valores na escala de comportamentos de poupança - 0 a 25.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Investimento.

Para investir, é necessário poupar.

Investir consiste na aplicação de poupanças em instrumentos financeiros, com a expectativa de obter um retorno futuro. Existem variados tipos de investimento, tais como: certificados de tesouro, ações, planos de poupança, entre outros. Esta definição implica que, de forma a investir, é necessário poupar uma parte do rendimento, tornando o comportamento de investimento, subordinado ao comportamento de poupança.

No entanto, investir, é um comportamento importante por si mesmo para a acumulação de riqueza ao longo da vida. Estudos indicam que a taxa de retorno de investimento é determinante para a quantidade de riqueza acumulada pelas pessoas ao longo da sua vida (Sierminska et al., 2010).

**No entanto, investir com sucesso não é simples, como evidenciado por estatísticas de que 70% a 90% das pessoas que investem no mercado bolsista perdem dinheiro (Financial Times, 2020).**

Considerando que o ato de investir é subordinado ao comportamento de poupança, é difícil de destrinçar se investir tem um impacto positivo por si só no bem-estar financeiro das pessoas, ou se este impacto é principalmente determinado pelo impacto da poupança. De facto, estudos científicos tendem a medir o constructo de poupança e investimento de forma conjunta (e.g., Riyazahmed, 2021), apresentando uma relação positiva com o bem-estar financeiro. Por outro lado, algumas evidências apontam para que maiores níveis de bem-estar financeiro estejam correlacionados com menores intenções de investimento no mercado bolsista (Sivaramakrishnan & Srivastava, 2019).

Este conjunto de evidências leva-nos a ponderar se o comportamento de investir, pura e simplesmente deve ser visto como algo positivo ou não. Por essa razão, os resultados das questões de investimento não foram transformadas para uma escala de 0 a 25, como foi feito para os restantes comportamentos, não fazendo parte da escala total de comportamentos apresentada mais à frente.

## Como avaliar Comportamentos de Investimento?

### Como Medimos?

No presente estudo, medimos comportamentos de investimento através de questões elaboradas pela Laicos-Behavioural Change, de forma a avaliar o conhecimento e comportamentos de investimento dos participantes, relativo a uma lista de instrumentos financeiros retirados de Silva (2023). Foi também realizada uma questão relativa à intenção das pessoas em investir, mesmo que nunca o tivessem feito.

Nas páginas seguintes, apresentamos os resultados relativos a algumas destas questões (apresentadas de seguida). Ao contrário do que foi feito para os restantes comportamentos, não foi criado um valor composto normalizado, considerando que os comportamentos de investimento podem ser considerados uma sub-categoria de comportamentos de poupança.

“Já alguma vez investiu algum do seu dinheiro?”

“Já alguma vez considerou investir algum do seu dinheiro?”

Para ambas estas questões, os participantes responderam “Sim” ou “Não”.

“Respondeu anteriormente que já investiu algum do seu dinheiro. De entre os seguintes instrumentos de investimento, assinale todos os que já deteve ou detém atualmente:”

Para a questão anterior, os participantes responderam entre as seguintes opções:

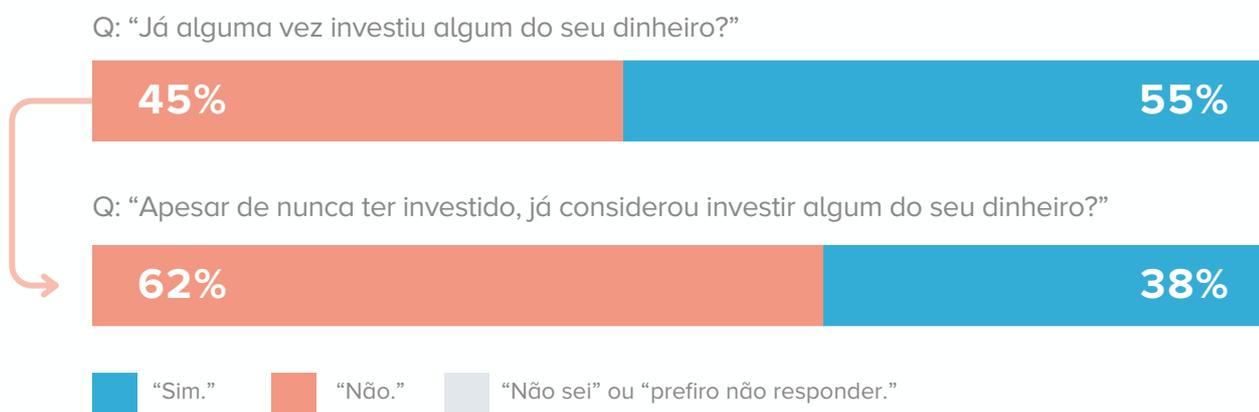
- Certificados de aforro
- Certificados de tesouro
- Ações, índices, ETF's
- Obrigações
- Papel comercial
- Fundos de investimento
- Planos de poupança para a reforma
- Nenhum deles
- Outros. Qual/Quais?

## 55% dos portugueses já investiu parte do seu dinheiro.

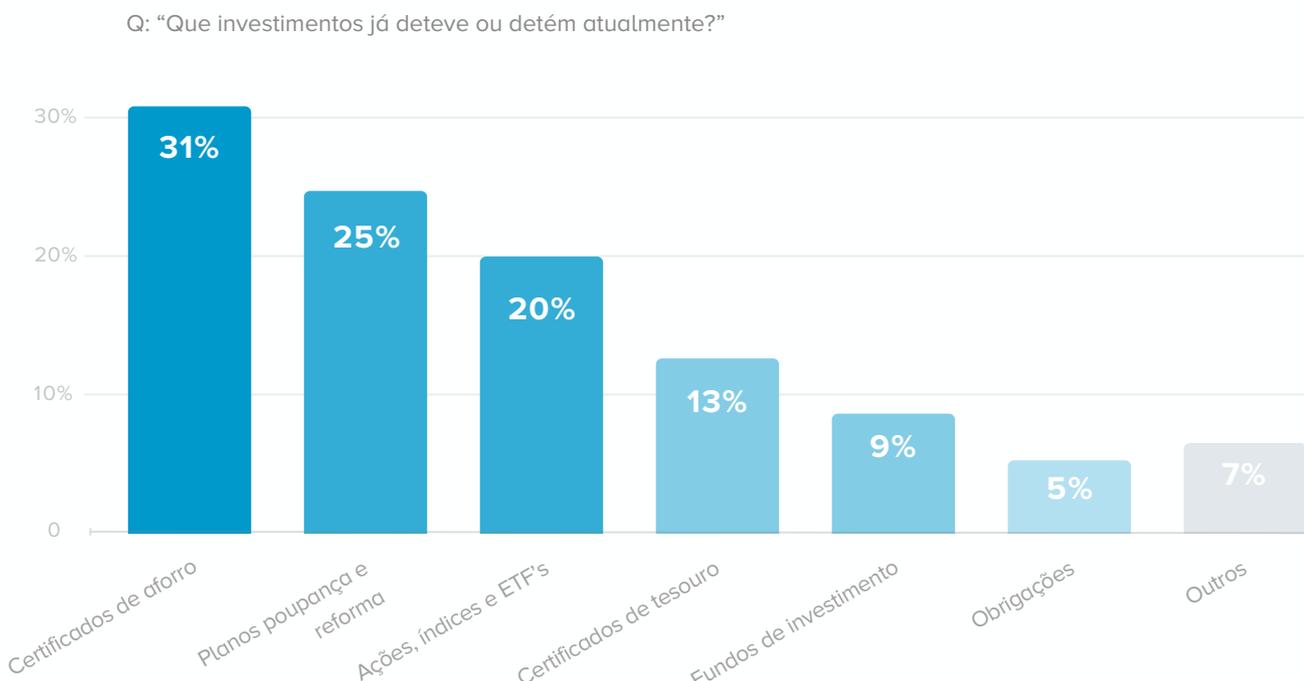
Mais de metade (55%) dos portugueses reporta que já investiu algum do seu dinheiro, pelo menos uma vez. Complementarmente, dos 45% de portugueses que nunca investiu, 38% referiu que já considerou realizar esse comportamento.

Dos portugueses que já investiram, os investimentos mais comuns em que já investiram ou investem atualmente são os certificados de aforro - 31%, seguido dos planos poupança e reforma - 25% e só depois ações, índices e ETF's - 20%.

**Figura 23.** Taxas de respostas a questões de comportamentos de investimento.



**Figura 24.** Instrumentos de investimento que os portugueses detêm ou já detiveram.



## Portugueses do sexo masculino, com maior rendimento, maior escolaridade e a partir dos 35 anos investem mais.

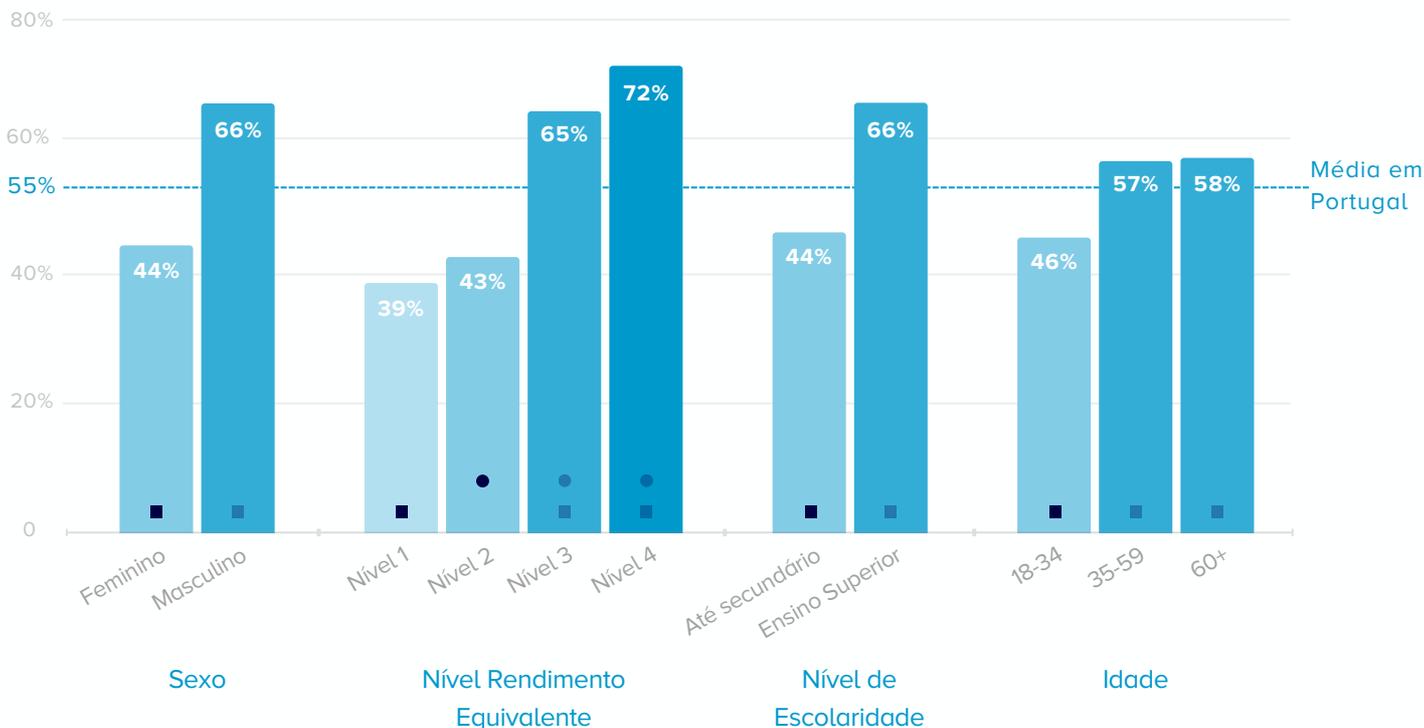
As pessoas do sexo masculino investem significativamente mais que as pessoas do sexo feminino, estando bastante acima da média Portuguesa.

Pessoas com rendimentos mais elevados investem significativamente mais que as pessoas com níveis de rendimento mais baixo, estando também bastante acima da média Portuguesa.

É de notar também que existem diferenças significativas entre os dois níveis mais baixos de rendimento quando comparados com dois níveis mais altos.

Em termos de escolaridade, pessoas com o ensino superior demonstram investir significativamente mais, em comparação com pessoas sem o ensino superior, estando bastante acima da média Portuguesa. Pessoas da faixa etária mais jovem investem significativamente menos do que as outras faixas etárias.

**Figura 25.** Percentagem de portugueses que investe atualmente ou já investiu anteriormente.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

# Comportamentos Financeiros.

## Haverá diferenças entre grupos demográficos?

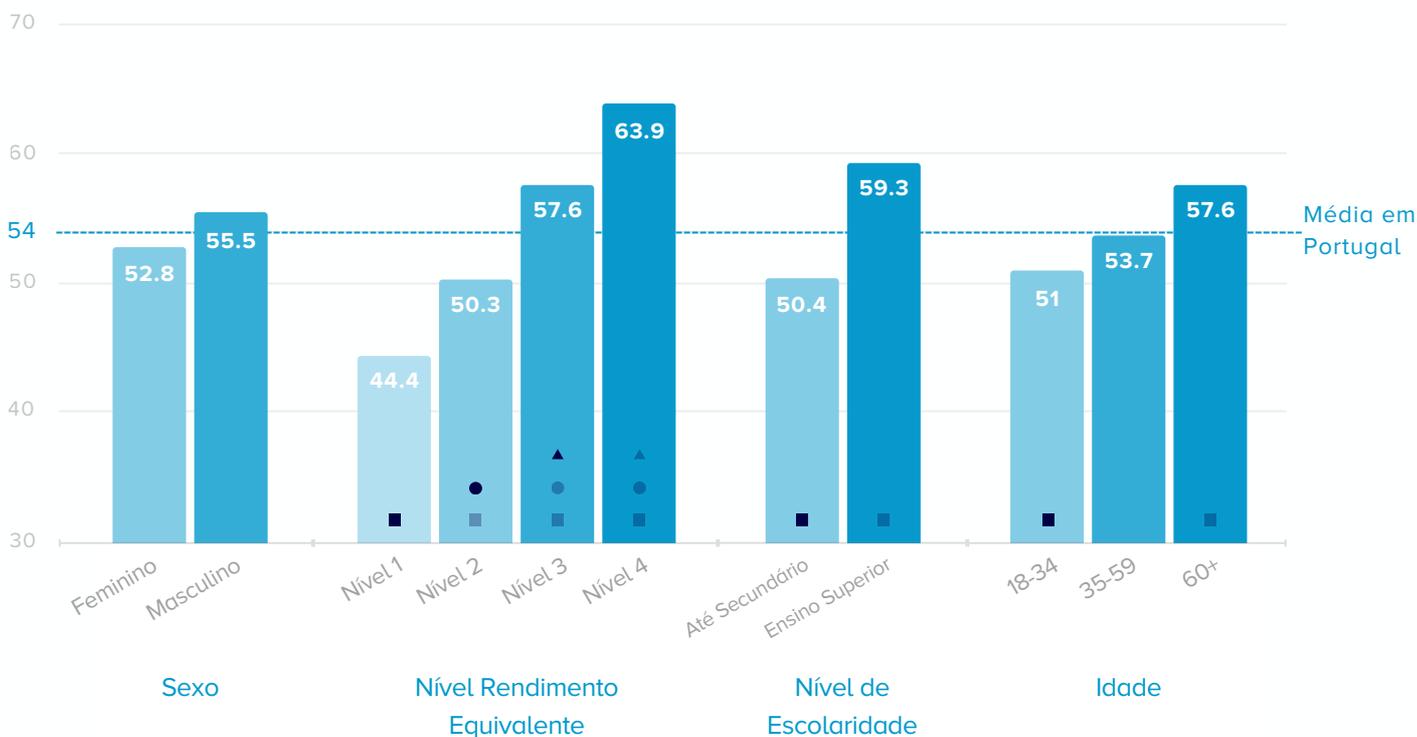
A partir da soma das escalas de comportamentos de Planeamento, Gestão e Monitorização, Endividamento, e Poupança foi criada uma escala compósita comportamental de 0 a 100. Esta permite ter uma visão comportamental geral entre grupos demográficos.

Não foram identificadas diferenças significativas entre sexos. Em relação ao nível de rendimento, à medida que este aumenta, o total de comportamentos financeiros saudáveis também aumenta significativamente.

Similarmente, pessoas com ensino superior, apresentam significativamente mais comportamentos financeiros positivos, que pessoas com escolaridade até ao ensino secundário.

Finalmente, existem diferenças significativas no que diz respeito aos comportamentos, entre a faixa etária mais inferior quando comparada com a faixa etária mais superior, apresentando esta última, mais comportamentos financeiros.

**Figura 26.** Valores na escala de comportamentos total - 0 a 100.



Nota: Para facilitar a interpretação do gráfico relativa à significância estatística, consulte o Apêndice B "Nota Estatística", no final deste documento.

## Não existem diferenças comportamentais significativas entre sexos relativamente aos comportamentos financeiros medidos.

Como podemos observar, existe uma grande variedade de comportamentos financeiros que podem ser adotados pelas pessoas na sua tentativa de alcançar níveis de bem-estar financeiro mais elevados.

Em relação ao sexo dos participantes, ao contrário do que tinha sido observado até este momento, no presente estudo, não foram verificadas diferenças significativas, no que diz respeito aos comportamentos financeiros agregados. No entanto, quando olhamos para comportamentos de investimento, verificamos que mais 22% das pessoas do sexo masculino investiram de alguma forma o seu dinheiro, quando comparadas com pessoas do sexo feminino.

**Esta descoberta é consistente com a literatura, apontando que pessoas do sexo feminino tendem a apresentar menos tolerância ao risco financeiro e a gerir o seu dinheiro de forma mais conservadora (e.g., Fisher & Yao, 2017).**

Verificaram-se diferenças consistentes em relação a todos os comportamentos financeiros, no que diz respeito ao nível de rendimento equivalente dos participantes. Estas diferenças eram expectáveis, por duas razões:

Por um lado, efeitos intergeracionais de gestão de riqueza, referidos anteriormente, fazem com que famílias com maiores níveis de riqueza tenham conversas mais abertas sobre estes temas - e, por sua vez, os membros mais novos destas adotem comportamentos financeiros mais conducentes ao bem-estar financeiro.

Por outro lado, considerando a vasta literatura neste tópico, a adoção destes comportamentos tende a contribuir para o aumento do nível de riqueza das pessoas ao longo do tempo. Ou seja, especulamos que existe uma relação bidirecional reforçante entre os níveis de rendimento e comportamentos financeiros, levando ao padrão consistente encontrado neste estudo.

## Em Portugal, a frequência de comportamentos financeiros conducentes a bem-estar financeiro é transversalmente baixa.

No que diz respeito aos níveis de escolaridade, verificaram-se também diferenças significativas consistentes ao longo dos comportamentos financeiros. Não podemos, à semelhança dos restantes comportamentos, afirmar que isto se deve a uma influência direta do nível de escolaridade, uma vez que, por exemplo, pessoas com maior nível de escolaridade também apresentam níveis de rendimento equivalente mais elevados. Ou seja, novamente, este efeito de reforço intergeracional, em que famílias com mais rendimentos proporcionam contextos que facilitam maior escolaridade nos seus agregados, pode ajudar a explicar estas diferenças consistentes entre pessoas com diferentes níveis de escolaridade.

Em relação a diferenças de idade, foi possível verificar que não existem diferenças consistentes entre faixas etárias. Isto levanta a necessidade de realizar estudos mais aprofundados acerca de cada uma destas faixas etárias, tentando explorar as causas e consequências dos seus comportamentos financeiros, no contexto português.

**Por fim, quando se verifica que apenas 39% dos portugueses conseguiria fazer face a uma despesa de 2.000 euros no próximo mês, que 1 em cada 3 portugueses considera os seus encargos com créditos demasiado elevados e que os resultados na escala de planeamento são de 11.3 em 25, isto indica que a frequência de comportamentos financeiros mais saudáveis é baixa e implica uma necessidade clara de promoção dos mesmos no contexto português.**

No entanto, é provável que nem todos os comportamentos sejam “criados de forma igual”, existindo alguns mais relevantes que outros a predizer o bem-estar financeiro subjetivo das pessoas. Na secção seguinte testamos exatamente esta questão, tentando descobrir quais são exatamente os comportamentos mais preditivos de um maior bem-estar financeiro.

# Comentário.

“Estas descobertas fornecem uma base sólida para futuras políticas que visem melhorar o bem-estar financeiro da população portuguesa.”

O presente estudo oferece uma visão importante sobre a realidade financeira dos portugueses e apresenta uma análise que reflete como a capacidade de planeamento a longo-prazo pode ajudar a melhorar o bem-estar financeiro. Os dados revelam uma preocupante lacuna entre o conhecimento financeiro e as práticas efetivas de planeamento e gestão financeira

**Apenas um terço dos portugueses apresenta um bom nível de conhecimento financeiro e metade admite sentir ansiedade ao pensar sobre as suas finanças pessoais, tornando-se evidente a necessidade de intervenções e estratégias comportamentais para promover uma saúde financeira mais sólida.**

Neste caso, parece que tudo se resume à capacidade efetiva de aplicar princípios básicos para melhorar a saúde financeira do agregado familiar. Dito isto, a discrepância entre a teoria e a prática é destacada pelos números: embora uma parcela significativa da população portuguesa afirme planear a sua vida financeira, apenas uma minoria controla o valor do seu património, ou investe em poupanças ou fundos de emergência, o que demonstra a potencial fragilidade financeira de algumas famílias portuguesas perante tempos adversos ou caso surjam imprevistos, tais como doenças ou a perda de emprego.

Este estudo revela que 1 em cada 4 portugueses enfrenta dificuldades para pagar as suas contas e cumprir as suas obrigações financeiras, e que aqueles que estão sobre-endividados tendem a apresentar uma menor satisfação com a vida, o que representa uma grande fonte de stress e de preocupação para a maioria dos portugueses.

No entanto, há um ponto positivo a ser destacado: os indivíduos com mais de 60 anos exibem comportamentos de gestão financeira mais sólidos, sugerindo que a experiência pode desempenhar um papel importante na melhoria das práticas financeiras. Até que ponto não seria relevante desenvolver estratégias comportamentais e políticas públicas que auxiliassem os mais jovens e os mais vulneráveis a reforçar o seu bem-estar financeiro?

Estas descobertas fornecem uma base sólida para futuras pesquisas e políticas que visem melhorar o bem-estar financeiro da população portuguesa.

**Professor Diego Costa Pinto**  
**Diretor NOVA Marketing Analytics Lab**

# Predizer Bem-Estar Financeiro.

## Da análise descritiva à análise preditiva.

Até agora, descrevemos como diferentes variáveis, relacionadas ao bem-estar financeiro, estão presentes em Portugal. Considerámos o conhecimento financeiro, atitudes financeiras, comportamentos financeiros e viéses cognitivos e como estes estão distribuídos demograficamente em Portugal. É necessário realçar novamente que as relações observadas não implicam causalidade. Não podemos afirmar, por exemplo, que as pessoas do sexo masculino apresentam maior bem-estar financeiro, ou mais conhecimento, simplesmente por serem do sexo masculino.

**O objetivo principal deste estudo é investigar quais as variáveis e características que ajudam a prever o bem-estar financeiro dos portugueses. Nesta secção, vamos verificar se as relações entre as variáveis analisadas e o bem-estar financeiro se mantêm, mesmo quando consideramos as restantes variáveis estudadas.**

As variáveis analisadas neste estudo foram escolhidas exatamente porque a literatura indica que são importantes na promoção de um maior bem-estar financeiro. No entanto, não podemos assumir que estas são igualmente importantes no contexto português. Queremos, com os resultados obtidos nesta secção, ir além da descrição da realidade e dar mais um passo no aprofundamento do conhecimento sobre o que prediz bem-estar financeiro e abrir a porta para possíveis intervenções que sejam eficazes a melhorar o bem-estar financeiro dos portugueses.

**Passamos assim de uma perspetiva meramente descritiva, que assumimos até este momento, e passamos para uma perspetiva preditiva.**

Por exemplo, vimos que as pessoas do sexo feminino têm menores níveis de bem-estar financeiro. No entanto, não podemos inferir desse resultado que as diferenças no nível de bem-estar financeiro entre sexos se devem a uma influência direta dessa variável. Mas agora, poderemos verificar se essa relação se mantém quando temos em conta e controlamos a influência das restantes variáveis.

De forma a avaliar as relações e contribuições de cada variável avaliada no bem-estar financeiro, estas têm de ser analisadas em conjunto, para nos permitir perceber quais são, de facto, os fatores que predizem o bem-estar financeiro, mesmo quando os restantes estão presentes.

De forma a realizar essa análise, utilizamos um método estatístico - uma regressão linear - que permite avaliar o contributo relativo de múltiplas variáveis na predição outra variável. Neste caso, o que queremos saber é quais são as variáveis mais relacionadas com o bem-estar financeiro, mesmo quando as restantes estão presentes.

Assim, criámos um modelo preditivo do bem-estar financeiro com as variáveis descritas até este momento. Os resultados estão visíveis nas páginas seguintes.

## Quais as variáveis que mais predizem bem-estar financeiro?

Na tabela apresentada abaixo, estão representados os resultados referentes à regressão linear realizada para compreender quais as variáveis predictoras de bem-estar financeiro. Nas páginas seguintes explicamos a importância destes resultados.

Neste modelo incluímos as variáveis demográficas recolhidas neste estudo, bem como os comportamentos, as atitudes, o conhecimento financeiro e os vieses cognitivos. As variáveis apresentadas na tabela correspondem às que significativamente predizem bem-estar financeiro.

**Tabela 1.** Regressão linear relativa aos preditores de bem-estar financeiro.

	$\beta$	B	SE
<b>Idade</b>	<b>-0.067**</b>	<b>-0.106</b>	<b>0.043</b>
<b>Rendimento Equivalente</b>	<b>0.218***</b>	<b>0.001</b>	<b>0.000</b>
<b>Desconto Hiperbólico</b>	<b>0.083***</b>	<b>2.307</b>	<b>0.774</b>
<b>Ansiedade Financeira</b>	<b>-0.349***</b>	<b>-0.430</b>	<b>0.038</b>
<b>Conhecimento Financeiro</b>	<b>-0.068**</b>	<b>-1.736</b>	<b>0.734</b>
<b>Endividamento</b>	<b>0.229***</b>	<b>0.517</b>	<b>0.071</b>
<b>Gestão e Monitorização</b>	<b>-0.094***</b>	<b>-0.292</b>	<b>0.089</b>
<b>Poupança</b>	<b>0.146***</b>	<b>0.355</b>	<b>0.078</b>

Nota:  $R^2 = 0.502$ . Neste modelo, o  $R^2$ , indica a proporção de variabilidade do bem-estar financeiro que é explicada pelas variáveis predictoras no modelo de regressão. Neste caso, cerca de 50% da variabilidade do bem-estar financeiro é explicada pelas variáveis presentes no modelo.

Nota 2: Os valores  $\beta$  (coeficiente estandardizado), o B (coeficiente) e o SE (erro padrão) são reportados. \*\*\* e \*\* indicam que os valores reportados são significativos a 0.01 e 0.05, respetivamente. Em relação ao  $\beta$ , este valor descreve quão forte é a relação entre as variáveis - quanto mais perto de 1 ou -1, mais forte é essa relação. Valores de  $\beta$  mais diferentes de 0, indicam relações mais fortes entre a variável indicada e o bem-estar financeiro.

## Quais as variáveis que mais predizem bem-estar financeiro?

O modelo anterior evidencia a relação multidimensional de diferentes variáveis com o bem-estar financeiro. Este modelo permite verificar se as diferentes variáveis analisadas neste estudo estão significativamente relacionadas com o bem-estar financeiro, mesmo na presença das restantes. É importante salientar que, apesar de este modelo ser mais robusto que meras correlações, ele não nos indica a direção das relações entre as variáveis. Podemos postular que a relação entre comportamentos e bem-estar financeiro flui principalmente numa direção, sendo os comportamentos a influenciar o bem-estar subjetivo. No entanto, de forma a testar cientificamente essa hipótese, é necessário utilizar outras metodologias de investigação.

### Sexo e Escolaridade

Apesar das diferenças identificadas anteriormente no que diz respeito a diferenças entre sexos e níveis de escolaridade, conseguimos verificar neste modelo que, quando incluímos as restantes variáveis no modelo, o sexo e o nível de escolaridade não apresentam uma relação significativa com o bem-estar financeiro subjetivo. Esta evidência demonstra que, quando tudo o resto é igual, não existe uma diferença fundamental entre pessoas com sexos e níveis de escolaridade diferentes, relativamente ao seu bem-estar financeiro. Estes resultados indicam que as diferenças identificadas anteriormente nestas variáveis se devem ao efeito de outras variáveis que estavam obscurecidas e que este modelo consegue evidenciar.

### Idade

Verificamos uma relação ligeira entre a idade e o bem-estar financeiro. De facto, quando controlamos para as restantes variáveis do modelo, quanto mais elevada a idade dos participantes, menor o nível de bem-estar financeiro demonstrado. Esta evidência requer validação adicional, considerando que alguns estudos em países diferentes, indicam que o bem-estar financeiro deveria aumentar ao longo da vida (Collins & Urban, 2018)

### Rendimento equivalente

Como esperado, o rendimento equivalente relaciona-se significativamente com o bem-estar financeiro. Não é surpreendente que quanto mais dinheiro uma pessoa tem disponível, que mais elevado será o seu bem-estar financeiro. O nível de rendimento equivalente é uma das variáveis mais preditivas do modelo, mesmo quando consideramos as restantes variáveis. No entanto, talvez de forma surpreendente para alguns, não é a variável mais preditiva do modelo. Esta descoberta reitera o que foi referido na introdução deste estudo, de que o bem-estar financeiro vai para além de um cálculo aritmético simples.

## Quais as variáveis que mais predizem bem-estar financeiro?

### Conhecimento Financeiro

No que diz respeito ao conhecimento financeiro, este apresenta uma relação inesperada, com o bem-estar financeiro subjetivo. De facto, está relacionada com o bem-estar financeiro de forma significativa quando consideramos as restantes variáveis. No entanto, esta relação é inversa ao esperado. Ou seja, quanto maior conhecimento financeiro, menor bem-estar financeiro subjetivo. Apesar de este resultado não ser inédito na literatura (Mahdzan et al., 2019), é uma relação extremamente contraintuitiva. Esta relação não significa necessariamente que o conhecimento financeiro é negativo por si mesmo. Mas quando consideramos o impacto de todas as outras variáveis, o conhecimento financeiro não tem um efeito positivo no bem-estar financeiro. É possível que isto indique que o conhecimento financeiro apenas interessa quando existem comportamentos financeiros relevantes, conducentes a bem-estar financeiro. É importante aprofundar e validar esta relação em estudos futuros.

### Viéses Cognitivos

No que diz respeito a viéses cognitivos, verificou-se que as respostas no CRT não estão relacionadas diretamente com o bem-estar financeiro. No entanto, os resultados na variável do desconto hiperbólico apresentam uma relação importante com o bem-estar financeiro dos sujeitos. Considerando evidências prévias, e tendo em conta que o desconto hiperbólico é um conceito diretamente relacionado com o valor que se atribui ao dinheiro, considerando o seu horizonte temporal, este resultado não é surpreendente. E, reitera também a importância de considerar variáveis cognitivas e psicológicas no que diz respeito ao bem-estar financeiro dos portugueses.

### Ansiedade Financeira

Como esperado, a ansiedade financeira mostrou uma relação significativa e inversa com o bem-estar financeiro subjetivo. Ou seja, quanto mais elevados os níveis de ansiedade financeira evidenciados pelas pessoas, menores os níveis de bem-estar financeiro subjetivo. Apesar da evidência esperada desta relação, a dimensão da mesma foi surpreendente. No modelo aplicado, a variável individual que evidencia uma maior relação do bem-estar financeiro é exatamente a ansiedade financeira. Desta forma, é necessário realçar a importância de considerar a ansiedade financeira especificamente, e atitudes financeiras, no geral, como elementos centrais em tentativas futuras de promoção do bem-estar financeiro dos portugueses.

## Quais as variáveis que mais predizem bem-estar financeiro?

### Comportamentos Financeiros

No que diz respeito aos comportamentos financeiros, alguns destes demonstraram a relação esperada com bem-estar financeiro. Porém, algumas das relações encontradas foram surpreendentes e requerem validação adicional. No entanto, ajudam-nos a abrir a porta para a relação entre estas variáveis no contexto português. De facto, se somar-mos a influência dos diferentes comportamentos, esta é a variável mais relacionada com o bem-estar financeiro subjetivo dos portugueses.

### Planeamento

Surpreendentemente, os resultados na escala de planeamento não são preditivos de níveis de bem-estar financeiro. Isto pode dever-se a algumas razões. Em primeiro lugar, como referimos anteriormente, é possível que os impactos do planeamento no bem-estar financeiro, apenas se tornem aparentes a longo prazo. Desta forma, como estamos a medir ambas estas variáveis no presente, pode levar a que não consigamos identificar esta relação, que pode apenas ser visível de forma deferida no tempo. É também possível, que a inclusão de outros comportamentos esteja a limitar o impacto do planeamento. Ou seja, pode ser que a relação do planeamento apenas se verifique quando as pessoas realmente conseguem acumular poupanças e reduzir o seu nível de endividamento, escondendo assim a importância do planeamento neste modelo.

### Gestão e Monitorização

De forma igualmente contraintuitiva, os comportamentos de gestão e monitorização apresentam uma relação significativa sim, mas em sentido inverso ao inicialmente esperado, à semelhança do que foi encontrado para o conhecimento financeiro. De facto, quanto mais comportamentos de gestão e monitorização, menores os níveis de bem-estar financeiro subjetivo. Esta relação pode dever-se à evidência referida anteriormente, de que pessoas com mais dificuldades financeiras adotam maiores níveis de comportamentos de gestão e monitorização, por necessidade. Assim, é possível que estes comportamentos derivem de uma relação complexa entre bem-estar financeiro, outras dificuldades financeiras e a tentativa de colmatar as necessidades experienciadas no presente. Estes resultados não significam que maiores comportamentos de gestão e monitorização levem a menor bem-estar financeiro, necessariamente. Mas sim, que a relação entre estes dois conceitos tem de ser melhor compreendida.

### Endividamento

Comportamentos associados a endividamento apresentaram, por sua vez, uma relação no sentido esperado com o bem-estar financeiro. De facto, pessoas com menores níveis de endividamento (representados por valores mais elevados na escala de comportamentos), apresentaram níveis mais elevados de bem-estar financeiro subjetivo. Comportamentos de endividamento foram um dos preditores principais do modelo da regressão linear, tendo um impacto explicativo similar ao impacto de mudanças nos níveis de rendimento equivalente. Este resultado indica que esta categoria de comportamentos é um alvo promissor na tentativa de promover maiores níveis de bem-estar financeiro na população portuguesa.

## Quais as variáveis que mais predizem bem-estar financeiro?

### Poupança

Os comportamentos de poupança também apresentaram uma relação significativa com o bem-estar financeiro na direção esperada. Ou seja, pessoas que reportaram mais comportamentos de poupança, reportaram também níveis mais elevados de bem-estar financeiro subjetivo. Estes resultados não nos permitem dizer conclusivamente que níveis mais elevados de poupança foram o causador destes níveis de bem-estar financeiro mais elevado.

No entanto, permitem-nos colocar esta categoria de comportamentos como uma das mais promissoras a explorar quando falamos de intervenções futuras que visem aumentar o bem-estar financeiro dos portugueses. Felizmente, como vimos anteriormente, parece existir uma variedade de fatores que influenciam a capacidade de poupanças das pessoas, nomeadamente normas sociais.

### Investimento

Neste modelo, ao incluímos comportamentos de poupança separadamente de comportamentos de investimento, verificamos que a propensão para investir não prediz bem-estar financeiro, para além das restantes variáveis, no contexto português.

### Preditores do Bem-Estar Financeiro

Como referimos na nota do modelo de regressão, 50% da variação do nível de bem-estar financeiro dos inquiridos foi explicado pelas variáveis estudadas e discutidas neste estudo. Explicar 50% de uma variável tão complexa e multidimensional como o bem-estar financeiro é um excelente resultado. Mas, claramente, isto deixa 50% desta variável por explicar, o que abre a porta para estudos futuros que aprofundem o conhecimento acerca dos preditores de bem-estar fi por expl

Resumidamente, este padrão de resultados, evidencia a complexidade inerente à tentativa de explicar um conceito como o bem-estar financeiro. Estes resultados, apesar de necessitarem de estudos adicionais de forma a aumentar o grau de confiança das conclusões a retirar, mostram que existem comportamentos financeiros extremamente importantes a predizer o bem-estar financeiro.

De facto, somando o impacto dos diferentes comportamentos financeiros no modelo, estes explicam mais variância no bem-estar financeiro do que cada uma das restantes variáveis. Para além disso, a ansiedade financeira é uma variável extremamente influente neste contexto. Por fim, as evidências surpreendentes que colocam o conhecimento financeiro como tendo uma relação negativa com o bem-estar financeiro neste modelo, requerem uma análise cuidada e abrem a porta para estudos futuros que permitam explorar ainda mais as relações entre estas variáveis.

Mas, será que aumentar o bem-estar financeiro leva, de facto, a que as pessoas sejam mais felizes?

# Bem-Estar Geral.

“A felicidade é o significado e o propósito da vida, a finalidade última da existência humana” (Aristóteles, n.d.).

Recuperamos a frase inicial deste estudo, para iniciar esta secção. O conhecido filósofo - Aristóteles - postulava que o fim último da atividade humana era a felicidade. No seu cerne, esta ideia, indica que qualquer outra atividade humana é subordinada à procura da felicidade.

Porque é que trabalhas? Para ter dinheiro.  
Porque é que queres ter dinheiro? Para conseguir cuidar da minha família, para ter mais liberdade...  
Mas porque queres essas coisas? Porque acredito que isso me faria mais feliz.

**Este curto exemplo demonstra que as nossas vidas financeiras são um objetivo intermédio na nossa procura incessante por maior bem-estar.**

De facto, mesmo o bem-estar financeiro subjetivo enquanto conceito apenas adquire valor se contribuir significativamente para a felicidade, para o bem-estar, para a satisfação com a vida.

Intuitivamente, parece fazer sentido que níveis mais elevados de bem-estar financeiro estejam associados a níveis mais elevados de bem-estar geral, no entanto existem poucas evidências atualmente que tenham avaliado esta relação de forma aprofundada.

Um desses estudos é de Netemeyer e colaboradores (2018), que ao avaliar estas variáveis verificou que o bem-estar financeiro subjetivo previa bem-estar geral com uma magnitude similar ao conjunto de outras variáveis que comumente associamos a maior bem-estar, tais como: satisfação com o trabalho, saúde física e satisfação relacional.

Isto indica que a variável do bem-estar financeiro subjetivo é candidata a assumir um papel central na sua contribuição para o bem-estar das pessoas, comparável à sua saúde física, ao seu trabalho e aspetos relacionais da sua vida, mesmo quando se controla para o nível de rendimento objetivo.

**Novamente, o bem-estar financeiro subjetivo, o que se sente e como se experiencia a vida financeira, está mais relacionado com o bem-estar geral, do que medidas financeiras meramente aritméticas, como o rendimento.**

Considerando estas evidências, no presente estudo foi avaliado se o bem-estar financeiro subjetivo também apresenta esta relação com o bem-estar geral, no contexto português.

## Como avaliar Bem-Estar Subjetivo?

### Como medimos?

De forma a avaliar se o bem-estar financeiro subjetivo também apresenta a relação anteriormente mencionada com o bem-estar geral medimos o nível de satisfação com a vida dos portugueses, utilizando a escala de Cantril (Cantril, 1965), onde os participantes têm de avaliar a sua satisfação com a vida, numa escala de 0-10 pontos, Sendo que 0 indica que estão a viver a pior vida possível e 10, que estão a viver a melhor vida possível.

Adicionalmente, questionamos se tinham experienciado significativamente algumas emoções de valência positiva e negativa no dia anterior à realização do estudo.

A utilização destas duas medidas permite captar duas dimensões claramente diferenciadas do conceito de bem-estar geral (e.g., Ferreira et al., 2021), à semelhança do Relatório Mundial de Felicidade (Helliwell et al., 2023).

Nas páginas seguintes apresentamos os resultados obtidos neste estudo relativamente a estas questões.

“Imagine uma escada com 10 degraus. O topo da escada (degrau 10) representa a melhor vida possível e a base da escada (degrau 0) representa a pior vida possível. Em que degrau da escada você diria que se encontra neste momento?”

- 0 (Pior vida possível)
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10 (Melhor vida possível)

“Experimentou algum dos seguintes sentimentos durante grande parte do dia de ontem?”

- Felicidade
- Stress
- Calma
- Preocupação
- Tristeza
- Prazer

Para cada uma das emoções indicadas, os participantes responderam “Sim” ou “Não”.

## Portugueses com maior bem-estar financeiro subjetivo experienciam mais emoções de valência positiva.

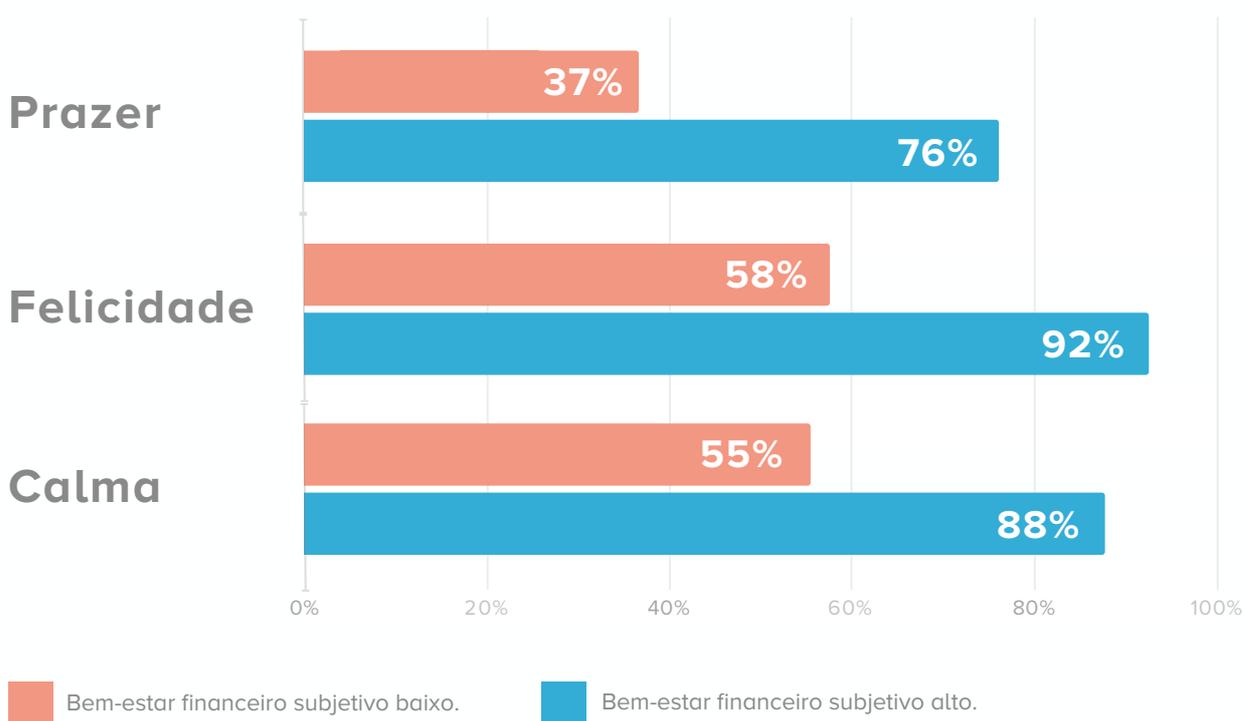
Aqui, podemos ver a comparação entre os participantes com maior e menor bem-estar financeiro, acerca das emoções experienciadas no dia anterior à participação no estudo. Para alcançar isto, dividimos a nossa amostra em 4 quartis no que diz respeito aos níveis de bem-estar financeiro e comparámos os 25% com níveis mais baixos de bem-estar financeiro com os 25% com níveis mais elevados de bem-estar financeiro.

No que diz respeito a emoções de valência positiva, verificam-se diferenças bastante elevadas entre pessoas com bem-estar financeiro alto e baixo. 76% dos portugueses com bem-estar financeiro alto, reportam ter experienciado prazer no dia anterior, enquanto apenas 37% das pessoas com bem-estar financeiro baixo o reportam.

Para além disto, 92% das pessoas com nível de bem-estar financeiro alto reportam ter experienciado felicidade, quando comparados com apenas 58% de pessoas com bem-estar financeiro baixo. No que diz respeito à emoção de calma, 88% de pessoas com bem-estar financeiro alto referiram ter experienciado essa emoção no dia anterior, enquanto apenas 55% de pessoas com bem-estar financeiro baixo o reportaram.

É assim, possível observar que os níveis de bem-estar financeiro estão altamente relacionados com as emoções positivas experienciadas pelos portugueses, sendo todas estas diferenças estatisticamente significativas.

**Figura 27.** Percentagem de pessoas que experienciaram cada emoção de valência positiva no dia anterior, para bem-estar financeiro alto e baixo.



## Portugueses com menor bem-estar financeiro têm uma probabilidade 3 vezes maior de experienciar tristeza.

No que diz respeito às emoções de valência negativa, verificaram-se também diferenças bastante elevadas entre pessoas com bem-estar financeiro subjetivo alto e baixo.

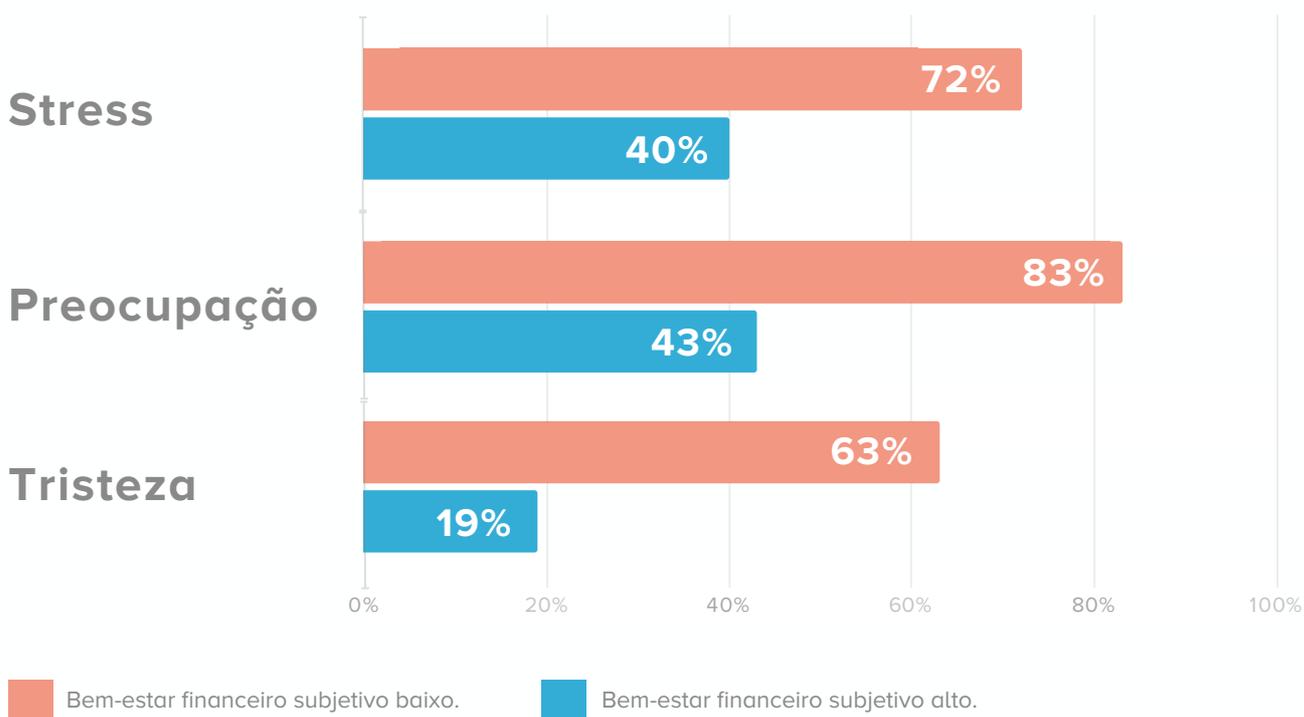
40% das pessoas com bem-estar financeiro alto reportam ter experienciado stress no dia anterior, enquanto um número bastante mais elevado, de 72% das pessoas com bem-estar financeiro baixo, o reportam, indicando uma diferença de 32% nesta métrica. Para além disto, 43% de pessoas com nível de bem-estar financeiro alto reportam ter experienciado preocupação, quando comparados com apenas 83% de pessoas com bem-estar financeiro baixo.

No que diz respeito à emoção de tristeza, 19% de pessoas com bem-estar financeiro alto referiram ter experienciado essa emoção no dia anterior, enquanto apenas 63% de pessoas com bem-estar financeiro baixo o reportaram.

Estas evidências indicam que o bem-estar financeiro subjetivo tem uma relação acentuada com a experiência emocional de valência negativa dos portugueses.

De facto, este padrão de resultados permite-nos concluir que o bem-estar financeiro é um conceito que vai bastante para além das finanças, mas que se relaciona diretamente com o bem-estar geral das pessoas.

**Figura 28.** Percentagem de pessoas que experienciaram cada emoção de valência negativa no dia anterior, pelo nível de bem-estar financeiro.



## O bem-estar financeiro é mais preditivo do bem-estar geral do que o nível de rendimento.

Na tabela abaixo, é possível observar a relação entre o bem-estar financeiro e o bem-estar geral, utilizando a escala de Cantril de satisfação com a vida, de 0 a 10. Estão representados os resultados referentes à regressão linear realizada para compreender quais as variáveis preditoras de bem-estar geral.

Neste modelo incluímos as variáveis demográficas principais recolhidas neste estudo e o bem-estar financeiro. As variáveis apresentadas na tabela correspondem às que significativamente predizem bem-estar financeiro.

Como se pode observar, mesmo quando controlamos para o impacto das variáveis demográficas, o bem-estar financeiro tem um impacto elevado no bem-estar geral. Interessantemente, o bem-estar financeiro subjetivo apresenta um valor preditivo mais elevado do que o simples nível de rendimento equivalente.

Este dado reitera a extrema importância de considerar o bem-estar financeiro subjetivo como um pilar do bem-estar em sociedade. De certa forma, questiona a ideia corriqueira de que o dinheiro (i.e., rendimento) é o aspeto mais importante das finanças pessoais.

**Tabela 2.** Regressão linear relativa aos preditores de bem-estar geral.

	$\beta$	B	SE
<b>Idade</b>	<b>0.116***</b>	<b>0.014</b>	<b>0.003</b>
<b>Rendimento Equivalente</b>	<b>0.088***</b>	<b>0.000</b>	<b>0.000</b>
<b>Bem-Estar Financeiro</b>	<b>0.553***</b>	<b>0.041</b>	<b>0.002</b>

Nota:  $R^2 = 0.367$ . Neste modelo, o  $R^2$ , indica a proporção de variabilidade do bem-estar geral que é explicada pelas variáveis preditoras neste modelo de regressão. Neste caso, cerca de 37% da variabilidade do bem-estar geral é explicado pelas variáveis presentes no modelo.

Nota 2: Os valores  $\beta$  (coeficiente estandardizado), o B (coeficiente) e o SE (erro padrão) são reportados. \*\*\* indica que os valores reportados são significativos a 0.01. Em relação ao  $\beta$ , este valor descreve quão forte é a relação entre as variáveis - quanto mais perto de 1 ou -1, mais forte é essa relação. Valores de  $\beta$  mais diferentes de 0, indicam relações mais fortes entre a variável indicada e o bem-estar geral.

## O bem-estar financeiro subjetivo é um pilar central do bem-estar geral.

O padrão de resultados encontrados no modelo de regressão anterior, evidencia a clara importância do bem-estar financeiro subjetivo para o bem-estar experienciado pelas pessoas. Pelos portugueses.

Por vezes é difícil colocar em perspetiva resultados derivados de estatísticas como as que vimos no modelo anterior. No entanto, uma das conclusões é que através do modelo anterior, considerando idade, rendimento equivalente e bem-estar financeiro, conseguimos explicar 37% da variação na variável satisfação com a vida. Conseguir explicar uma proporção tão elevada de uma variável como a satisfação com a vida, evidencia claramente a importância dos fatores financeiros na procura de uma vida preenchida e com significado.

É interessante também verificar que a idade apresenta uma relação positiva com o bem-estar geral. Esta evidência é relevante, no entanto, evidências recentes demonstram que a relação da idade com bem-estar geral é complexa e apresenta padrões variados, em diferentes países (Helliwell et al., 2024)

No que diz respeito ao aspeto financeiro, estudos anteriores relatam consistentemente a importância do rendimento no bem-estar geral das pessoas (Killingsworth et al., 2023) com uma relação significativa, mas relativamente pequena. No entanto, no presente estudo, conseguimos expandir esta descoberta, replicando os resultados de Netemeyer e colaboradores (2018) que evidencia a maior importância do bem-estar financeiro subjetivo, comparativamente ao rendimento, para o bem-estar geral das pessoas em sociedade.

**Esta evidência, da contribuição clara do bem-estar financeiro para o bem-estar geral, pode e deve ser expandida em estudos futuros.**

Será que diferentes componentes do bem-estar financeiro apresentam efeitos diferenciados no bem-estar geral das pessoas. E, será que essa relação difere de acordo com as idades e níveis de rendimento? Será que programas de promoção de bem-estar financeiro podem ter consequências reais, mensuráveis e tangíveis no bem-estar geral experienciado em Portugal?

Baseando-nos nos resultados descritos no presente estudo, podemos afirmar que sim e aproveitamos as seguintes páginas para concluir um estudo que acreditamos ser apenas um passo de um longo caminho a percorrer, de forma a aumentar o bem-estar financeiro dos portugueses.

# Conclusões.

## O que descobrimos?

Neste estudo, propusemo-nos a estudar o estado do bem-estar financeiro em Portugal.

Atualmente, em Portugal, se formos alguém com rendimentos baixos, se apenas tivermos escolaridade até ao ensino secundário e se formos do sexo feminino, é mais provável que um conjunto de observações se verifique. Por exemplo, é mais provável que pessoas nestas categorias apresentem um bem-estar financeiro subjetivo baixo, baixos níveis de conhecimento financeiro e mais ansiedade financeira. Este padrão é igualmente visível para os comportamentos financeiros conducentes a uma vida financeira mais estável, à exceção do sexo. Interessantemente, as pessoas do sexo feminino não apresentaram um nível de comportamentos financeiros significativamente diferente do outro sexo.

No entanto, como se verifica ao longo dos anos de investigação na área das finanças pessoais: Os fatores de risco andam de mãos dadas. Ou seja, os padrões de conhecimento, comportamento, rendimento, escolaridade, entre outros, andam de mãos dadas. Os ciclos intergeracionais reforçam-se nesse sentido. Em contextos com maiores níveis de bem-estar financeiro, onde se fala mais abertamente de finanças, menos ansiogénico se torna falar de dinheiro e como o gerir. Estes padrões perpetuam-se na sociedade.

**Pessoas que crescem em contextos mais desafiadores, com menos oportunidades de acesso, onde é necessário um esforço hercúleo para pagar as contas a tempo e que não saberiam como conseguiriam pagar uma despesa inesperada, mais dificilmente conseguem adquirir o conhecimento e comportamentos necessários que contribuem para promover maior bem-estar financeiro.**

Neste estudo, para além de desvendarmos como estão os portugueses em média, confirmamos que estes padrões são altamente consistentes na sociedade portuguesa.

**Quem tem mais rendimentos, sabe mais, adota mais comportamentos financeiros positivos e sente-se melhor com a sua vida financeira.**

Vimos, no entanto, que grande parte da população experiencia desafios elevados relativos à sua vida financeira. Quando consideramos que apenas 24% dos portugueses se sente satisfeito com a forma como a sua vida está a correr de um ponto de vista financeiro, que quase metade dos portugueses experiencia stress todos os dias, devido à sua condição financeira e que apenas 39% tem a certeza que conseguiria arranjar 2.000 euros se surgisse uma necessidade inesperada no próximo mês, estamos perante um cenário pouco encorajador.

Vimos também que o conhecimento financeiro em Portugal é igual ao que era na Finlândia há 10 anos atrás, e ainda é bastante inferior ao da Alemanha e Países Baixos há 15 anos atrás. Mais do que posicionarmo-nos numa hierarquia de conhecimento financeiro, conseguimos ver que o conhecimento atual dos portugueses está em níveis que outros países desenvolvidos tinham há mais de uma década. Estes números contribuem, no mínimo, para um cenário ainda menos encorajador - e reiteram a necessidade de planos de ação eficazes.

# Comentário.

“A própria falta de recursos disponíveis leva a que nos foquemos nos problemas urgentes e imediatos, e a negligenciar problemas futuros.”

De acordo com o presente estudo, aproximadamente 1 em cada 5 famílias portuguesas vive em condições de grave escassez financeira. Com efeito, cerca de 21% das famílias portuguesas não tem capacidade financeira para aquecer as suas casas enquanto que 27% tem dificuldades em cumprir as suas obrigações financeiras quando elas são devidas (configurando possíveis situações de sobre-endividamento).

As explicações mais comuns para a pobreza e sobre-endividamento centram-se no indivíduo (e.g., impulsividade e falta de autocontrolo) ou em variáveis sociais (deterioração das condições de vida, exclusão social, etc.). **Uma terceira alternativa talvez menos divulgada entre nós, é a de que a própria escassez financeira muda a forma com as pessoas encaram os seus problemas e tomam decisões.**

Quando o dinheiro é suficiente, as despesas (por exemplo, compras de supermercado) são tratadas sem grandes dificuldades ou preocupação, raramente exigindo especial atenção da nossa parte. Mas quando o dinheiro escasseia, as despesas deixam de ser facilmente pagas, ganhando um sentido de urgência. Uma ida ao supermercado ou pagar a prestação da casa, passam de ações triviais a problemas que dominam a nossa atenção e são fonte de ansiedade recorrente. Isto leva a que nos foquemos na procura de soluções para estes problemas prementes, negligenciando outros de médio/longo prazo. Enquanto nos concentramos nas compras semanais de bens essenciais podemos, por exemplo, negligenciar a dívida que acumulamos no cartão de crédito.

**Ou seja, a própria falta de recursos disponíveis leva a que nos foquemos nos problemas urgentes e imediatos, e a negligenciar problemas futuros.**

No presente estudo, 22% dos portugueses declaram ter demasiadas dívidas e 33% afirmam ter encargos mensais demasiados altos face às dívidas contraídas. A teoria da escassez pode ajudar a perceber estes números. Se as dificuldades financeiras criam um foco nas despesas urgentes para satisfação das necessidades imediatas, então a atenção será voltada para os benefícios de um empréstimo, mas não para os seus custos diferidos.

De forma mais geral, a regulação e planeamento das despesas e poupanças para atingir objetivos de médio/longo prazo, implica o exercício de autocontrolo. Contudo, o autocontrolo é como um músculo. Se for requisitado sem descanso, acaba por se esgotar. Quando resvalamos para situações de grave dificuldade financeira, as exigências de autocontrolo disparam. Não só temos que superar mais impulsos (que anteriormente podíamos satisfazer) como enfrentamos a necessidade constante de fazer concessões e procurar compromissos. Por outras palavras, tornamo-nos em malabaristas financeiros, tentando manter as nossas necessidades e obrigações financeiras num equilíbrio dinâmico e precário. Quando tais situações se arrastam no tempo, levam ao esgotamento progressivo da nossa capacidade de autocontrolo, tornando-nos, ironicamente, mais impulsivos e suscetíveis a vieses de julgamento. A tendência, no presente estudo, dos mais pobres mostrarem maior desconto hiperbólico (e a sua associação a menor bem-estar financeiro) ilustra este ponto.

# Comentário.

“É crucial desenvolver e aumentar no panorama nacional a oferta de cursos de literacia e tomada decisão financeira.”

**Em suma, quanto maiores forem e por mais tempo durarem as dificuldades financeiras (e.g., pobreza, sobre-endividamento) maior é o risco de esgotamento da capacidade de autocontrolo. Menos autocontrolo traduz-se em piores decisões financeiras, agravando as consequências adversas da escassez no bem-estar emocional e na satisfação com a vida. O risco de se entrar numa espiral negativa por um efeito bola-de-neve, é evidente e requer medidas públicas urgentes.**

Numa recente meta-análise da literatura (Almeida et al., 2024), os meus colegas e eu confirmámos que a escassez financeira impacta negativamente o funcionamento cognitivo humano. Contudo este efeito é largamente atenuado pela educação. Assim, apesar de no presente estudo não surgir como um preditor direto do bem-estar financeiro, a educação (nas suas diversas formas) constitui, provavelmente, um fator protetor crucial para que o legislador possa agir e capacitar indivíduos e famílias mais desfavorecidas.

Assim, parece-me essencial continuar um trabalho de formação que, sem descurar a necessidade de maior literacia financeira, se foque igualmente no desenvolvimento de competências que permitam evitar erros de decisão financeiros.

Neste contexto, é crucial desenvolver e aumentar no panorama nacional a oferta de cursos de literacia e tomada decisão financeira, alinhados com o referencial europeu de literacia financeira para adultos (European Union/OECD, 2022), centrados na realidade do quotidiano, e com a aplicação dos conhecimentos a situações concretas.

O que nos move é a promoção da resiliência financeira dos cidadãos face a situações de vulnerabilidade, fomentando a qualidade de vida e o bem-estar através de uma maior participação na vida económica.

**Professor Mário Ferreira**  
**Presidente do Conselho de Escola da FPUL**

## O que podemos fazer?

Para além deste padrão descritivo da situação atual em Portugal, abordamos a resposta a outra questão que nos dá mais esperança depois de alguns resultados descritos anteriormente:

### “E agora, o que podemos fazer?”

Apesar da complexidade desta questão e considerando que dificilmente um único estudo providenciará todas as respostas, este relatório serve para abriremos mais a porta ao conhecimento e à sua divulgação de forma mais acessível, clara e simples.

Descobrimos alguns dos fatores que mais contribuem para o bem-estar financeiro em Portugal. Ao analisar conhecimento, atitudes, viéses, rendimentos e vários comportamentos financeiros, encontramos várias evidências importantes.

Primeiro, quando tudo o resto é igual, o conhecimento não apresenta uma relação positiva com o bem-estar financeiro. Isto não significa que não é importante saber mais, aprender mais, conhecer mais.

**No entanto, quando esse conhecimento não implica a adoção de comportamentos, dificilmente terá um impacto positivo no bem-estar financeiro de cada pessoa. Como referimos antes, o conhecimento é uma condição necessária, mas não suficiente para alcançar um maior bem-estar financeiro.**

Segundo, as atitudes, neste caso, a ansiedade dirigida à vida financeira, está altamente relacionada com o bem-estar financeiro dos portugueses. **Esta evidência coloca em destaque a importância de considerar a pessoa no seu todo quando se fala de finanças pessoais.** Se tenho medo, se sinto ansiedade quando penso em discutir as minhas finanças, dificilmente conseguirei fazer algo para as influenciar de forma positiva.

Terceiro, os comportamentos financeiros são essenciais. Sem comportamentos ativos para influenciar a sua situação financeira, dificilmente as pessoas conseguirão melhorar o seu bem-estar financeiro. Porém, nem todos os comportamentos têm o mesmo peso e influência. No presente estudo, foram os comportamentos de poupança e de não-sobre-endividamento que se mostraram mais associados a melhores níveis de bem-estar financeiro subjetivo.

Por outro lado, os comportamentos de planeamento e de investimento não mostraram uma relação significativa com o bem-estar financeiro atual. Isto não significa que estes comportamentos não sejam importantes, mas podem, por exemplo, apenas apresentar os seus impactos no bem-estar financeiro, no futuro. Sendo impossível medir este impacto diferido no tempo, no presente estudo.

## É importante ressaltar a necessidade de investigação adicional e contínua.

Por sua vez, os comportamentos de gestão e monitorização apresentaram uma relação inversa com o bem-estar financeiro, o que se pode dever ao facto de que pessoas com níveis mais baixos de bem-estar financeiro sintam uma maior necessidade de uma gestão ativa e pormenorizada da sua vida financeira para fazerem face às suas necessidades imediatas.

Apesar do valor de descobrir todas estas relações, é importante ressaltar que todas estas necessitam de investigação adicional.

No que diz respeito aos viéses cognitivos, verificamos que, à partida, ter uma perspetiva mais a longo prazo, medida pelo desconto hiperbólico, apresenta uma relação significativa com o bem-estar financeiro. Para já, não conseguimos concluir causalidade nesta relação. Será que quem olha mais para o futuro consegue, por causa disso, alcançar maior bem-estar financeiro, ou será o oposto?

Por fim, o nível de rendimento equivalente está também relacionado com o bem-estar financeiro dos portugueses. Seria de estranhar se esse não fosse o caso. Quem tem maiores rendimentos, tem maior bem-estar financeiro. Mas é importante lembrar que existe um conjunto de outras variáveis que contribuem para o bem-estar financeiro das pessoas.

**Este estudo mostrou exatamente que é a constelação de comportamentos, atitudes, conhecimento e rendimento que levam ao nível de bem-estar financeiro subjetivo experienciado pelas pessoas.**

Mais ainda, adotou uma perspetiva focada na pessoa. Conhecimento, atitudes e comportamentos colocam o ónus do bem-estar financeiro em cada um de nós. A importância dessa perspetiva não pode ser negada, considerando os resultados deste estudo. No entanto, não podemos reduzir o bem-estar financeiro à individualidade de cada um. Cada pessoa está inserida em diversos contextos que a influenciam: A sua família, os seus amigos e conhecidos, o seu contexto laboral, o local onde vive, e o seu país.

Este estudo surge como uma tentativa de acumular evidência científica acerca do bem-estar financeiro no nosso país, através de alguns conceitos já bastante estudados a nível internacional, de forma a melhor informar ações, na tentativa de melhorar o bem-estar financeiro em Portugal.

**Na nossa perspetiva, estas ações serão tão mais bem-sucedidas quanto maior for o esforço para entender este desafio em toda a sua complexidade.**

## É essencial tomar ações concretas e tangíveis a vários níveis da sociedade.

Por fim, este estudo permitiu validar a imensa importância e contribuição do bem-estar financeiro para a felicidade das pessoas. A importância dos nossos sentimentos e percepções sobre a nossa vida financeira para a nossa felicidade é absolutamente inegável. Por isso, quando falamos de todas estas evidências, torna-se evidente que é necessário agir de forma urgente e informada para promover uma sociedade com maior bem-estar.

Quando falamos das ações necessárias para enfrentar um desafio desta escala, falamos de ações concretas e tangíveis que têm de ser tomadas a vários níveis da sociedade.

**Nível Governamental.** Precisamos de políticas públicas de promoção de literacia financeira, mas literacia financeira no seu todo, em toda a sua complexidade. Não apenas conhecimentos avulsos, como muitas vezes acontece. Precisamos de capacitar essencialmente para o comportamento e para atitudes mais positivas.

**Nível Laboral.** São necessárias iniciativas privadas que apoiem, promovam e desenvolvam projetos tendo em vista melhorar o bem-estar financeiro dos portugueses.

**Nível Educativo.** Instituições escolares e académicas desempenham um papel importante na transmissão de conhecimento e promoção de comportamentos desejados, tendo em conta a realidade das novas gerações.

**Nível Social.** O papel das redes de suporte e comunidades às quais pertencemos é crítico na vivência do quotidiano. Entidades da sociedade civil têm um papel importante no estabelecimento de pontes entre diferentes camadas da sociedade.

**Nível Individual.** É importante procurar ajuda, e saber mais quando a situação parece não ter saída. É necessário explorar, acreditar que a situação pode mudar e criarmos melhores redes de suporte, redes de suporte mais seguras

## Cultivar o bem-estar financeiro é das formas mais eficazes de ter cidadãos menos ansiosos, mais felizes e com maior bem-estar.

# Referências Bibliográficas.

Adam, A. M., Frimpong, S., & Boadu, M. O. (2017). Financial literacy and financial planning: implication for financial well-being of retirees. *Business & Economic Horizons*, 13(2).

Alfredo AI (2024). Alfredo AI - Índice Preços Residencial. [online] Available at: <https://alfredo.pt/price-index> [Accessed 26 Mar. 2024].

Ameriks, J., Caplin, A., & Leahy, J. (2003). Wealth accumulation and the propensity to plan. *The Quarterly Journal of Economics*, 118(3), 1007-1047.

Anderloni, L., & Vandone, D. (2010). Risk of over-indebtedness and behavioural factors. Department of Economics University of Milan Italy, Departemental Working Papers.

Anvari-Clark, J., & Ansong, D. (2022). Predicting financial well-being using the financial capability perspective: The roles of financial shocks, income volatility, financial products, and savings behaviors. *Journal of Family and Economic Issues*, 43(4), 730-743.

Balhorn, Nicole. (2013). Gender Differences in Perception of Spending and Financial Risk Aversion. Unpublished Thesis, Georgetown University, Washington, D.C.

Beckmann, E., & Kiesl-Reiter, S. (2023). Financial literacy and financial wellbeing: Evidence from Eastern Europe in a high inflation environment. *Journal of Financial Literacy and Wellbeing*, 1-105.

Benartzi, S., & Thaler, R. H. (2007). Heuristics and biases in retirement savings behavior. *Journal of Economic perspectives*, 21(3), 81-104.

Britt, S. L. (2016). The Intergenerational Transference of Money Attitudes and Behaviors. *Journal of Consumer Affairs*.

Brown, S., & Taylor, K. (2016). Early influences on saving behaviour: Analysis of British panel data. *Journal of banking & finance*, 62, 1-14.

Cantril, H. (1965). *The pattern of human concerns*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Conner, M., & Norman, P. (2022). Understanding the intention-behavior gap: The role of intention strength. *Frontiers in Psychology*, 13, 923464.

Collins, J. M., & Urban, C. (2018). Understanding financial well-being over the lifecycle: An exploration of measures. Unpublished Manuscript.

Disney R., Bridges S., Gathergood J. (2008), Drivers of Over-indebtedness, Report to the Department for Business, Enterprise and Regulatory Reform, CPE- The University of Nottingham, October.

de Almeida, F., Ferreira, M. B., Soro, J. C., & Silva, C. S. (2021). Attitudes toward money and control strategies of financial behavior: a comparison between overindebted and non-overindebted consumers. *Frontiers in psychology*, 12, 566594.

de Bassa Scheresberg, C. (2013). Financial literacy and financial behavior among young adults: Evidence and implications. *Numeracy*, 6(2).

Dowling, N., Corney, T., & Hoiles, L. (2009). Financial Management Practices and Money Attitudes as Determinants of Financial Problems and Dissatisfaction in Young Male Australian Workers. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 20.

Edwards, R., Allen, M. W., & Hayhoe, C. R. (2007). Financial attitudes and family communication about students' finances: The role of sex differences. *Communication Reports*, 20(2), 90-100.

Elbogen, E. B., Lanier, M., Montgomery, A. E., Strickland, S., Wagner, H. R., & Tsai, J. (2020). Financial strain and suicide attempts in a nationally representative sample of US adults. *American Journal of Epidemiology*, 189(11), 1266-1274.

Banco Central Europeu. (2022). The ECB's communication with the general public. Banco Central Europeu.

Comissão Europeia (2023). Eurobarometer. Available at: <https://europa.eu/eurobarometer/surveys/detail/2953>. [Accessed 26 Mar. 2024].

ECO (2021). Portugueses têm mais capacidade de poupar, mas um terço teme o risco da bolsa. [online] ECO. Available at: [https://eco.sapo.pt/2021/05/25/portugueses-tem-mais-capacidade-de-poupar-mas-um-terco-teme-o-risco-da-bolsa/#:~:text=Apenas%2030%25%20dos%20adultos%20em%20Portugal%20investem%20em%20ativos%20financeiros](https://eco.sapo.pt/2021/05/25/portugueses-tem-mais-capacidade-de-poupar-mas-um-terco-teme-o-risco-da-bolsa/#:~:text=Apenas%2030%25%20dos%20adultos%20em%20Portugal%20investem%20em%20ativos%20financeiros.). [Accessed 26 Mar. 2024].

Expresso (2024). Êxodo tem um 'impacto brutal': 30% dos jovens nascidos em Portugal vivem fora do país. [online] Jornal Expresso. Available at: <https://expresso.pt/sociedade/2024-01-11-Exodo-tem-um-impacto-brutal-30-dos-jovens-nascidos-em-Portugal-vivem-fora-do-pais-6b42d39c>.

Fan, L., & Henager, R. (2022). A structural determinants framework for financial well-being. *Journal of Family and Economic Issues*, 43(2), 415-428.

Fernandes, D., Lynch Jr, J. G., & Netemeyer, R. G. (2014). Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. *Management science*, 60(8), 1861-1883.

Ferreira, M. B., de Almeida, F., Soro, J. C., Herter, M. M., Pinto, D. C., & Silva, C. S. (2021). On the relation between over-indebtedness and well-being: an analysis of the mechanisms influencing health, sleep, life satisfaction, and emotional well-being. *Frontiers in Psychology*, 12.

Ferreira, M. B. (2024) Comunicação pessoal em reunião sobre o estudo Bem-Estar Financeiro em Portugal: Uma perspetiva Comportamental. Lisboa:Portugal

Fisher, P. J., & Yao, R. (2017). Gender differences in financial risk tolerance. *Journal of Economic Psychology*, 61, 191-202.

Financial Times (2020). New Research: Success is limited until DIY investors break bad habits. [online] [www.ft.com](https://www.ft.com). Available at: <https://www.ft.com/partnercontent/capital-com/new-research-success-is-limited-until-diy-investors-break-bad-habits.html>. Retrieved 26 March 2024

Frederick, S. (2005). Cognitive Reflection and Decision Making. *Journal of Economic Perspectives*, 19(4), 25-42. doi: 10.1257/089533005775196732

Frederick, S., Loewenstein, G., and O'Donoghue, T. (2002). "Time discounting and time preference: a critical review." *Journal of Economic Literature*, Vol. XL, 351-401.

Godwin, D. D., & Koonce, J. C. (1992). Cash flow management of low-income newlyweds. *Financial Counseling and Planning*, 3(1), 17-42.

Gomez-Arias, J. T. (2012). An experimental analysis of financial preferences among low income individuals (Hyperbolic Discounting Amelioration in Economically Disadvantaged Individuals).

Grable, J., Heo, W., & Rabbani, A. (2015). Financial anxiety, physiological arousal, and planning intention. *Journal of Financial Therapy*, 5(2), 2.

Hasler, A., Lusardi, A., & Valdes, O. (2021). Financial anxiety and stress among US households: New evidence from the national financial capability study and focus groups. FINRA Investor Education Foundation.

Helliwell, J. F., Layard, R., Sachs, J. D., Akin, L. B., De Neve, J.-E., & Wang, S. (Eds.). (2023). *World Happiness Report 2023* (11th ed.). Sustainable Development Solutions Network.

Helliwell, J. F., Layard, R., Sachs, J. D., De Neve, J.-E., Akin, L. B., & Wang, S. (Eds.). (2024). *World Happiness Report 2024*. University of Oxford: Wellbeing Research Centre.

Heo, W., Grable, J. E., & O'Neill, B. (2017). Wealth accumulation inequality: does investment risk tolerance and equity ownership drive wealth accumulation?. *Social indicators research*, 133, 209-225.

Iannello, P., Sorgente, A., Lanz, M., & Antonietti, A. (2021). Financial well-being and its relationship with subjective and psychological well-being among emerging adults: Testing the moderating effect of individual differences. *Journal of Happiness Studies*, 22(3), 1385-1411.

INE (2021). *Census 2021 - XVI Population Census. VI Housing Census*. [online] [www.ine.pt](http://www.ine.pt). Available at: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=65586079&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=65586079&PUBLICACOESmodo=2).

INE (2023). *Inquérito às Condições de Vida e Rendimento*. Lisboa:Portugal

Ismail, S., Kamis, R., Hashim, N., Harun, H., & Khairuddin, N. S. (2013). An empirical investigation on determinants of attitude towards saving behavior. *Procedia Economics and Finance*, 1-11.

Kempson, E., Finney, A., & Poppe, C. (2017). *Financial Well-Being A Conceptual Model and Preliminary Analysis*. 10.13140/RG.2.2.18737.68961.

Killingsworth, M. A., Kahneman, D., & Mellers, B. (2023). Income and emotional well-being: A conflict resolved. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 120(10), e2208661120.

Laicos-Behavioural Change (2023, Outubro). Pocket-Study: O impacto da Inflação [Post]. LinkedIn

Lusardi, A. (2019). Financial literacy and the need for financial education: evidence and implications. *Swiss Journal of Economics and Statistics*, 155(1), 1-8.

Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2008). Planning and financial literacy: How do women fare?. *American economic review*, 98(2), 413-417.

Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011a). Financial literacy around the world: an overview. *Journal of pension economics & finance*, 10(4), 497-508.

Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011b). Financial literacy and planning: Implications for retirement wellbeing (No. w17078). National Bureau of Economic Research.

Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *American Economic Journal: Journal of Economic Literature*, 52(1), 5-44.

Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2023). The Importance of Financial Literacy: Opening a New Field (No. w31145). National Bureau of Economic Research.

Lusardi, A., & Streeter, J. L. (2023). Financial literacy and financial well-being: Evidence from the US. *Journal of Financial Literacy and Wellbeing*, 1-30.

Lusardi, A., & Tufano, P. (2015). Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. *Journal of pension economics & finance*, 14(4), 332-368.

Lusardi, A., & Wallace, D. (2013). Financial literacy and quantitative reasoning in the high school and college classroom. *Numeracy*(2).

Mahdzan, N. S., Zainudin, R., Sukor, M. E. A., Zainir, F., & Wan Ahmad, W. M. (2019). Determinants of subjective financial well-being across three different household income groups in Malaysia. *Social Indicators Research*, 146, 699-726.

Mata, A., Ferreira, M. B., & Sherman, S. J. (2013). The metacognitive advantage of deliberative thinkers: A dual-process perspective on overconfidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(3), 353-375.

Meier, S., & Sprenger, C. (2010). Present-biased preferences and credit card borrowing. *American Economic Journal: Applied Economics*, 2(1), 193-210.

Mauldin, T. A., Henager, R., Bowen, C. F., & Cheang, M. (2016). Barriers and facilitators to saving behavior in low-to moderate-income households. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 27(2), 231-251.

Muñoz-Murillo, M., Álvarez-Franco, P. B., & Restrepo-Tobón, D. A. (2019). The Role of Cognitive Abilities on Financial Literacy: New Experimental Evidence. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 101482. doi:10.1016/j.socec.2019.101482

Netemeyer, R. G., Warmath, D., Fernandes, D., & Lynch Jr, J. G. (2018). How am I doing? Perceived financial well-being, its potential antecedents, and its relation to overall well-being. *Journal of Consumer Research*, 45(1), 68-89.

OCDE (2023). "OECD/INFE 2023 International Survey of Adult Financial Literacy", OECD Business and Finance Policy Papers, No. 39, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/56003a32-en>.

Ouellette, J. A., & Wood, W. (1998). Habit and intention in everyday life: The multiple processes by which past behavior predicts future behavior. *Psychological Bulletin*, 124(1), 54–74. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.124.1.54>

Philippas, N. D., & Avdoulas, C. (2021). Financial literacy and financial well-being among generation-Z university students: Evidence from Greece. In *Financial Literacy and Responsible Finance in the FinTech Era* (pp. 64-85). Routledge.

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2015). Determinants of financial literacy: Analysis of the influence of socioeconomic and demographic variables. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26, 362-377.

Qamar, M. A. J., Khemta, M. A. N., & Jamil, H. (2016). How knowledge and financial self-efficacy moderate the relationship between money attitudes and personal financial management behavior. *European Online Journal of Natural and Social Sciences*, 5(2), 296.

Riitsalu, L. & Murakas, R. (2019). Subjective financial knowledge, prudent behaviour and income. *International Journal of Bank Marketing*, (), IJBM-03-2018-0071–. doi:10.1108/IJBM-03-2018-0071

Riitsalu, L & van Raaij, F. (2020). Self-control, future time perspective and savings -The keys to perceived financial well-being.

Riyazahmed, D. K. (2021). Does financial behavior influence financial well-being?. *Journal of Asian Finance, Economics, and Business (JAFEB)*, ISSN, 2288-4637.

Ruggeri, K., Ashcroft-Jones, S., Abate Romero Landini, G., Al-Zahli, N., Alexander, N., Andersen, M. H., ... & Stock, F. (2023). The persistence of cognitive biases in financial decisions across economic groups. *Scientific Reports*, 13(1), 10329.

Rutherford, L. G., & Fox, W. S. (2010). Financial Wellness of Young Adults Age 18–30. *Family & Consumer Sciences*, 38(4), 468-484.

Sabri, M. F., Reza, T. S., & Wijekoon, R. (2020). Financial management, savings and investment behavior and financial well-being of working women in the public sector. *Majalah Ilmiah Bijak*, 17(2), 135-153.

Shapiro, G. K., & Burchell, B. J. (2012). Measuring financial anxiety. *Journal of Neuroscience, Psychology, and Economics*, 5(2), 92.

Shim, S., Xiao, J. J., Barber, B. L., & Lyons, A. C. (2009). Pathways to life success: A conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of applied developmental psychology*, 30(6), 708-723.

Sierminska, E. M., Frick, J. R., & Grabka, M. M. (2010). Examining the gender wealth gap. *Oxford Economic Papers*, 62(4), 669-690.

Silva, C. M. D. (2023). A influência da literacia financeira sobre o comportamento financeiro: planear, poupar e investir (Masters dissertation).

Simon, C. J., Warner, J. T., & Pleeter, S. (2015). Discounting, cognition, and financial awareness: New evidence from a change in the military retirement system. *Economic Inquiry*, 53(1), 318-334.  
<https://doi.org/10.1111/ecin.12146>

Sivaramakrishnan, S., & Srivastava, M. (2019). Financial well-being, risk avoidance and stock market participation. *International Journal of Financial Services Management*, 9(4), 326-344.

Sorgente, A., & Lanz, M. (2017). Emerging adults' financial well-being: A scoping review. *Adolescent research review*, 2, 255-292.

Sorgente, A., & Lanz, M. (2019). The multidimensional subjective financial well-being scale for emerging adults: Development and validation studies. *International Journal of Behavioral Development*, 43(5), 466-478.  
<https://doi.org/10.1177/0165025419851859>

Sorgente, A., Atay, B., Aubrey, R.M., Bhatia, S., Crespo, C., Fonseca, G., ... & Lanz, M. (2024). One (Financial Well-Being) Model Fits All? Testing the Multidimensional Subjective Financial Well-Being Scale Across Nine Countries. *Journal of Happiness Studies*, 25(1), 13.

Trkulja, I., & Tadic, L. (2021). Financial anxiety and saving intentions during the Covid-19 crisis: A comparison between Sweden and Serbia.

Turunen, E., & Hiilamo, H. (2014). Health effects of indebtedness: a systematic review. *BMC public health*, 14, 1-8

Vasudeva, S. (2021). Predictors of retirement saving behavior. *IUP Journal of Applied Finance*, 27(4), 54-72.

Warth, J., Puth, M. T., Tillmann, J., Porz, J., Zier, U., Weckbecker, K., & Münster, E. (2019). Over-indebtedness and its association with sleep and sleep medication use. *BMC public health*, 19, 1-15.

West, R., & Michie, S. (2020). A brief introduction to the COM-B Model of behaviour and the PRIME Theory of motivation [v1]. *Qeios*.

Xiao, J. J., & O'Neill, B. (2018). Propensity to plan, financial capability, and financial satisfaction. *International Journal of Consumer Studies*, 42(5), 501-512.

# Apêndices.

# Nota Metodológica.

## Bem-Estar Financeiro em Portugal: Uma Perspetiva Comportamental.

O objetivo geral deste estudo prende-se com compreender os níveis de bem-estar financeiro, com incidência em comportamentos financeiros e componentes psicológicas, de uma amostra demograficamente representativa da população portuguesa.

De forma a garantir uma amostra demograficamente representativa de Portugal, utilizou-se o método de recolha de amostragem por quotas, comumente utilizado em sondagens de opinião em Portugal, utilizando os seguintes parâmetros para definir as quotas amostrais: Sexo, Idade, Zona geográfica e Nível de Rendimento por Adulto Equivalente.

O cálculo da amostra do estudo teve em conta um intervalo de confiança equivalente de 95%, com uma margem de erro de 3.5%. Assim, foram recolhidas **800 respostas válidas de pessoas entre os 18 e 75 anos com nacionalidade Portuguesa e a residir em Portugal à data da participação no estudo.**

A quotas e as questões utilizadas para as variáveis demográficas foram retiradas dos Censos de 2021 (INE, 2021) e do Inquérito às Condições de Vida e Rendimento de 2023 (ICOR: INE, 2023), de forma a assegurar a validade das mesmas. As variáveis de idade, escolaridade e Rendimento por Adulto Equivalente foram informadas pelas práticas realizadas pela OCDE no seu mais recente relatório de literacia financeira (OCDE, 2023) de forma a assegurar a validade das mesmas.

A recolha de dados foi realizada por uma empresa parceira com vasta experiência neste tipo de metodologias de recolha de dados: Pontis - Ponte de Informação e Serviços Lda.

Este estudo foi realizado com a chancela científica de duas instituições de ensino superior - Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e NOVA Information Management School (NOVA IMS) - garantindo rigor científico na sua conceção e na análise e interpretação de resultados.

O estudo foi construído com base em literatura científica relevante e com recurso a instrumentos aferidos e validados para a população portuguesa, quando disponíveis, de forma a assegurar a validade científica dos construtos medidos.

Alguns dados apresentados serão também contextualizados face a parâmetros de outros países. Note-se, no entanto, que este não é o foco do presente relatório, uma vez que muitas das variáveis utilizadas são estudadas de forma diferente em diversos países, não permitindo transformações fáceis, nem comparações válidas cientificamente. Para além disso, estudos realizados em momentos diferentes, com metodologias e formulações de questões ligeiramente distintas podem impactar significativamente os resultados obtidos e tornar qualquer comparação, com validade científica, inválida.

## Bem-Estar Financeiro em Portugal: Uma Perspetiva Comportamental.

Este estudo está dividido em duas principais componentes. Uma parte inicial descritiva, em que descrevemos o estado atual do nosso país em diversas variáveis relevantes - bem-estar financeiro, conhecimento financeiro, comportamentos financeiros, entre outras - e identificamos diferenças estatisticamente significativas entre grupos demográficos nessas variáveis.

É importante ressaltar que estas diferenças entre grupos não implicam necessariamente uma relação causal. Mesmo que se verifiquem diferenças estatisticamente significativas entre grupos, tal não indica que seja a característica demográfica em estudo que cause essa diferença. Estes resultados, particularmente acerca do sexo, devem ser interpretados com cautela, uma vez que não representam necessariamente diferenças biológicas, mas podem ser reflexo de padrões e normas sociais vigentes em Portugal e presentes noutros países do mundo. Ainda assim, serão feitas algumas considerações, sempre com responsabilidade ética.

As diferenças entre grupos demográficos podem dever-se à presença de outras variáveis que variam na mesma direção que a variável medida, mas que estão “escondidas”. Desta forma, apesar de ser extremamente valioso identificar possíveis diferenças demográficas entre as variáveis em estudo, de forma a descrever o estado atual destes diferentes grupos em Portugal, é importante ser cauteloso ao retirar conclusões causais.

Numa segunda parte, para além de descrever, queremos perceber quais são as variáveis mais relevantes a prever o bem-estar financeiro. Dessa forma, nas secções finais, utilizamos métodos estatísticos (regressão linear) que permitem estudar a relação entre variáveis, controlando para o efeito das restantes.

Ou seja, nesse contexto é possível verificar se uma variável como o sexo, está significativamente relacionada com outra variável, como o bem-estar financeiro, se todas as outras variáveis se mantivessem iguais e qual o tamanho relativo desse efeito.

Esta abordagem permite identificar com mais clareza quais as variáveis que melhor predizem alterações noutra variável. No entanto, quando falamos destes modelos estatísticos, eles não indicam causalidade, mas sim a presença, ou não, de uma relação significativa. Isto quer dizer que quaisquer ilações retiradas acerca da direção da relação entre estas variáveis deriva do nosso entendimento anterior das mesmas, alicerçado em evidência anterior, mas não deriva diretamente do modelo estatístico utilizado. É importante realçar que, na maior parte das vezes, as relações entre variáveis nas ciências sociais, adquirem algum grau de bidirecionalidade.

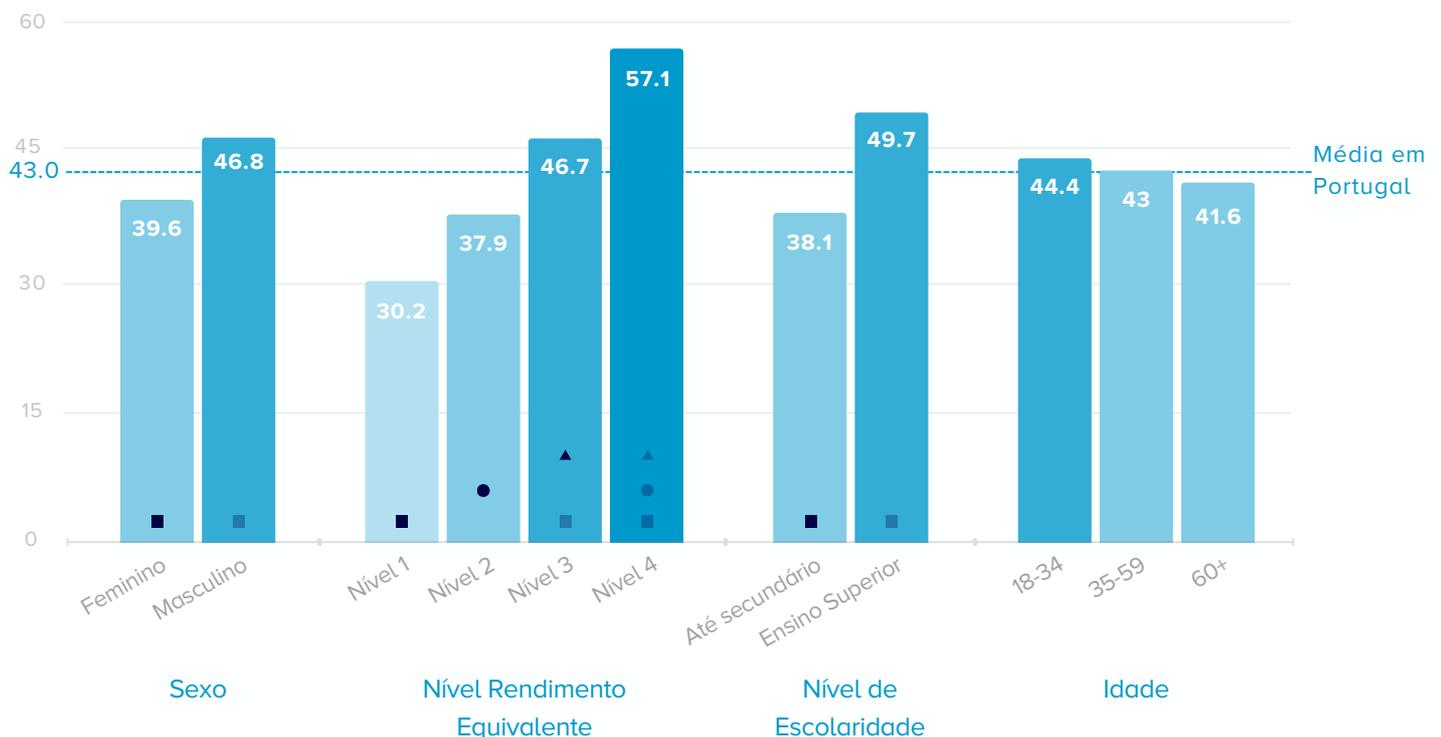
Assim, mesmo quando falamos de predição de variáveis, e mesmo que consideremos que a relação causal existe numa direção, por exemplo, mais comportamentos financeiros positivos levam a um maior bem-estar financeiro, é necessário considerar que essa é uma interpretação dos investigadores que, apesar de plausível, não é uma evidência dada pelo modelo estatístico utilizado. De forma a testar causalidade entre variáveis é necessário realizar estudos experimentais com metodologias diferentes da utilizada no presente estudo. Acreditamos, no entanto, que este estudo é um passo importante para informar esses estudos e ações futuras nesta área.

Para mais informações ou questões, contacte: [research@laicos.pt](mailto:research@laicos.pt)

# Nota Estatística.

Ao longo do presente estudo vai encontrar gráficos como o que se encontra aqui. Se está aqui é porque quer entender totalmente o que eles significam. De seguida, explicamos dando um exemplo com dados inventados.

**Figura B1.** Exemplo da estrutura dos gráficos, com níveis de significância fictícios.



Para além das componentes normais, vai ser possível observar a presença de uns símbolos “especiais”:



Para perceber o que eles significam é preciso perceber resumidamente o conceito que eles representam - **significância estatística**. Este conceito é relevante porque, por vezes, pode haver diferenças numéricas entre grupos, que parecem “reais”, mas na verdade essa diferença deve-se apenas ao acaso. Este conceito, indica-nos o grau de probabilidade de que as diferenças observadas são estatisticamente “reais” e não decorrentes do acaso.

O grau de significância utilizado neste estudo foi de 5%, o que quer dizer que consideramos uma diferença estatisticamente significativa quando a probabilidade dessa diferença ser “falsa” é inferior a 5%. Ou seja, podemos afirmar com 95% de certeza que as diferenças observadas entre grupos não se devem ao acaso.

Se encontrar um dos seguintes símbolos opacos de cor mais escuros numa das barras de um gráfico, como estão aqui representados:



Isso significa que estamos a comparar os restantes grupos de uma variável com esse grupo. Nesse caso, se as outras barras do gráfico da mesma variável tiverem o símbolo com a forma correspondente, mas de cor mais clara, como estão representados de seguida:



Isso quer dizer que as diferenças entre esses grupos são estatisticamente significativas. Ou seja, que temos mais de 95% de certeza que essas diferenças se verificam realmente na população em estudo, neste caso, portuguesa.

Vamos ver um exemplo:

No gráfico à direita estamos a comparar as diferenças na variável Sexo, entre Feminino e Masculino.

Neste caso, o símbolo na barra relativa ao grupo Feminino está mais escuro e a do grupo Masculino está mais clara.

Isto quer dizer que as diferenças entre estes dois grupos são estatisticamente significativas. Sim, podemos afirmar com 95% de certeza, que as pessoas do sexo masculino apresentam níveis significativamente mais altos de bem-estar financeiro em Portugal, do que as do sexo feminino



Vamos ver um exemplo ligeiramente mais complexo na página seguinte, para assegurar que consegue interpretar todos os gráficos daqui para a frente.

Aqui podemos ver o bem-estar financeiro dos portugueses com diferentes níveis de rendimento (1 a 4). Ou seja, temos 4 grupos na variável rendimento.

Como se pode observar, o nível 1 apresenta o símbolo do quadrado mais escuro: ■

Também vimos que os níveis 3 e 4 apresentam quadrados mais claros: □

O que indica que o grau de bem-estar financeiro entre o nível 1 e o nível 3 é significativamente diferente e o mesmo se verifica entre o nível 1 e o nível 4.

No entanto, é importante ressaltar que isso não significa que os níveis 3 e 4 sejam também significativamente diferentes entre si. Para saber isso, temos de olhar para o símbolo mais escuro do nível 3, o triângulo: ▲

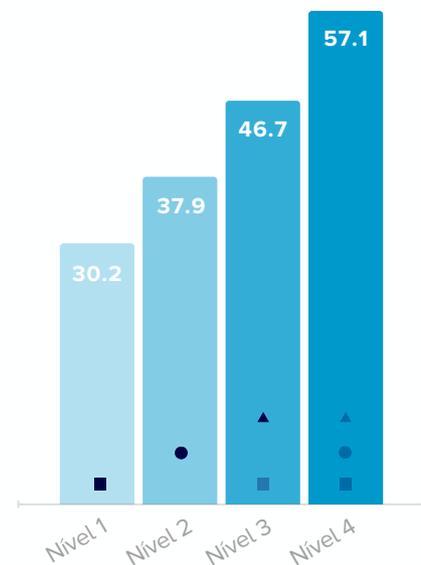
Ao ver que o nível 4 possui também um símbolo mais claro igual ao símbolo mais escuro do nível 3, então sabemos que a diferença entre estes é significativa.

A regra geral é a seguinte: **Se diferentes grupos de uma mesma variável apresentarem símbolos iguais, sendo um mais escuro e um mais claro, então a sua diferença é estatisticamente significativa. Se não, então a sua diferença não é estatisticamente significativa.**

Neste exemplo, podemos observar que a diferença entre nível 1 e 2 não é estatisticamente significativa, tal como a diferença entre o nível 2 e 3 também não.

**Importante:** Estas comparações são válidas apenas dentro das mesmas variáveis. Ou seja, não podemos comparar o sexo masculino com o nível de rendimento 1. Ou seja, podemos comparar níveis de rendimento entre si, diferentes faixas etárias entre si, mas não uma com a outra.

Esperamos que esta nota ajude a pessoa leitora a compreender com mais facilidade os gráficos apresentados neste estudo.



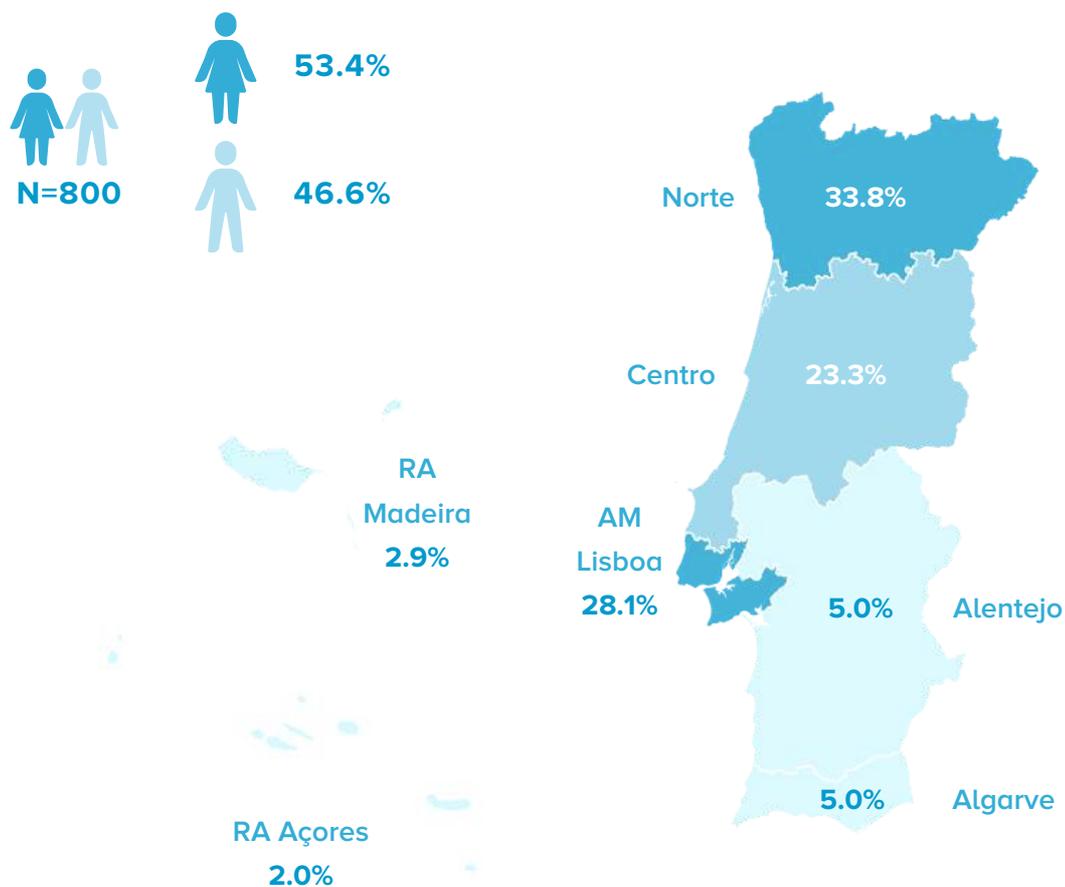
# Caracterização Demográfica

## Sexo e Zona Geográfica.

Do total de 800 inquiridos com naturalidade portuguesa e a residir em Portugal à data de participação no presente estudo, cerca de 53% reportaram ser do sexo feminino e 47% do sexo masculino, congruente com a distribuição entre sexos em Portugal.

Relativamente à distribuição geográfica, a maior porção de população que participou neste estudo reportou residir na região Norte, Centro ou Área Metropolitana de Lisboa, perfazendo um total aproximado de 85%. Esta distribuição equivale à distribuição geográfica da população portuguesa. Para mais detalhes acerca das outras regiões, consulte o mapa abaixo representado.

**Figura C1.** Taxas demográficas no presente estudo, relativas a sexo e a distribuição geográfica.



## Idade.

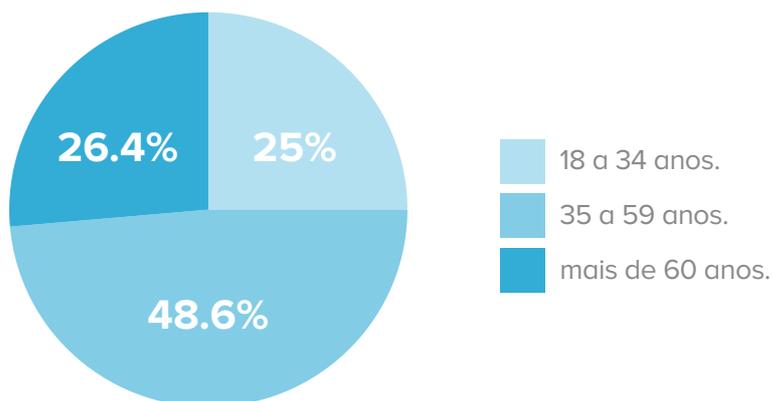
Relativamente à idade da amostra recolhida, os intervalos com menor percentagem encontram-se nas extremidades da escala: 0.9% reportou ter 18 ou 19 anos e 16% reportou ter entre 65 e 75 anos, como se pode verificar na tabela abaixo representada. O mínimo reportado foi de 18 anos e o máximo de 75 anos.

Segundo o intervalo de idades da OCDE utilizado na realização das análises estatísticas com outras variáveis, a maior porção de população que participou no estudo reportou ter entre 35 e 59 anos, como se pode verificar no gráfico circular abaixo representado.

**Tabela C1.** Taxas demográficas no presente estudo, relativas a intervalos de idade utilizados nos Censos 2021 (INE, 2023).

entre 65-75 anos	<b>16%</b>
entre 55-64 anos	<b>20.1%</b>
entre 45-54 anos	<b>20.5%</b>
entre 35-44 anos	<b>18.4%</b>
entre 20-34 anos	<b>24.1%</b>
ente 18 e 19 anos	<b>0.9%</b>

**Figura C2.** Taxas demográficas no presente estudo, relativas a intervalos de idade utilizados pela OCDE.



## Nível de Escolaridade Completa.

Relativamente ao nível de escolaridade da amostra recolhida, apenas 1 pessoa reportou não ter nenhum nível de escolaridade completa, sendo que a maior porção de população que participou no estudo reportou ter o ensino secundário ou o ensino superior completos, perfazendo um total de aproximadamente 84%, como se pode verificar na tabela abaixo.

Portugal é um dos 24 países da OCDE onde o ensino superior é o nível de escolarização mais comum entre os jovens (OCDE, 2022).

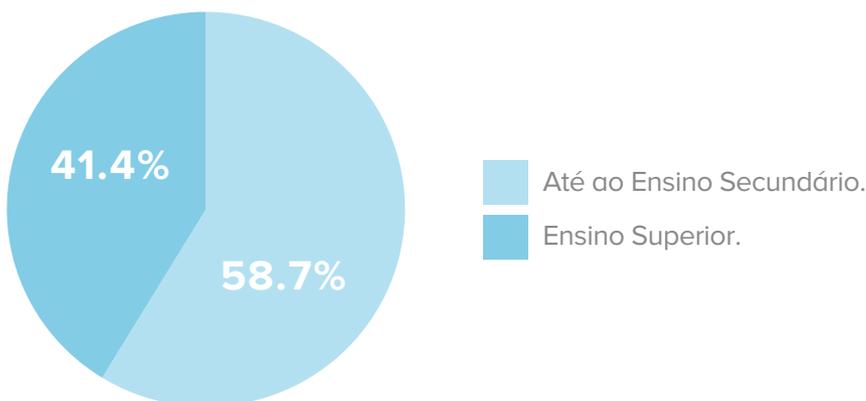
No entanto, a OCDE lembra que existem ainda 17% de jovens entre os 25 e os 34 anos que não concluíram o ensino secundário (OCDE, 2022).

Estes dados são importantes, uma vez que sabemos que maiores níveis de qualificação permitem melhores perspetivas de emprego, maiores níveis salariais e maior capacidade de ultrapassar mais rapidamente situações de desemprego.

**Tabela C2.** Taxas demográficas no presente estudo, relativas a níveis de escolaridade.

Ensino Básico 1º ciclo	<b>1.9%</b>
Ensino Básico 2º ciclo	<b>2.9%</b>
Ensino Básico 3º ciclo	<b>11.5%</b>
Ensino Secundário	<b>42.5%</b>
Ensino Superior	<b>41.1%</b>
Nenhum	<b>0.1%</b>

**Figura C3.** Taxas demográficas no presente estudo, relativas a níveis de escolaridade utilizados pela OCDE.



## Principal Fonte de Rendimento nos últimos 12 meses.

Relativamente ao rendimento, começamos por apresentar a principal fonte de rendimento dos portugueses nos últimos 12 meses, sendo que a maioria da amostra (≈58%) reportou estar empregada por conta de outrem à data de participação no estudo. Dos 8.2% de pessoas desempregadas à data de participação neste estudo, apenas 3% reportou usufruir do subsídio de desemprego.

Quanto ao apoio da Segurança Social destinado a pessoas em situação de pobreza extrema, cerca de 2% de pessoas reportou usufruir do rendimento social de inserção.

Dados de indicadores da OCDE de 2022 revelam que a taxa de empregabilidade total da OCDE foi de aproximadamente 69% e em Portugal, a percentagem de população em idade de trabalhar foi de aproximadamente 71% a trabalhar por conta de outrem e a taxa de trabalho por conta própria foi de aproximadamente 15%.

Portugal tem ainda a oitava idade da reforma mais alta dos países da OCDE, rondando os 66 anos e 6 meses (OCDE, 2023).

**Tabela C3. Taxas relativas à principal fonte de rendimento dos respondentes no presente estudo.**

Trabalho por conta de outrem	<b>57.6%</b>
Reforma/Pensão	<b>15.9%</b>
Trabalho por conta própria	<b>7.9%</b>
Nenhum (desemprego sem subsídio)	<b>5.1%</b>
A cargo da família	<b>4.9%</b>
Subsídio de desemprego	<b>3.1%</b>
Rendimento social de inserção	<b>1.8%</b>
Outro subsídio temporário (doença, maternidade, etc.)	<b>1.5%</b>
Rendimento de propriedade/empresa	<b>1.5%</b>

## Nível de Rendimento por Adulto Equivalente.

Relativamente ao nível de rendimento equivalente calculado através da fórmula da OCDE e segundo os intervalos estabelecidos pelo ICOR (INE, 2023), a amostra foi recolhida de forma a contemplar 25% em cada um dos quatro níveis de rendimento equivalente, como se pode verificar na figura abaixo representada.

Excluindo desemprego sem subsídio (0€), o valor mínimo de rendimento por adulto equivalente reportado pela amostra foi de 1.143€ e o valor máximo de 66.545€.

De notar que a taxa de risco de pobreza correspondia, em 2022, à proporção de habitantes com rendimentos por adulto equivalente inferiores a 7.095€ anuais (INE, 2023).

**Figura C4.** Taxas demográficas no presente estudo, relativas aos níveis de rendimento por adulto equivalente, retirados do ICOR 2023 (INE, 2023).

